

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E
AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

REBECCA DOS SANTOS LIMA

EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA NA PRÁTICA DO *CROSSFIT*:
Processos intersubjetivos e estéticos

BELÉM- PARÁ
2018

REBECCA DOS SANTOS LIMA

EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA NA PRÁTICA DO *CROSSFIT*:
Processos intersubjetivos e estéticos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação.

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro

BELÉM-PARÁ
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D722e Dos Santos Lima, Rebecca
 Experiência comunicativa na prática do CrossFit : Processos intersubjetivos e estéticos /
 Rebecca Dos Santos Lima. — 2018
 123 f. : il. color

 Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM),
 Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
 Orientação: Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro
 1. Estética. 2. Intersubjetividade. 3. Tipificação. 4. CrossFit. I. Fonseca de Castro, Fábio,
 orient. II. Título

CDD 658.45

REBECCA DOS SANTOS LIMA

EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA NA PRÁTICA DO *CROSSFIT*:
Processos intersubjetivos e estéticos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal
do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Ciências da Comunicação.

RESULTADO: () APROVADO () REPROVADO

Data: 18 de abril de 2018

Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro – Orientador – (PPGCom/UFPA)

Profa. Dra. Elaide Martins da Cunha (PPGCom/UFPA)

Profa. Dra. Manuela do Corral Vieira (PPGCom/UFPA)

Profa. Dra. Denise Machado Cardoso (PPGSA/UFPA)

BELÉM-PARÁ
2018

*À Manuela, que me trouxe este objeto, dias
melhores e sonhos*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Leila, pela dedicação de uma vida inteira, que me conduziu até aqui.

À Manuela Genú, agradeço pelo que não caberia nestas páginas.

Ao meu orientador, Fábio Castro, por acreditar nesta proposta, pela confiança, pelo apoio e pela sua paciência inesgotável.

Aos amigos-irmãos Hans Costa e Aline Freitas, pelo apoio incondicional, pelos incentivos e pelos momentos de tanta alegria, companheirismo e cumplicidade que vivemos juntos nesses dois anos.

Aos amigos Larissa Santos, Luciana Hage, Sergio Ferreira Junior e Luana Laboissiere, pelo apoio, pela confiança no compartilhamento das dores e prazeres acadêmicos e pessoais vividos nesses dois anos.

Às professoras Manuela Corral e Elaide Martins, por aceitarem avaliar este trabalho e contribuírem para seu desenvolvimento e para os desdobramentos que ele terá.

À professora Danila Cal, por ter me ensinado de forma sensível a prática da docência, durante o estágio.

À Juliana Ranieri, por toda solicitude.

À Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará (Fapespa) pelo financiamento desta pesquisa.

*Em todos os casos, e é isso que é importante,
reconhecemo-nos em outros, a partir de outros*

(Michel Maffesoli)

RESUMO

Esta pesquisa parte da inserção da pesquisadora em um box de *CrossFit*, observando e experienciando os momentos pré, durante e pós-treinos, na busca por compreensões que apreendam as experiências comunicativas produzidas entre os praticantes do esporte. Estas interações simbólicas da vida corrente de uma microssociedade urbana contemporânea serão descritas por meio de relato etnográfico. A partir da percepção de dimensões intersubjetivas de pertencimento e de produção de significados afetivos, discutiremos os dados de campo a partir de um referencial teórico que compreende as noções de Estética (Maffesoli), Intersubjetividade (Schutz), Tipificação (Schutz) e Conflito (Simmel), relacionadas aos usos do Corpo (Mauss) e suas Performances (Schechner). Esse referencial teórico nos parece propício para interpretar os fenômenos comunicativos percebidos durante a pesquisa de campo, já que o estudo da intersubjetividade corresponde a uma perspectiva nova de análise de fenômenos comunicacionais. Essa abordagem compreende a comunicação como o fenômeno estruturante das mediações culturais da vida social. Portanto, aqui intencionamos abordar a comunicação enquanto conhecimento que se insere na esfera da ação da experiência humana, atrás daquilo que é relacional e compartilhado.

Palavras-chave: Estética. Intersubjetividade. Tipificação. *CrossFit*

ABSTRACT

This research is part of the researcher's insertion in a *CrossFit* box, observing and experiencing the moments during, during and after training, in the search for understandings that understand the communicative experiences produced among the practitioners of the sport. These symbolic interactions of the current life of a contemporary urban micro-society will be described through an ethnographic account. From the perception of intersubjective dimensions of belonging and production of affective meanings, we will discuss the field data from a theoretical reference that includes the notions of Aesthetics (Maffesoli), Intersubjectivity (Schutz), Typification (Schutz) and Conflict (Simmel), related to the uses of the Body (Mauss) and its Performances (Schechner). This theoretical reference seems to us propitious to interpret the communicative phenomena perceived during field research, since the study of intersubjectivity corresponds to a new perspective of analysis of communicative phenomena. This approach comprises communication as the structuring phenomenon of cultural mediations of social life. So here we intend to approach communication as knowledge that falls within the sphere of the action of human experience, behind that which is relational and shared.

Keywords: Aesthetics. Intersubjectivity. Typification. *CrossFit*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Hematomas nas mãos de uma aluna do <i>box CrossFit Strict</i>	15
Figura 2 - Valores de plano de musculação na Academia BioWellness	18
Figura 3 - Valores de plano de musculação na Carmen Academia	19
Figura 4 - Lista de <i>boxes</i> afiliados no site da <i>CrossFit Inc.</i>	26
Figura 5 - Mapa de <i>boxes</i> afiliados no site da <i>CrossFit Inc.</i>	27
Figura 6 - Publicação feita no perfil do <i>Instagram</i> do <i>box CrossFit Strict</i>	30
Figura 7 - <i>Staff</i> inicial do <i>Crosfit Strict</i>	31
Figura 8 - Quadro de horário das turmas	32
Figura 9 - Tabela com valores dos planos de treino	32
Figura 10 - Equipamentos do <i>box</i>	33
Figura 11 - Fachada do <i>box</i>	34
Figura 12 - Imagens internas do <i>box</i>	35
Figura 13 - Quadro com os horários das turmas.....	36
Figura 14 - Alunos compartilhando seus resultados no grupo do <i>WhatsApp</i>	37
Figura 15 - Alunos convidando para a turma de “ABS”	38
Figura 16 - Aplicativo de consulta de treino do dia	39
Figura 17 - Foto feita no meu primeiro dia de treino	51
Figura 18 - Resposta de Manuela à fotografia anterior.....	52
Figura 19 - Mensagem de boas-vindas ao grupo do <i>CrossFit Strict</i>	52
Figura 20 - Blusa confeccionada pela equipe para a competição.....	55
Figura 21 - Equipe discutindo estratégia de competição.....	57
Figura 22 - <i>Coach</i> explicando os movimentos do WOD	59
Figura 23 - Premiação masculina no pódio	60
Figura 24 - Minutos antes do início da competição.....	62
Figura 25 - Ferimento causado pela subida de corda	63
Figura 26 - Posicionamento do celular para a transmissão ao vivo da competição	66
Figura 27 - Interação das alunas com os espectadores ao vivo	67
Figura 28 - Administrador do <i>box</i> transmitindo a competição ao vivo.....	68
Figura 29 – J. V. dentro da área de competição	70
Figura 30 - Pontuação das equipes ao final da competição.....	71
Figura 31 - Realização da prova de remo para desempate entre equipes	74
Figura 32 -Minutos finais da competição	76

Figura 33 - Comemoração da equipe vencedora	77
Figura 34 - Equipes do 1° e 2° lugar comemorando juntas	78
Figura 35 - Momento de homenagem a todas competidoras	79
Figura 36 - Aluna demonstrando prazer no conflito.....	84
Figura 37 - Calos nas mãos: uma tipificação de ser <i>crossfitter</i>	88
Figura 38 - Tênis <i>Reebok</i> : outra tipificação de ser <i>crossfitter</i>	89
Figura 39 - Aluno sendo pressionado a comprar um Nano	90
Figura 40 - Alunos do <i>box</i> praticando outros esportes	91
Figura 41 - Tênis <i>Reebok</i> que comprei para treinar.....	92
Figura 42 - Alunos comparando os resultados de seus treinos.....	96
Figura 43 - Exemplo do treinar junto enquanto conflito	97
Figura 44 -Competição em comemoração do aniversário do <i>box</i>	99
Figura 45 - Alunos auxiliando colegas na competição.....	102
Figura 46 - Ficha de avaliação dos competidores	103
Figura 47 - Irmãos T. B. e J. V. após a competição	104
Figura 48 - Alunos praticando o movimento <i>handstand walking</i>	108
Figura 49 - Material de treino produzido pelo próprio aluno	109
Figura 50 - Relatos dos alunos sobre suas superações	113
Figura 51 - Alunos exibindo os corpos tipificados através do sacrifício.....	114
Figura 52 – Registros dos nomes e datas dos alunos que se machucaram nas caixas.....	115

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	APROXIMAÇÕES AO <i>CROSSFIT</i>	21
2.1	Delimitando o objeto	21
2.2	Sobre o <i>CrossFit</i>.....	23
2.3	Sobre o <i>box CrossFit Strict</i>.....	29
2.4	Perspectivas metodológicas	41
3	AGUENTANDO A BARRA QUE É GOSTAR DE <i>CROSSFIT</i>	49
3.1	Aproximações e tensões	49
3.2	O ambiente interativo	53
3.3	Questões do corpo	63
4	<i>CROSSFIT</i>: FORTALECENDO BRAÇOS E LAÇOS	81
4.1	Elementos intersubjetivos, estéticos e tipificados	81
4.2	Sociação, conflito e estética.....	94
4.3	Corpos tipificados e performáticos	106
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
	APÊNDICE A - GLOSSÁRIO DO <i>CROSSFIT</i>.....	123

1 INTRODUÇÃO

Início este trabalho explicitando os caminhos que me conduziram a este objeto de estudo e à escolha deste tema. A começar, resalto meu total distanciamento de um objeto que tenha aspecto esportivo antes dessa incursão, pois nunca pratiquei rotineiramente nenhuma atividade física - não com empenho ou prazer, ao menos. Nem nunca me incomodei com o sedentarismo. Sequer frequentava as aulas da disciplina de Educação Física na época escolar.

Até arrisquei uma vez, durante a adolescência, frequentar uma academia de musculação. Na verdade, tentei três academias diferentes. Todas tentativas falhas. Bem mais do que a motivação, o tédio e a preguiça eram maiores em mim. Por sempre ter sido magra durante esse período e também ter tido uma boa saúde, não enxergava atividade física como uma necessidade ainda.

Porém, atualmente namoro alguém para quem atividades físicas são indispensáveis: a Manuela. Esse “atualmente” já tem mais de quatro anos e quanto mais o tempo passou, maior se tornou o interesse da Manuela em que eu praticasse algum esporte junto com ela. Diferentemente de mim, Manuela já praticou dança, vôlei, natação e, desde que a conheci, ela praticava musculação em uma academia no seu bairro, a Carmen Academia¹.

A Manuela, por inúmeras vezes, tentou fazer com que eu encontrasse prazer em praticar alguma atividade física, tanto por ela gostar de praticá-las e pensar que isso seria um prazer a mais compartilhado por nós, enquanto casal, quanto porque, com o namoro, os passeios que envolvem lanches, almoços ou jantares se tornam mais numerosos - sendo, para mim, os preferidos. Com isso, eu já não estava tão magra quanto era quando a conheci e, tampouco, ela. Tentamos, então, patinação e ciclismo, nos quais eu até encontrei entusiasmo. Porém, a pavimentação asfáltica de nossa cidade não colaborou, da mesma forma que a ausência de ciclovias e a falta de segurança pública também não.

Costumávamos pedalar e/ou patinar aos finais de semana pela orla da cidade, onde escapamos uma vez de ser assaltadas durante essas atividades, inclusive. Desde, então, não o fizemos mais. É receoso para nós investir em bons equipamentos para praticar esportes ao ar livre, em Belém² ou Ananindeua, seja pelas péssimas condições das vias ou pelo risco constante de sermos subtraídas. Eu, portanto, continuei sedentária, ao passo que Manuela

¹ Localizada no bairro Cidade Nova, na cidade de Ananindeua, no endereço travessa WE 45, número 247.

² “Município brasileiro e capital do estado do Pará, situado na região Norte do país. A cidade foi fundada em 12 de janeiro de 1616 pelos portugueses, desenvolvendo-se às margens da baía Guajará. É o município mais populoso do Pará e o segundo da região Norte com uma população de 1 452 275 habitantes, segundo estimativa do IBGE, em 2017”. (BELÉM..., [20--]).

continuou a praticar musculação, como havia alguns meses já o fazia. Ela, assim como eu, reside em Ananindeua³, e acabou por se entediar com aquela rotina de uma academia de musculação e de exercícios que, segundo ela, não lhe causavam motivação – o que resultava em baixa assiduidade. Foi então que Manuela, por meio de alguns amigos seus, veio a saber de uma modalidade de treinamento físico que se apresentava como novidade no município de Ananindeua: o *CrossFit*.

Eu nunca havia ouvido antes sobre *CrossFit*, então tudo que Manuela comentava a respeito era novidade para mim também. Quanto mais ela pesquisava, mais se mostrava entusiasmada com o caráter desafiador que o esporte apresentava, entusiasmando a mim também para querer saber mais sobre aquilo. Em suas pesquisas sobre o esporte na internet, verificou que havia lugares afiliados, os quais ofereciam tal treinamento físico. Esses lugares, onde acontecem os treinamentos de *CrossFit*, são chamados de *box*⁴ e não de academia. Então, ao procurar o *box* afiliado mais próximo, Manuela encontrou o *CrossFit Strict*, um *box* que fica no mesmo bairro onde mora, no qual resolveu fazer uma aula experimental⁵.

A afiliação dos *boxes*⁶ à empresa californiana *CrossFit Inc.*, fundadora e patenteadora do esporte, garante um padrão mais seguro para a prática dos treinos, pois a abertura de um *box* afiliado exige formação profissional adequada para o ensino das técnicas necessárias para praticar o esporte. Essa formação compete aos profissionais de Educação Física que ministram as aulas nos *boxes* e são responsáveis pelo acompanhamento dos alunos. Esse profissional, treinador, após realizar um curso com a *CrossFit Inc.* e receber a certificação da empresa norte americana, é intitulado de *coach*.

Para se tornar um *coach*, é obrigatória a formação em Educação Física, embora qualquer pessoa maior de idade possa realizar o curso de treinamento de *CrossFit*, pela simples intenção de aprender sobre as técnicas do esporte. Entretanto, essas pessoas, que não profissionais de Educação Física, mesmo que obtenham a certificação após fazer o curso, não estão aptas a ser treinadoras, *coaches*⁷, dentro de um *box*.

³ Ananindeua é um município brasileiro do estado do Pará. Localizado na Grande Belém, é o segundo mais populoso município do estado. Sua população estimada em 2009 era de 505.512 habitantes. É margeado pelo Rio Maguari onde localizam-se suas 14 ilhas. O nome Ananindeua é de origem tupi, deve-se a grande quantidade de árvore chamada Anani, uma árvore que produz a resina de cerol utilizada para lacrar as fendas das embarcações. A cidade é originária de ribeirinhos, começou a ser povoada a partir da antiga Estrada de Ferro de Bragança. O município possui uma área de 191,42,9 km² (ANANINDEUA, [20--]).

⁴ Palavra de origem norte americana que, na tradução direta, significa “caixa”. Mas, para este tipo de treinamento físico e para este trabalho, correspondem aos galpões onde são realizados os treinos.

⁵ Aula gratuita, oferecida a quem ainda não é aluno, para conhecer o esporte e suas técnicas. Uma espécie de “aula teste”.

⁶ Plural de *box*.

⁷ Plural de “*coach*”, treinador.

Após essa aula experimental, Manuela decidiu prontamente abandonar a academia de musculação e se matricular naquele *box*. Desde que começou a praticar *CrossFit*, apresentou evidente aprazimento. Falava do assunto na maior parte de nossas conversas, fazia pesquisas na internet sobre o esporte quase diariamente, e fazia constantes relatos sobre o funcionamento do *box* e as relações que fazia e percebia por lá. Esses relatos eram carregados de especificidades que despertaram minha atenção enquanto pesquisadora em Comunicação, ao mesmo tempo em que chegavam a me cansar, confesso, enquanto namorada. Suas falas eram tão ricas em detalhes, que percebi fazerem parte do cotidiano de um grupo específico, o qual produzia constantes significados sociais em torno de suas práticas dentro daquele espaço de treinamento, onde também faziam questão de se mostrar distintos de outros grupos praticantes de outras atividades físicas. Afinal, um praticante de *CrossFit* sempre tem calos nas mãos, exibidos com orgulhos, conforme vim a saber.

Com acentuada curiosidade, aceitei um convite de Manuela para acompanhá-la em um treino, como espectadora. Lá percebi práticas e manifestações que enxerguei possuírem grande potencial enquanto possibilidade de pesquisa. Anteriormente, porém, eu já possuía outro objeto de estudo definido para a pesquisa do mestrado.

Ainda assim, essa visita ao *box CrossFit Strict* talvez tenha sido minha primeira entrada em campo, antes mesmo de eu percebê-lo como tal. Nessa primeira visita, notei que, assim como eu, havia outras pessoas que estavam ali apenas acompanhando outras. Talvez por terem sido convidadas também ou pela mesma curiosidade que eu tive. Ou ainda, talvez, criando coragem para se unir ao grupo.

Nesse dia, o proprietário, R. B.⁸, recebeu-me de forma simpática e, desde já, me disparou um discurso eloquente e convidativo sobre o esporte. Enquanto Manuela treinava, ele ficou ao meu lado, falando dos vários benefícios do *CrossFit* e de como sua esposa se recuperou de alguns problemas de saúde através desse esporte. Desde então, por próprio interesse e curiosidade, passei a acompanhar mais Manuela em seus treinos.

Causava-me grande inquietação a mudança de seus hábitos, sua assiduidade, seu modo de falar daquilo, sua motivação para praticar exercícios que exigiam demasiado esforço físico – muitas vezes causando hematomas diversos, como arranhões, calos nas mãos (Figura 1), além de constantes dores musculares, exaustão e até princípios de hipoglicemia⁹, por vezes.

⁸ Nesta pesquisa, os nomes de todos os interlocutores, exceto o de Manuela, foram substituídos pelas iniciais de seus nomes reais.

⁹ É uma condição em que a taxa de glicose no sangue diminui para valores inferiores ao normal. A condição causa vários sintomas, entre os quais desorientação, dificuldade em falar, estado de confusão e perda de consciência.

Figura 1 - Hematomas nas mãos de uma aluna do *box CrossFit Strict*



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Além disso, Manuela apresentava um vocabulário novo, específico. Eu não compreendia quase nada do que ela falava, exceto se me explicasse. Eram muitas palavras em inglês, que não faziam sentido quando ditas soltas em uma conversa. Era preciso que eu sempre pedisse que me explicasse novamente o que significava cada termo. Ela o fazia com animação.

Por diversas vezes me questionava como era possível que ela apresentasse tanto entusiasmo por uma prática que, a meu ver, parecia tão esgotante. Então, passei a frequentar, cada vez mais, esse *box* e, conforme minha maior frequência, eu pude perceber indícios desses motivos.

A cada vez que eu retornava ao *box CrossFit Strict*, eu era convidada a integrar o grupo. Mesmo sem treinar, fui conhecendo e me aproximando de várias pessoas, inclusive as que percebi serem mais influentes dentro do *box*. Aquelas que treinavam há mais tempo, que já participavam de campeonatos externos e que auxiliavam os que tinham técnicas menos desenvolvidas.

Constantemente me perguntavam quando eu faria uma aula experimental, quando eu me matricularia e até quando eu ficaria indo lá apenas para olhar a Manuela. Naquele *box*, preliminarmente, percebi uma atmosfera de alegria contagiante, de motivação, de constante incentivo à superação de seus próprios limites, de cooperação, de aprendizado, de domínio de

técnicas, de conhecimento sobre o próprio corpo, suas limitações e possibilidades. Percebi que para aquele grupo, praticar *CrossFit*, por mais fatigante que fosse, parecia fortalecedor, pois representa uma superação de si sobre si. Não, necessariamente, sobre o outro.

Nessas visitas incipientes, pude perceber que grande parte do público daquele *box* tinha aparelhos smartphones de última geração, carros importados e que muitos alunos são empresários, alguns profissionais liberais e outros políticos.

Uma surpresa que tive, foi ver muitas mulheres em um espaço onde pensei que veria, predominantemente, homens. Isso me foi um alerta de que eu, possivelmente, estava involuntariamente replicando um estereótipo ou senso comum de que as mulheres são mais frágeis a esforços físicos. Isso logo me fez pensar num dos principais eixos desta pesquisa: a intersubjetividade (SCHUTZ, 2012), que será apresentada e melhor discutida adiante, enquanto tecido social, que permite o acesso a uma reserva de pressupostos.

Naquele *box*, o maior público possui entre 20 e 30 anos, mas também há uma quantidade considerável de alunos entre 30 e 40 e poucos anos. Há uma minoria, porém muito assídua, que ultrapassa a idade dos 50 anos. Há também muitos casais, de namorados e casados, que treinam juntos.

Entre os alunos do *box CrossFit Strict*, pareceu-me sempre haver semelhanças que os unem em torno da prática de *CrossFit*. Dessas semelhanças, algumas são claramente perceptíveis pela materialidade, como roupas, acessórios e tênis. Outras se mostram enquanto razões sensíveis (MAFFESOLI, 2010), como o prazer em estarem treinando juntos ou em simplesmente frequentarem o *box* fora de seus horários de treino, para assistir aos seus amigos treinando. Esse prazer embutido nas práticas sociais compartilhadas será outro eixo discutido por este trabalho: a estética (MAFFESOLI, 2010).

Entre essas materialidades que envolvem a prática dos treinos, percebi que muitos alunos usavam o mesmo modelo de tênis, variando suas cores, e prezavam por uma determinada marca de roupas esportivas, o que caracterizava entre eles um ato de consumo tipificado (SCHUTZ, 2012). Alguns alunos brincavam com outros, dizendo “Compra logo outro tênis pra treinar! Um que preste!” ou aplaudindo e recebendo com sorrisos os alunos que chegavam ao *box* com o mesmo modelo de tênis que eles. Mas eu ainda não entendia que significado aquilo possuía para os alunos.

Dentre tantos questionamentos que me vinham à cabeça, eu me indagava também o motivo para pagar por essa exaustão física voluntária. Sobretudo, um preço que, segundo meu próprio juízo de valor naquele momento, parecia demasiado para um espaço físico tão

rudimentar, com equipamentos tão simples, dos quais os mais usados são bolas, barras de ferro e cordas.

Consultando os valores das mensalidades do *box*, vi que se estendem de R\$180 a R\$315, dependendo do número de vezes que se pretende treinar ao longo da semana. Mensalidades que julguei relativamente altas se comparadas às das duas maiores e mais bem estruturadas academias de musculação do mesmo bairro: A Carmen Academia e a Bio Wellness, conforme imagens a seguir¹⁰.

¹⁰ Valores consultados em 20 fev. 2018.

Figura 2 - Valores de plano de musculação na Academia BioWellness

The figure consists of four horizontal banners stacked vertically, each advertising a different gym membership plan. Each banner features a photograph of a person in a gym setting and a list of plan details.

- PASSAPORTE UP!***: R\$109,00 / MÊS. Includes: CREDITO OU C/C, TAXA DE ADESAO R\$89,90, ACESSO LIVRE, and 30 DIAS DE SUSPENSAO.
- PASSAPORTE GO!***: R\$109,00 / MÊS. Includes: BOLETO, TAXA DE ADESAO R\$89,90, ACESSO LIVRE, and 30 DIAS DE SUSPENSAO.
- PASSAPORTE LIGHT***: R\$139,00 / MÊS. Includes: ACESSO 11H - 15H / 22H - 00H and 5 DIAS DE SUSPENSAO.
- PASSAPORTE MENSAL***: R\$169,00 / MÊS. Includes: ACESSO LIVRE and 5 DIAS DE SUSPENSAO.

Fonte: BIOWELLNESS, [20--]

Figura 3 - Valores de plano de musculação na Carmen Academia



Fonte: Rebecca dos Santos Lima, acervo pessoal, 2017.

Ao consultar preços de mensalidades de outros *boxes* de *CrossFit* localizados na capital, Belém, notei que também havia uma diferença significativa nos preços. Então perguntei à Manuela “Por que você não treina em um lugar mais barato?”, ela sorriu, encostou sua mão em seu peito e me respondeu “Porque é o *box CrossFit Strict*”.

Surpresa diante de sua resposta, pude perceber que o envolvimento que Manuela possuía com o esporte e com seus colegas de treino, estava muito além de um resultado físico objetivado ou do custo financeiro que aquilo despendia. Para os integrantes daquele grupo treinar *CrossFit* juntos possui dimensões intersubjetivas de pertencimento e de produção de significados afetivos.

Portanto, Manuela me trouxe um objeto riquíssimo em materialidades e sensibilidades, que talvez tenha me escolhido antes mesmo de eu o escolher. Isso me fez lembrar de uma fala do meu orientador, Fábio Castro, em uma de nossas conversas de orientação, quando eu ainda estava insegura sobre o que pesquisaria. Ele me disse que era preciso eu ter paixão pelo objeto, senão eu não teria fôlego para chegar ao final da pesquisa. Manuela, através de sua nova paixão, acabara de me despertar uma também, que resultaria nesta pesquisa.

Ter uma interlocutora tão próxima me foi muito proveitoso, pois eu poderia observar o comportamento de um praticante de *CrossFit* não só nas suas relações dentro do *box*, mas também suas produções de significado fora dele também. No seu modo de categorizar os

elementos comungados pelo grupo, seus sistemas de relevância e sua relação afetual com o esporte (SCHUTZ, 2012; MAFFESOLI, 2010). Admito que essa convivência foi crucial para meu maior encantamento com o objeto. Poder perceber de perto a importância que o *CrossFit* tem para Manuela e o quanto isso afetava seu humor só aumentou minhas buscas por compreensões acerca do tema.

Começar a frequentar o *box* sem treinar era um pouco incômodo, entretanto. Apesar de gostar bastante do clima descontraído do ambiente e de nunca ter sido mal recebida, a cada vez que eu ia “só para olhar”, ficava mais claro que eu era mais que uma amiga para a Manuela. Não saber de que forma isso era encarado pelos demais me causava receio.

2 APROXIMAÇÕES AO *CROSSFIT*

Diante da percepção de que aquele campo, anteriormente descrito, apresentava possibilidades de investigação para uma pesquisa em Comunicação que pretende dialogar com uma metodologia de base antropológica, resolvemos então delimitar o *box CrossFit Strict* como objeto empírico dessas investigações e as relações presentes entre seus frequentadores como objeto de análise, sendo um dos objetivos deste trabalho compreender as formas de socição no mundo urbano contemporâneo.

2.1 Delimitando o objeto

Deste modo, as noções de tipificação e intersubjetividade, pensadas por Schutz (2012), e de estética, sob a perspectiva de Maffesoli (2010), apresentam-se enquanto um referencial teórico propício para interpretar os fenômenos comunicativos percebidos durante a pesquisa de campo desta investigação, já que o estudo da intersubjetividade corresponde a uma perspectiva nova de análise de fenômenos comunicativos, cuja perspectiva está embasada nos desenvolvimentos do Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Cultura e da Comunicação. Essa abordagem compreende a comunicação como o fenômeno estruturante das mediações culturais da vida social, procurando ultrapassar a percepção da comunicação como um fenômeno estritamente relacionado às tecnologias midiáticas.

Aqui intencionamos abordar a comunicação enquanto conhecimento que se insere na esfera da ação da experiência humana, através daquilo que é relacional e compartilhado, para constituir e organizar o social. Sobre as subjetividades e objetividades do mundo compartilhado socialmente, Adriano Duarte Rodrigues diz que:

A experiência da vida insere-se na relação do homem com o mundo, consigo próprio e com os outros. É nas manifestações simbólicas da cultura que o homem preenche o abismo que o separa das coisas, de si próprio e dos outros, acendendo assim à consciência reflexiva e à experiência da vida em comum. (RODRIGUES, 1991, p. 28).

Consoante com essa perspectiva é a releitura feita por Vera França (2003) da obra de Louis Quéré (1982, 1991), quando ele trata da comunicação desvestida de seu caráter instrumental, para ser vista como lugar de constituição e momento que funda a vida coletiva. Para o autor, os processos comunicativos

não correspondem a um domínio de fatos particulares no espaço social. Pois eles são oriundos do processo mesmo de constituição deste espaço, [...], de criação das condições de existência de uma comunicação entre seus membros e de constituição dos quadros institucionais que garantem sua identidade e sustentam sua ação (QUÉRÉ, 1982, p. 10).

É dessa forma, ao situar a comunicação no âmago da vida social, que o autor concede à comunicação um caráter transcendental enquanto processo constitutivo do social. Em relação ao que, França (2003) também assinala que a comunicação deixa de ser um processo recortado e restrito, passando a ser tomada como lugar de constituição dos fenômenos sociais, atividade organizante da subjetividade dos homens e da objetividade do mundo.

Tomando esse modelo relacional desenvolvido por Vera França, do próprio lugar da comunicação enquanto lugar de conhecimento,

Se abandonarmos o modelo de uma sociedade compartimentada, em direção ao resgate e compreensão da unidade da realidade social, o viés da comunicação deve procurar ultrapassar sua face mais evidente (sua dimensão empírica, que se realiza sobretudo nos espaços dos meios de comunicação), para se oferecer enquanto um outro lugar de conhecimento dirigido ao conjunto da vida social. (FRANÇA, 2003, p. 43).

Portanto, estudar a comunicação deve corresponder a apreender o social através das dinâmicas comunicativas que constituem a sociedade. É neste sentido que esta pesquisa se insere. Na perspectiva de um paradigma relacional, no qual o recorte e o desenvolvimento do objeto de estudo privilegiam não elementos separados, com funções definidas, mas o quadro interativo, o lugar da intervenção, sendo “aí e somente aí – nas junções, no embate e no corpo a corpo entre uns e outros – que os elementos ganham sentido” (FRANÇA, 2003, p. 47).

Nesse modelo relacional, um já não tem somente as características de “um”, mas se torna “um em face do outro”, com as modificações que essa condição produz.

Esta proposta de pesquisa se insere na tentativa de partir do mundo da vida¹¹ para buscar compreensões sobre dimensões comunicativas carregadas de simbolismos, que produzimos diariamente nas relações com outros.

Em levantamento do estado da arte sobre o tema, tive dificuldade de encontrar pesquisas que abordem o *CrossFit* sob o viés comunicacional, apesar de haver muitas pesquisas que tratem de outros esportes sob o olhar da comunicação. A prática do *CrossFit* ainda parece uma prática esportiva pouco problematizada enquanto fenômeno social. Por este

¹¹ O mundo da vida é simplesmente toda a esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos (SCHUTZ, 2012, p. 17).

motivo, enxerguei a necessidade de investigá-lo a partir de experiências comunicativas que lidam com saberes e sensibilidades compartilhadas, a fim de buscar interpretá-las.

A maioria dos resultados de pesquisa que obtive, ao pesquisar sobre *CrossFit*, foram da área da Saúde. Muitas relacionadas aos benefícios e prejuízos do esporte e, principalmente, sobre as lesões físicas causadas pela intensidade dos treinos. Portanto, faz-se o interesse desta pesquisa ir além disso e, através de experiências relacionais, investigar as dimensões sensíveis e intersubjetivas dessa prática e de seus desdobramentos na vida social.

Aportada no interesse de um Programa de Pós-Graduação do âmbito da comunicação e da cultura, a presente pesquisa se justifica enquanto comunicacional por buscar compreensões acerca de questões estéticas e intersubjetivas do social, sobretudo, a partir de elementos tipificados entre um grupo que produz significados através de atos comunicativos, e que produz uma dimensão conflituosa a partir da prática do esporte *CrossFit*.

Portanto, interesse-me pela experiência estética produzida nas relações existentes entre os praticantes do *box CrossFit Strict*, enquanto tecido intersubjetivo, ao passo em que proponho buscar compreensões das práticas desse grupo e suas categorizações.

2.2 Sobre o *CrossFit*

O *CrossFit* foi fundado no ano 2000, em Santa Cruz, na Califórnia, EUA, pelo técnico Greg Glassman, que o patenteou como *CrossFit Inc.*, sendo sua sede em Washington D.C. É um esporte que possui um modelo de treinamento e condicionamento físico que visa a trabalhar o corpo de forma dinâmica (GLASSMAN, 2014). Toda a musculatura é exigida de maneira integrada – e não específica, como em outros modelos de treinamento. Na musculação, por exemplo, o treino é formado por movimentos isolados e com sessões prolongadas, visando, em cada dia, o fortalecimento de alguma região do corpo, como abdômen, membros superiores ou inferiores. Já no *CrossFit*, vários domínios são combinados em um único dia de treino. Esses domínios, como potência, velocidade e outros, serão descritos a seguir.

São 10 os domínios do *CrossFit*:

Quadro 1 - Domínios do *CrossFit*

Resistência cardiovascular e respiratória	Capacidade dos sistemas orgânicos de reunir, processar e fornecer oxigênio
Resistência muscular	Capacidade dos sistemas orgânicos de processar, fornecer, armazenar e utilizar energia
Força (<i>Strength</i>)	Capacidade de uma unidade muscular ou combinação de unidades musculares de aplicar força
Flexibilidade	Capacidade de maximizar a amplitude de movimento em uma articulação específica
Potência	Capacidade de uma unidade muscular ou combinação de unidades musculares de aplicar força máxima em um tempo mínimo.
Velocidade	Capacidade de minimizar o ciclo de tempo de uma repetição de movimento
Coordenação	Capacidade de combinar diversos padrões de movimento distintos em um movimento distinto individual
Agilidade	Capacidade de minimizar o tempo de transição de um movimento para outro
Equilíbrio	Capacidade de controlar a colocação do centro de gravidade do corpo em relação à sua base de apoio
Precisão	Capacidade de controlar o movimento em uma direção em uma direção específica ou com uma intensidade específica

Fonte: GLASSMAN, 2014.

Esses domínios são buscados através de movimentos constantemente variados e de alta intensidade, desenvolvidos durante os treinos. Esses movimentos se qualificam, sobretudo, pela capacidade de mover cargas e usar a agilidade. Dessa forma, cada dia de treino busca agregar alguns desses domínios através de exercícios simples, como correr, pular, levantar pesos, fazer movimentos que exijam equilíbrio, precisão ou coordenação, no qual todos os exercícios tenham o máximo de intensidade que o praticante conseguir alcançar naquele dia.

Essa intensidade pode se dar pela máxima carga de peso que cada um conseguir suportar ou pelo número máximo de repetições de cada movimento. Correr, por exemplo, deve ser um exercício em que se busque percorrer a maior distância no tempo determinado. Porém, não basta buscar o número máximo de repetições de levantamento de peso, ou o maior percurso percorrido em uma corrida, ou suportar uma grande carga de peso sobre os ombros. Seja qual for o exercício, há uma técnica para a execução dos movimentos. Portanto, o domínio da técnica é fundamental no *CrossFit*.

Cada exercício requer uma técnica distinta, seja de agachamento, salto, levantamento de peso e até mesmo respiração. A técnica garante maior aproveitamento do exercício e

previne possíveis lesões físicas. Dentro de um *box* de *CrossFit*, o responsável por ensinar essas técnicas de execução de movimentos é o treinador, *coach*.

Segundo o *Guia de Treinamento CrossFit* (GLASSMAN, 2014), uma espécie de manual do esporte, o *CrossFit* é o “esporte do condicionamento físico”. Baseado em um programa de força e condicionamento que busca otimizar a competência física em cada um dos dez domínios de condicionamento físico reconhecidos, citados acima. O *CrossFit*, de acordo com seu fundador, busca a pluralidade e não apenas benefícios físicos, mas também uma mudança de hábito. De acordo com Glassman, o *CrossFit* intenciona que os alunos passem por uma experiência diferente e que cause um impacto capaz de alterar seus estilos de vida, através de uma evolução física, cardiorrespiratória e mental.

Desde a sua fundação (GLASSMAN, 2014), o objetivo do *CrossFit* tem sido forjar um condicionamento físico amplo, geral e inclusivo. Essa metodologia tem como ideal desenvolver todas as capacidades físicas de uma pessoa, por meio dos dez domínios, seja ela atleta ou não. O tipo de treinamento utilizado pelo esporte se assemelha aos utilizados por militares, bombeiros e atletas de alto rendimento. Embora exista essa familiaridade, a modalidade pode ser praticada por pessoas de diferentes interesses e portes físicos:

Nossos atletas são treinados para andar de bicicleta, correr, nadar e remar em distâncias curtas, médias e longas. Oferecemos treinamento de ginástica para nossos atletas, desde movimentos para principiantes até avançados, obtendo, assim, uma grande capacidade de controlar o corpo tanto dinamicamente como estaticamente, ao passo que a proporção entre força, peso e a flexibilidade são maximizadas. Também damos bastante ênfase ao levantamento de peso olímpico, por termos observado a capacidade única deste esporte em desenvolver a potência explosiva do atleta (GLASSMAN, 2014).

Fazem parte dos exercícios do *CrosFit*: andar de bicicleta, correr, nadar, remar, arremesso, agachamento, levantamento de peso olímpico, suspensões na barra, suspensões em argolas olímpicas, exercícios abdominais, escaladas e sustentação, praticados por meio de uma variedade vasta de modalidades de exercícios.

Utilizam-se com regularidade bicicletas, remo, pesos olímpicos, aros, barras de ferro, colchonetes para exercício livre, caixas de madeira, bolas medicinais e cordas de pular. Segundo o técnico fundador do *CrossFit*, não existem outros programas de força e condicionamento físico que trabalhem com uma diversidade tão grande de ferramentas, modalidades e exercícios.

Quando Manuela decidiu treinar *CrossFit*, havia apenas um *box* em Ananindeua, o *CrossFit Strict*; e outros três na capital, Belém. Além de um outro *box* no município de São

Miguel do Guamá¹². Portanto, quando comecei a me interessar pelo *CrossFit*, havia apenas cinco *boxes* afiliados no Pará.

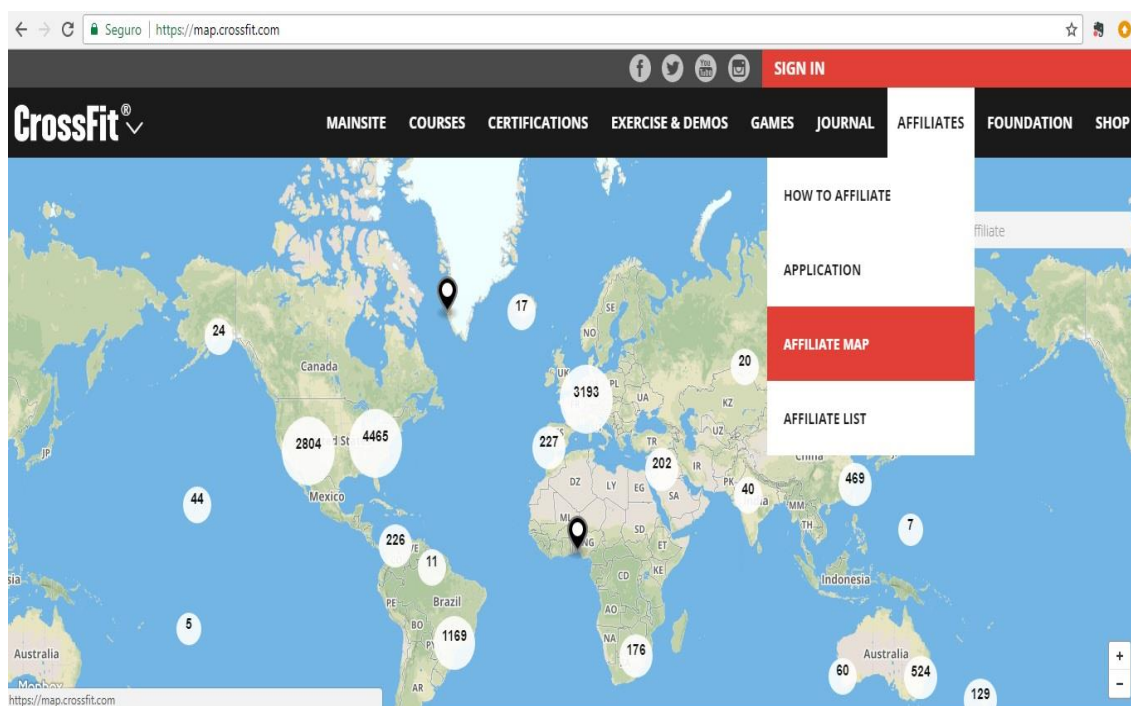
Às vezes um *box* pode ter outra(s) unidade(s) da mesma franquia, localizada(s) em outro(s) bairro(s). Quando isso ocorre, também é necessário que cada franquia tenha sua afiliação individual para funcionar de forma regular, de acordo com a *CrossFit Inc.* É possível consultar o nome de todos os *boxes* afiliados em cada país através da aba “*affiliates*” (afiliados) no site da *CrossFit Inc.* (CROSSFIT INC., [20--]a). Nesta aba, é possível consultar os nomes dos *boxes* por meio de uma lista, como mostra a Figura 4, ou pesquisar pelo mapa mundial a quantidade de *boxes* afiliados em cada estado e cidade, como mostra a Figura 5.

Figura 4 - Lista de *boxes* afiliados no site da *CrossFit Inc.*

GYM NAME	LOCATION
CrossFit Brasil	Lapa, Brazil
CrossFit BH	Belo Horizonte, Brazil
CrossFit Leblon	Rio de Janeiro, Brazil
CrossFit SP	Sao Paulo, Brazil

Fonte: CROSSFIT INC., [20--]a.

¹² Município do estado do Pará. Sua população estimada em 2017 era de 57.364 habitantes. Possui uma área de 1094,839 km². (SÃO MIGUEL DO GUAMÁ, [20--]).

Figura 5 - Mapa de *boxes* afiliados no site da *CrossFit Inc.*

Fonte: CROSSFIT INC., [20--]b.

Atualmente há um total dezoito *boxes* afiliados no estado do Pará, como demonstra o quadro a seguir:

Quadro 2 - Lista de *boxes* afiliados no Pará

Cidade	Boxes Afiliados
Altamira	Ogros <i>Crossfit</i>
Ananindeua	<i>Crossfit</i> Ananindeua (Antigo <i>Crossfit Strict</i>)
Belém	<i>Crossfit</i> Bel 01
Belém	<i>Crossfit</i> Marambaia
Belém	Mugo <i>Crossfit</i>
Belém	Raízes <i>Crossfit</i>
Belém	Raízes <i>Crossfit</i> 199
Belém	Sou <i>Crossfit</i>
Belém	Vb <i>Crossfit</i>

Belém	Vincit <i>Crossfit</i> Montenegro
Belém	Vincit <i>Crossfit</i> Nazaré
Belém	Vincit <i>Crossfit</i> Umarizal
Capanema	<i>Crossfit</i> Capanema
Castanhal	<i>Crossfit</i> Garra
Castanhal	Ext <i>Crossfit</i>
Marabá	<i>Crossfit</i> Marabá
Santarém	<i>Crossfit</i> Breu
São Miguel do Guamá	<i>Crossfit</i> Arcanjo

Fonte: CROSSFIT INC., [20--]a.

Esse é um indicativo do grande crescimento do esporte no estado do Pará. Posto que durante a presente pesquisa, o número de afiliações mais que triplicou – com o número de *boxes* no estado passando de 5, em 2016, para um total de 18, até fevereiro de 2018. Esse aumento também indica o tema como fenômeno social relevante a ser pesquisado.

Além desse indicativo de crescimento do esporte no Pará, há o crescimento do *CrossFit* no Brasil e da importância que o Brasil representa hoje, mundialmente, para a prática do esporte. Sobre isso, é importante falar do *CrossFit Games*, que é o campeonato mundial de *CrossFit*, no qual os atletas mais preparados do mundo inteiro competem por equipes. Para selecionar os atletas que chegarão até o *CrossFit Games*, a empresa criou um outro campeonato mundial, que acontece como forma de seleção: o *Open*. Porém, mais do que uma seleção dos atletas mais preparados para disputar o *CrossFit Games*, o *Open* se tornou uma espécie de instrumento de teste para todos os praticantes de *CrossFit* no mundo, de todas as idades e níveis de preparação física.

O *Open* é um evento patrocinado pela marca esportiva *Reebok* e acontece anualmente, desde que o esporte foi patentado, em 2000. A competição ocorre com a realização de 5 treinos, sendo cada treino divulgado por semana¹³. Dessa forma, os atletas e alunos que desejam participar devem fazer sua inscrição no site da *CrossFit* e pagar uma taxa de 20 dólares (preço de 2018). A cada semana em que um treino é divulgado, os alunos devem

¹³ As cinco semanas, em 2018, ocorrerão entre 22 de janeiro a 26 de março. Sendo os WODs divulgados sempre divulgados às quintas feiras e podendo ser realizados até a próxima segunda feira após sua divulgação.

realizá-lo em um *box* afiliado à *CrossFit*, seja o próprio *box* onde o aluno treina ou em outro, em qualquer lugar do mundo, desde que seja afiliado. Por sua vez, deve haver os juízes (no *CrossFit*, denominados “*judges*”), que também contam com certificação da *CrossFit Inc.* para julgar a validação dos treinos realizados pelos participantes. Esses juízes geralmente são os *coaches* dos *boxes*.

Um aluno do *box CrossFit Strict* me relatou motivos para os praticantes, mesmo iniciantes no esporte, inscreverem-se na competição:

A América do Sul foi a segunda região com maior número de inscritos em 2017, graças ao Brasil. São 5 WODs, um por semana, curtos e com muita intensidade. Pra quem faz pela primeira vez, tem que dar tudo de si, pra descobrir seus próprios limites e testar todas as habilidades que aprendeu com seu *coach*. É claro que praticamente 99% dos que se inscrevem não chegam ao final da competição, mas mesmo assim, o Open é uma oportunidade pra enfrentar frente à frente aquele seu colega de *box*, saber sua colocação entre os atletas da sua cidade, estado e país. Competir é uma forma saudável de praticar atividade física, mesmo que não profissionalmente.

Explicitando a importância que o Brasil tem ganhado no cenário mundial do *CrossFit*, a abertura do *Open*, que é um evento esperado pelos praticantes do esporte com muita excitação, sempre ocorreu nos Estados Unidos, por todos esses anos. Porém, em 2018, ocorreu no Brasil, já que a América do Sul foi a segunda maior região com número de atletas inscritos em 2017, graças ao Brasil. Percebendo a aderência do nosso país à prática do esporte, o presidente do campeonato *Open*, Dave Castro, resolveu realizá-lo no Brasil, no estádio do Morumbi, em São Paulo, no dia 11 de janeiro de 2018.

2.3 Sobre o *box CrossFit Strict*

O *box CrossFit Strict*¹⁴ localiza-se no município de Ananindeua, no conjunto Cidade Nova 8, Travessa WE 43, galpão 422, no estado do Pará. Foi criado em novembro de 2015 e sempre funcionou contando com certificação de seus treinadores e afiliação à empresa americana *CrossFit Inc.* O *CrossFit Strict* foi o primeiro *box* afiliado à *CrossFit Inc* no município e até agora segue sendo o único afiliado no município.

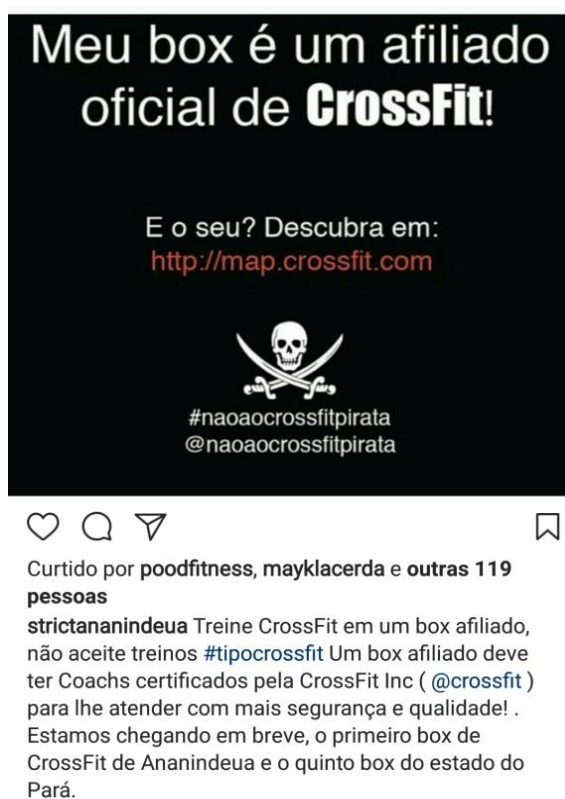
Quando outros espaços de treinamento físico, como academias de musculação ou academias de artes marciais, oferecem o serviço do mesmo tipo de treino, porém, sem serem

¹⁴ “*Strict*”, do inglês, significa “rigoroso”.

afiliados à *CrossFit Inc.*, esses espaços são proibidos de usar a denominação “*CrossFit*”. Essa proibição acontece para garantir o controle de qualidade do esporte, já que para se ter um *box* de *CrossFit*, além de pagar pela afiliação e comprar os equipamentos necessários para a prática dos treinos, é obrigatório que os profissionais que ministrarão os treinos sejam devidamente instruídos e capacitados.

Portanto, os estabelecimentos não filiados oferecem serviços de “*cross* treino”, “treino funcional”, entre outros. De forma que os praticantes de *CrossFit* denominaram de “*box* pirata” os *boxes* que funcionam sem afiliação à *CrossFit Inc.* O *box* *CrossFit Strict* combate essa prática, conforme ilustra a imagem a seguir.

Figura 6 - Publicação feita no perfil do *Instagram*¹⁵ do *box* *CrossFit Strict*



Fonte: STRICTANANINDEUA, 2017.

Em um *box*, é papel do *coach* o ensino das técnicas para a realização dos movimentos de forma adequada, assim como o acompanhamento dos alunos dentro do *box*, visando a prevenir possíveis lesões. No *CrossFit Strict*, o *coach* T. T. é o responsável por orientar os

¹⁵ Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los.

alunos no turno da manhã e pela tarde e noite, é o *coach* M. L. Ambos possuem certificação de treinamento da empresa americana.

O *staff*¹⁶ do *box*, então, conta com: o proprietário R. B., praticante do esporte e competidor; M. L., também praticante do esporte, competidor, sócio proprietário e *head coach*¹⁷ do *box*; M. B., também praticante e competidora do esporte, e esposa de R. B.; o *coach* T. T.; e D. A., graduando em Educação Física e responsável por questões administrativas menores, como realização de matrículas e administração do pagamentos das mensalidades, assim como pela limpeza do *box* ao final de cada dia e pelo auxílio aos alunos durante os treinos.

Figura 7 - *Staff* inicial do *Crosfit Strict*



¹⁶ Conjunto de pessoas que compõem o quadro institucional.

¹⁷ O *head coach* tem a função adicional de ser o planejador de todos os treinos executados diariamente no *box*.

A foto acima mostra R. B., D. A., E. L., antiga *head coach* do *box*, que não integra mais o *staff* e o *coach* M. L. Para os administradores do *CrossFit Strict*, “o objetivo é promover saúde e bem-estar através do esporte pelo qual são apaixonados”.

O *box* possui aproximadamente 150 alunos, que treinam durante a semana em turmas que acontecem de segunda-feira a sábado. Os valores das mensalidades variam de acordo com o número de treinos por semana, conforme imagens abaixo.

Figura 8 - Quadro de horário das turmas



O Primeiro Box afiliado a CrossFit Inc. em Ananindeua

Cidade Nova 8. WE 43 galpão nº 422

Crossfit Strict
@crossfitstrict

HORÁRIOS DE TREINO

Segunda a Sexta

Manhã
Turma 01: 06:00 às 07:00h
Turma 02: 07:00 às 08:00h
Turma 03: 08:00 às 09:00h
Turma 04: 09:00 às 10:00h

Tarde
Turma 01: 12:30 às 13:30h
Turma 02: 17:00 às 18:00h

Noite
Turma 01: 18:00 às 19:00h
Turma 02: 19:00 às 20:00h
Turma 03: 20:00 às 21:00h

Sábado
Turma 01: 08:00 às 09:00h
Turma 02: 10:00 às 11:00h

Obs.: Terça e Quinta
Turma 04: 21:00 às 22:00h

Fonte: STRICTANANINDEUA, 2017.

Figura 9 - Tabela com valores dos planos de treino



O Primeiro Box afiliado a CrossFit Inc. em Ananindeua

Cidade Nova 8. WE 43 galpão nº 422

Crossfit Strict
@crossfitstrict

PLANOS

12 Treinos (3x por semana)
Mensal: R\$ 260,00
Trimestral: R\$ 240,00
Semestral: R\$ 210,00
Anual: R\$ 180,00

16 Treinos (4x por semana)
Mensal: R\$ 300,00
Trimestral: R\$ 270,00
Semestral: R\$ 240,00
Anual: R\$ 210,00

20 Treinos (5x por semana)
Mensal: R\$ 315,00
Trimestral: R\$ 290,00
Semestral: R\$ 260,00
Anual: R\$ 230,00

Taxa de Matrícula: R\$ 100,00
Aula Avulsa: R\$ 40,00

Outras informações: 

Fonte: STRICTANANINDEUA, 2017.

A estrutura do *box* segue o padrão mundial: um grande galpão, sem sistema de refrigeração, onde ficam dispostos os instrumentos para a prática. Alguns em cima de prateleiras, porém, com a maioria deles disposta ao chão. Entre eles, há cordas navais, cordas de pular, caixas de madeira para saltar sobre, barras de ferro, bolas, bicicletas ergométricas, aparelhos de remo, *dumbbells*, *kettlebells*, entre outros, conforme imagem a seguir.

Figura 10 - Equipamentos do *Box*



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Os *boxes* de *CrossFit* possuem aspecto distinto das tradicionais academias de musculação. Eles têm pé direito¹⁸ demasiadamente alto, pela necessidade de amarrar uma corda ao teto, cuja subida com a utilização da força dos braços e pernas caracteriza um dos exercícios dos realizados no *CrossFit*. O *box* também não possui espelhos nas paredes, pois, segundo explicação do *coach* M. L., durante os exercícios, ao se olharem no espelho para verificar a execução de seus movimentos, os alunos acabam por se desconcentrar. Além disso, os domínios do esporte, segundo M. L., buscam a “consciência corporal”, que “é o conhecimento e o domínio que se tem sobre o próprio corpo, sabendo suas possibilidades e limites”.

A prática, por sua vez é executada no centro do *box*, no próprio chão. Exceto os exercícios que são executados de forma suspensa, nas cordas, argolas, barras de ferro suspensas e aqueles que são executados fora do *box*, como corridas. O *box CrossFit Strict* possui uma área total de 260m² e possui as cores cinza, azul e laranja. Não há muito comprometimento com a estética visual do espaço físico. Percebe-se pela fachada, conforme a Figura 11.

Figura 11 - Fachada do *box CrossFit Strict*



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

¹⁸ Expressão utilizada na arquitetura que indica a distância entre o chão e o teto.

A disposição do interior do *box* foi pensada para ser funcional. O piso é coberto por uma borracha preta, que amortece o impacto, principalmente, das barras de ferro que caem ao chão durante os exercícios. Também há placas de madeira, que servem para dar maior estabilidade aos alunos em treinos que exigem equilíbrio, conforme as imagens a seguir.

Figura 12 - Imagens internas do *box*

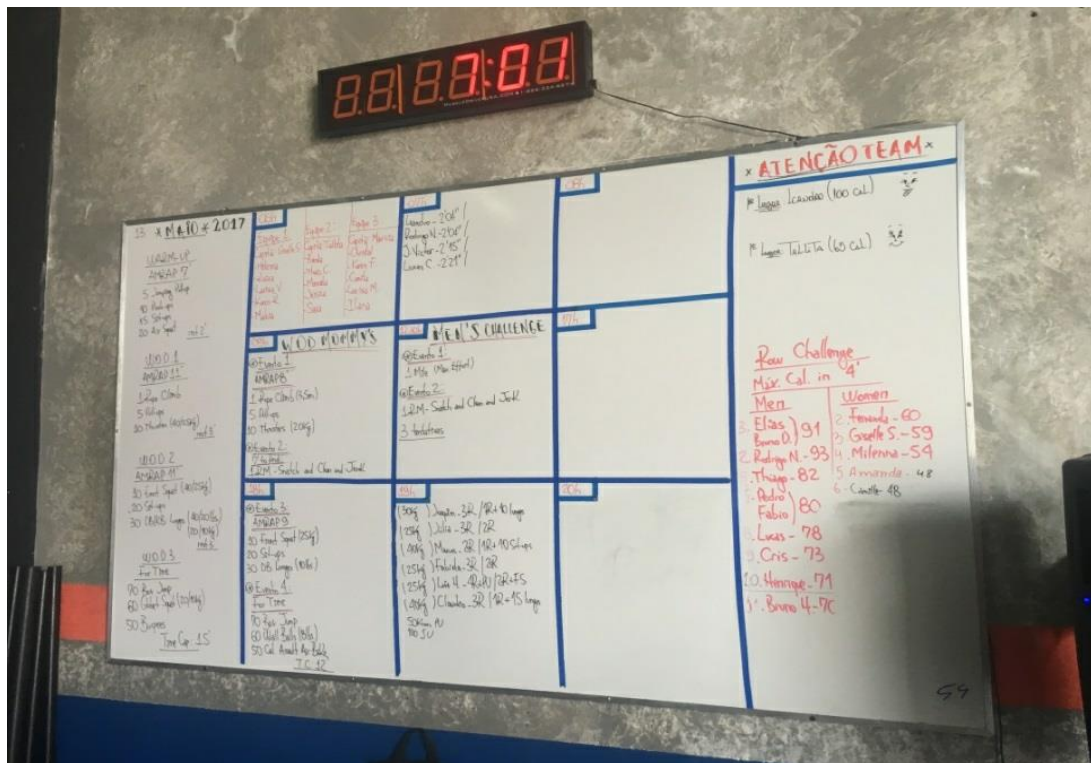


Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

No interior do *box*, há um mezanino nos fundos do segundo andar. A proposta é que seja montada uma lanchonete naquele espaço. Lá também se encontram os banheiros masculino e feminino, que contam com duas cabines com sanitários e uma com chuveiro, cada. Além dos equipamentos e utensílios para os exercícios, há um quadro onde são anotados diariamente os rendimentos de todos os alunos que foram ao treino – quantos quilos carregaram, quantas repetições fizeram. A esse rendimento, seja de carga sejam de repetições de cada exercício, chamam de *score* (pontuação).

Esse quadro branco é dividido pelos horários das turmas, através de quadrados, como podemos observar na Figura 13. Cada quadrado corresponde a uma turma e neles são anotados os nomes dos alunos presentes nos respectivos horários. Nesse quadro, também é anotado cada treino do dia, com a descrição de quantas repetições deverá ter cada exercício, quanto tempo terá cada exercício, quanto tempo haverá de descanso entre os exercícios e demais detalhes. Acima do quadro, há o relógio, que funciona por controle remoto e faz a contagem do tempo de forma progressiva ou regressiva, de acordo com a exigência do treino. Ao final de cada dia, tudo que foi escrito no quadro é apagado; ficando assim limpo para o próximo dia.

Figura 13 - Quadro com os horários das turmas



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Além de informar os horários e turmas, o quadro também é usado constantemente pelos alunos como forma de chacota e desafio aos demais – através de fotos que indicam o menor peso ou tempo individual, os alunos mostram que superaram o desempenho de algum outro aluno. Geralmente o mais vaidoso. Essas fotos são compartilhadas no grupo composto por todos os alunos do *box* no aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

Figura 14 - Alunos compartilhando seus resultados no grupo do *WhatsApp*



Fonte: Rebecca dos Santos Lima, acervo pessoal, 2017.

Os praticantes de *CrossFit* são chamados de *crossfitters* e o treino realizado por eles é denominado WOD (*workout of the day*, que corresponde a “treino do dia”). O WOD reúne uma série de exercícios e movimentos diferentes. Cada WOD do *CrossFit Strict* é estruturado pelo *head coach*, e é válido para todas as turmas de um mesmo dia. De forma que cada dia da semana possui um WOD distinto, que combina o fortalecimento de diferentes áreas do corpo e diferentes técnicas de domínio corporal – aqueles dez domínios já citados anteriormente no Quadro 1.

Os WODs sempre têm duração de sessenta minutos e sempre são precedidos de um exercício de alongamento. Excepcionalmente, nas tardes de terças e quintas feiras no *CrossFit Strict*, ocorrem os WODs denominados “ABS”, um treino inteiro dedicado à região abdominal, que objetiva o fortalecimento e a definição dos músculos. A criação desse WOD

específico se dá pelo grande interesse dos *crossfitters* em ter um abdômen definido, caracterizando neles uma de suas maiores vaidades, como percebe-se pela imagem 9.

Figura 15 - Alunos convidando para a turma de “ABS”



Fonte: Rebecca dos Santos Lima, acervo pessoal, 2017.

Esse treino, ABS, é ministrado exclusivamente por D. A., mesmo ainda não sendo *coach*. D. A. explica a importância do treino “ABS” para o desenvolvimento da região denominada *core*, que corresponde ao abdômen e às costas:

O fortalecimento dessa região (*core*) é importante para manter o alinhamento corporal, favorecendo a base de suporte do corpo e auxiliando no ganho de força. Fortalecer o *core* também pode prevenir muitas lesões nas práticas esportivas e atividades diárias, assim como a falta de fortalecimento pode sobrecarregar as extremidades do corpo, causando lesões graves. O fortalecimento desses músculos está ligado diretamente a todos os movimentos funcionais da nossa rotina diária, como sentar, caminhar, subir escadas, carregar peso, entre outros movimentos exercidos pelos braços.

No *box*, todos os dias os WODs são disponibilizados por meio de uma plataforma digital, um aplicativo de celular, chamado “Cross X”, de acesso mundial, onde os alunos podem consultar quais exercícios serão realizados naquele dia, também podendo garantir, antecipadamente sua presença na turma de determinado horário, clicando em uma espécie de “lista de frequência” ou *check-in*.

Dessa forma, é contabilizada também a quantidade de treinos que cada aluno já realizou na semana, não podendo ultrapassar sua cota do mês, que é estipulada de acordo com o plano mensal contratado. Cada turma não pode ultrapassar o limite de 20 alunos, que garante um espaço confortável e seguro para a realização do WOD, assim como também garante que o *coach* possa acompanhar com maior facilidade os movimentos que estão sendo realizados pelos alunos.

Figura 16 - Aplicativo de consulta de treino do dia



Fonte: Print screen do aplicativo crossx.com

A disciplina também é incentivada pelo *coach* dentro do *box*, por meio de incentivos a uma alimentação mais saudável e por aplicações de penalidades a quem chegar atrasado para o treino e a quem esquecer instrumentos soltos pelo *box* após a realização de seu treino, já que isso prejudica a próxima turma a treinar. Outro ato também penalizado no *CrossFit Strict* é o de esquecer copo descartável sobre o bebedouro de água. Cada aluno que utilizar um copo descartável para beber água durante o seu treino deve escrever seu nome nele com uma caneta

permanente que fica disponível sobre o bebedouro. De modo que cada aluno, após realizar seu treino, deve descartar seu copo no lixo antes de ausentar-se do *box*. O esquecimento dos copos sobre o bebedouro é punido com as mesmas penalidades de quem esquece de guardar os instrumentos após seu treino: a realização de *burpees*; um exercício abominado pelos praticantes de *CrossFit*, por ser extremamente exaustivo.

O *burpee* é um exercício corporal que utiliza força e movimentos aeróbios, consistindo de uma série de movimentos executados em sucessão. É executado em quatro passos: inicia-se de pé; agacha-se com os braços esticados à frente; joga-se os pés juntos para trás, deita-se esticando as pernas; executa-se uma flexão; retorna-se os pés para a posição de agachamento; fica-se de pé, e pula-se com os braços esticados para cima, como ilustra a seguinte imagem:

Figura 10 – Realização do exercício “*burpee*”



Fonte: Rebecca dos Santos Lima, acervo pessoal, 2017.

O *coach* M. L. explica que o *burpee* é associado a castigos porque simplesmente os alunos não gostam de realizá-lo, por seus movimentos serem exaustivos. Por esse motivo é um exercício aplicado para penalizar também os alunos que às vezes chegam atrasados no treino, que atrapalham a explicação do *coach* e até mesmo aos aniversariantes, tendo que fazer o número de repetições de *burpees* correspondente à sua idade.

Mas o *coach* também explicou os benefícios desse exercício:

Poucos sabem que o *burpee* foi criado em 1939, por um fisiologista, chamado Royal Burpee. Esse exercício tinha a função de testar a aptidão física de combatentes do exército americano. A rapidez da velocidade em que o corpo vai da posição vertical para a horizontal seguidas vezes acelera a respiração e a circulação, melhorando a capacidade cardiorrespiratória do praticante.

2.4 Perspectivas metodológicas

Assim, à luz da pesquisa em Comunicação, este trabalho objetiva interpretar a experiência comunicativa de um grupo que se reúne para praticar o *CrossFit*. Essa prática será abordada enquanto experiência estética, que compartilha elementos intersubjetivos e tipificados.

A construção de uma pesquisa de mestrado em comunicação apresenta grandes desafios a um pesquisador, principalmente por ser um campo fundamentalmente interdisciplinar. Ao definir como objeto de investigação as relações que se passam em um *box* de *CrossFit*, tão importante quanto problematizá-lo, foi pensar em um método de análise que fosse capaz de dar conta de interpretar as estruturas significantes que estão por trás das manifestações observadas em campo. Enxergamos, portanto, nesta pesquisa a oportunidade de realizar um diálogo interdisciplinar entre a Comunicação e a Antropologia.

Como dissemos acima, um dos objetivos deste trabalho é compreender as formas de socialização no mundo urbano contemporâneo. Nesse sentido, procuramos dialogar com a bibliografia disponível sobre a antropologia urbana e, especificamente, sobre a temática da socialização na antropologia urbana. Isso, evidentemente, nos limites impostos pelo tempo disponível para concretizar uma dissertação de mestrado que é feita na área da Comunicação, e não na Antropologia. Não obstante essas limitações de tempo e “de área”, compreendemos a importância dos estudos de Otávio Velho (1967) e de Gilberto Velho (1994) para a constituição desse campo de estudos, de uma maneira geral, bem como para a introdução do pensamento de Alfred Schutz e Georg Simmel nas Ciências Sociais brasileiras.

Temos em mente, a esse respeito, particularmente a revisão que o próprio Gilberto Velho fez do campo e da trajetória da antropologia urbana na revista *Mana* (2011), mas também seus trabalhos fundadores (VELHO, G., 1973, 1977, 1980), bem como o trabalho de Otávio Velho (1967) e os desdobramentos desse olhar antropológico nas gerações que se seguiram. Trata-se, de um percurso complexo, com efeitos que se disseminam por diversas áreas do pensamento social brasileiro, da Antropologia à História, passando pela Sociologia, Comunicação e Teoria Literária.

Sem desejar fazer uma revisão extensiva desse percurso – mas sim, apenas, encontrar alguns pontos de referência para o diálogo que buscamos estabelecer a partir da comunicação e cultura, ressaltamos o marco fundador, que foi a publicação de *O fenômeno urbano*, coletânea organizada por Otávio Velho e publicada em 1967. Nela, encontramos a primeira tradução para o português de “A metrópole e a vida mental”, de Georg Simmel, texto que

marcaria profundamente tanto a pesquisa em Antropologia como a pesquisa em Comunicação, pois como se sabe essa obra constitui um elemento referencial para o trabalho de Muniz Sodré na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – notadamente, em seus primeiros trabalhos (SODRÉ, 1979; 1982; 1983), mas também no ciclo urbano dos anos 1990, no qual faz uma abordagem da relação entre comunicação e cultura profundamente influenciada pela antropologia urbana (SODRÉ, 1991a; 1991b; 1992a; 1992b; 1993; 1995).

Também assinalamos outro marco fundador dessa antropologia urbana, representado por Velho (2011), com o primeiro curso de antropologia urbana ministrado no Brasil, por Anthony Leeds, do Departamento de Antropologia da Universidade do Texas, no Museu Nacional, em 1969.

Temáticas como o individualismo, a mentalidade das classes médias, o “anonimato relativo”, as práticas de sociabilidade, o carnaval e as relações entre o urbano e a periferia vão, aos poucos, constituindo-se como campos privilegiados dessa antropologia urbana, urbanizando aos poucos o “terreno movediço” que, segundo Velho (2011), caracteriza os primórdios da disciplina. Todos esses temas serão também objeto de pesquisa no campo da Comunicação, primeiramente no grupo da UFRJ e, posteriormente, no chamado “grupo da Bahia”, constituído em torno do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

Com efeito, a perspectiva da pesquisa em comunicação e cultura, central na UFRJ e na UFBA, produziram-se por meio de importante diálogo com a Antropologia e com esses referenciais das ciências sociais que são as obras Simmel, de maneira mais geral e de Schutz, de maneira mais restrita.

Não por acaso, são perspectivas de diálogo que também encontramos em nosso Programa, Comunicação, Cultura e Amazônia e que, dessa maneira, fazem-se presentes nesta dissertação. O momento do treino, tal como outros fenômenos percebidos no *box*, necessita de uma postura metodológica interpretativa. Ao invés de uma abordagem explicativa, pois:

[...] o pesquisador não é apenas um transmissor de falas ouvidas. [...] seu papel fundamental é interpretar o que está sendo dito, observado e sentido. O trabalho final – seu texto – é fruto de muitas vozes. Das vozes nativas, das vozes dos autores com quem dialoga e da sua própria voz. (TRAVANCAS, 2010, p.12).

A observação participante, então, pareceu satisfazer essa necessidade. Uma vez que

A observação participante se distingue da observação informal, ou melhor, da observação comum. Essa distinção ocorre na medida em que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles. (PERUZZO, 2005, p. 71).

Conforme essa perspectiva, “esse tipo de coleta de dados muitas vezes leva o pesquisador a adotar temporariamente um estilo de vida que é próprio do grupo que está sendo pesquisado” (PERUZZO, 2005, p. 71). Dessa forma, a adoção de relatos etnográficos se fez indispensáveis para a coleta de dados empíricos dentro do *box*, diante do qual nos propusemos um percurso de ordem interpretativo e atento aos detalhes, às falas soltas no *box*, aos olhares, gestos; aos *não dizeres*, mas, sobretudo às afetações do campo que comporta esse grupo urbano.

Magnani (2009), compreende a etnografia como:

Uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um novo modelo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p.135).

A etnografia se faz necessária para esta pesquisa, uma vez que ela necessita da presença do pesquisador no ambiente do fenômeno investigado. Neste ambiente, por sua vez, é inevitável que o investigador seja “afetado” (GOLDMAN, 2003), dada a sua interação com seus interlocutores. Entretanto, busca-se não apenas que se assimile o que será investigado, mas que se perceba seu significado a fim de descrevê-los em termos interpretativos.

Essas apreensões, apesar de confrontadas com o referencial teórico proposto, por se tratar de um método antropológico, inevitavelmente, submetem-se ao sistema de valores do pesquisador. Essa experiência tem como condição o pressuposto de que ambos, pesquisador e nativo, participam de um mesmo plano. Conforme observou Magnani (2009), ambos são dotados dos mesmos processos cognitivos que lhes permitem, numa instância mais profunda, uma comunhão para além das diferenças culturais. Assinalando que não são somente os detalhes que caracterizam a etnografia, mas a atenção dada a eles; uma vez que esses fragmentos de observações podem agregar-se de modo a permitir um novo entendimento sobre o que se investiga.

Pensando nesse método, foi necessária uma inserção no campo dos interlocutores. Para, desta forma, viver o cotidiano do grupo observado. Não somente interagir com eles, mas treinar com eles.

Mateus (2015) entende que o método etnográfico em comunicação

consiste, antes de mais, num estudo monográfico escrito por alguém que dedicou uma parte considerável do seu tempo a observar (de forma participante), descrever, anotar e examinar um objeto de estudo empírico ou comunidade comunicativa (MATEUS, 2015, p. 85).

Para isso, iniciei os treinos de *CrossFit* no mês de junho de 2017. Pretendi praticar o esporte no *box CrossFit Strict* durante quatro meses, com a regularidade de três vezes por semana, prioritariamente pelo turno da noite, quando há a maior presença de alunos. Digo “pretendi” porque, após o primeiro mês, eu precisei interromper os treinos, por motivo de fortes dores nos joelhos e na coluna lombar. Ainda assim, continuei a frequentar o *box* para poder observar os diferentes níveis de socialidade e sociabilidade entre os frequentadores dos treinos do turno da noite.

Manuela foi fundamental para minha entrada em campo – ou *no box*. Ela nem me apresentava às pessoas, pois as próprias pessoas se apresentavam a mim, ao perceber que eu estava com ela, sempre no intuito de me convidar a fazer parte daquele grupo. A partir disso, eu sempre buscava cumprimentar as pessoas quando eu entrava no *box*, fossem elas já conhecidas por mim ou não. Nos momentos que precediam os treinos ou nos intervalos, sempre busquei manter algum tipo de conversa, que geralmente se baseava em dúvidas sobre os movimentos, equipamentos e acessórios que envolvem o *CrossFit*. Percebi que isso os deixava entusiasmados em explicar o funcionamento dos treinos e de suas práticas ali.

Durante este período, aproximei-me de alguns alunos, ouvi-os, treinei com eles, brinquei com eles e até frequentei reuniões comemorativas com eles fora do *box*. Tendo comigo sempre um celular, que me serviu como um dos diários de campos, onde tomava notas de minhas percepções, afinal, não foi realizada nenhuma entrevista estruturada nesta pesquisa. Todos os relatos foram extraídos de conversas espontâneas, dentro da “atitude natural (SCHUTZ, 2012). Na intenção de, por meio dessa abordagem metodológica, que busca interpretar os dados coletados, compreender as dinâmicas comunicacionais presentes nas interações sociais e perceber como elas possuem uma dimensão intersubjetiva, que transcende o imediatamente vivenciado (CASTRO et al., 2016). Essa dimensão, a intersubjetiva, seria,

[...] uma dimensão temporal, marcada pela experiência coletiva, que permite, aos sujeitos, o acesso a uma reserva de vivências, pressupostos e dúvidas, um tecido social que vai sendo *tipificado*, conformando reservas de tipos ideais acessados na vida quotidiana (CASTRO et al., 2016, p.100).

Ou seja, trata-se um processo social de partilha da experiência – justamente aquilo que pretendemos compreender através desta pesquisa. Ao me matricular no *box*, fui inserida no grupo de troca de mensagens no *WhatsApp*, formado pelos alunos e funcionários do *box*, que é o lugar de interação que mais agrega os alunos, depois do próprio *box*. Também aproveitei essa inclusão para coletar material para essa pesquisa – principalmente fotos – e observar as formas de interações que ocorrem nessa rede. A maioria dos relatos, que neste trabalho ilustrarão as categorias de análises propostas para esta pesquisa, foram retirados de conversas entre alunos e funcionários dentro do *box* ou no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, sendo alguns outros relatos, extraídos de suas redes sociais digitais. Entretanto, não é interesse desta pesquisa fazer uma análise dos conteúdos dessas publicações digitais em seus perfis individuais, senão para buscar compreender a dimensão simbólica que elas possuem dentro do grupo pesquisado.

Alguns assuntos eu induzia, na própria intenção de extrair as respostas para as dúvidas que eu tinha. Noutras vezes, espontaneamente os assuntos de meu interesse eram abordados nas conversas em pequenos grupos que se formavam com a mesma facilidade com a qual se dispersavam. Muitas vezes conversar com apenas um interlocutor me foi imensamente mais útil do que estar em uma roda deles. Com o celular sempre em mãos, eu anotava vários relatos sem mesmo que percebessem; o que mantinha a conversa e uma atitude natural, apesar de a maioria ali saber que eu estava a realizar uma pesquisa.

Contudo, Favret-Saada (2005) foi central para a determinação da perspectiva metodológica adotada neste estudo. A autora considera repensar a noção de afeto em seu trabalho, para apreender uma dimensão central no trabalho de campo: a de ser afetado. Ela assinala que, em geral, no ato de descrever, os autores ignoram seu lugar na experiência humana. A esse respeito, relata ter adotado um “dispositivo metodológico” que a permitisse elaborar um certo saber posterior. Nesse movimento de obtenção de informações, então, afirma que não pôde fazer outra coisa, senão deixar-se afetar.

Favret-Saada nos faz refletir sobre o “observar participando” e “participar observando” adotado enquanto postura etnográfica, na qual participar equivale à tentativa de estar lá, sendo essa participação o mínimo necessário para que uma observação seja possível. Isso aponta para refletir sobre nossa ida a campo, enquanto pesquisadores, quando se adota

uma postura metodológica que busca compreensões desse campo, já que nos é uma tendência, possivelmente natural, buscar nele o “observável” como saber empiricamente verificável e independente das declarações nativas.

Isso me fez atentar para a necessidade de me livrar ou desvestir de formulações concretas que eu poderia ter previamente sobre meu objeto no momento de ir a campo. Afinal, sendo esta uma pesquisa dedutiva, a formulação de hipóteses prévias não se fez crucial. Estas surgiram a partir da minha interação com o campo. Era essencial, portanto, realizar esse movimento que Favret Saada nos propõe: o de ser afetado. Isso livra o pesquisador da distinção demarcada entre “eles” e nós”, que seria a Grande Divisão.

Portanto, a postura metodológica adotada para esta pesquisa se fundamenta nessa participação enquanto instrumento de conhecimento, de afetação. Não de empatia, que supõe uma distância que “é justamente porque não se está no lugar do outro que se tenta representar ou imaginar o que seria estar lá e quais as ‘sensações, percepções e pensamentos’ ter-se-ia então” (Favret-Saada, 2005, p. 159). Ora, opta-se, pois, por estar no lugar do nativo, em vez de se imaginar lá, sendo também agitado por essas “sensações, percepções e pensamentos”, por se reconhecer que tudo o que se apresenta naquele campo é inimaginável para o pesquisador. É quando se está em campo, permitindo-se ser afetado, que “é-se bombardeado por intensidades específicas”: os afetos.

Porém se faz importante enfatizar aqui que o fato de estar no campo do outro, permitindo-se ser afetada pelas mesmas coisas que ele, não confere a mim, enquanto pesquisadora, um domínio sobre o afeto desse outro. O que ocorre é que ocupar esse lugar de partilha, afeta *a mim* e modifica minha própria sedimentação de conhecimentos.

Entre pessoas igualmente afetadas por estarem ocupando tais lugares, acontecem coisas às quais jamais é dado a um etnógrafo assistir, fala-se de coisas que os etnógrafos não falam, ou então as pessoas se calam, mas trata-se também de comunicação. Experimentando as intensidades ligadas a tal lugar, descobre-se, aliás que cada um apresenta uma espécie particular de objetividade: ali só pode acontecer uma certa ordem de eventos, não se pode ser afetado senão de um certo modo (Favret-Saada, 2005, p 160).

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica em se identificar com o ponto de vista do nativo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer.

Essa ação foi indispensável para que eu pudesse descrever o que vi, imbuindo meu texto do que senti, da forma como senti, nessa busca-tentativa de compreender de que forma aquilo que me afetava – quando afetava – também afetava o outro – quando o afetava. Neste

período em que adotei não somente uma postura de pesquisadora interessada pelos fenômenos comunicativos da vida social, mas também de uma nova praticante, que também negociou sua entrada no *box*, exerci as práticas que estavam ao meu alcance, na medida (física) do possível. Também comunguei de hábitos de consumo, busquei superar meus limites, senti dor, prazer, estranhezas inúmeras, incompreensões, mas, sobretudo, encantamento.

Não que essa decisão, de suspender minha objetividade enquanto pesquisadora, tenha sido fácil ou tão simples como talvez eu tenha feito parecer no parágrafo anterior. Pelo contrário, permitir-me ser afetada, na busca dessa agregação “sem porquê” e intersubjetiva da prática do *CrossFit*, o tempo todo me trazia à tona vários “por quês”. Estar em campo realizando esse método próprio da Antropologia foi-me um grande desafio enquanto pesquisadora em Comunicação – pois, ao passo em que pretendia deixar-me envolver, em uma atitude desinteressada, nessa emoção coletiva, paralelamente as impressões tidas me apareciam como “respostas” constantes. Pareciam *insights*¹⁹. Como se, ao me envolver na experiência estética produzida pelo campo, logo em seguida eu fosse tomada por uma reflexão sobre aquilo e, então, pensava “é isso!”. Diante do que, eu me punha a escrever. Ou descrever.

Sobre isso Goldman (2005), ao comentar a obra de Favret-Saada, ressalta a própria percepção desses afetos, pelo etnógrafo, ou do processo de ser afetado por aqueles com quem o etnógrafo se relaciona. De tal forma que,

Basta que o autor se deixe afetar pelas mesmas forças que afetam os demais para que um certo tipo de relação possa se estabelecer. Relação que envolve uma comunicação muito mais complexa que a simples troca verbal a que alguns imaginam poder reduzir a prática etnográfica (Goldman, 2005, p. 150).

Dessa forma, como proposições para a realização desta pesquisa, consideramos a ideia de que os alunos do *box CrossFit Strict* produzem tipificações quanto aos simbolismos e às materialidades que envolvem o treino, considerando que essas tipificações existentes na prática do *CrossFit* produzem estética. Outra aproximação é a ideia de que a estética se apresenta no *box* de diversas maneiras, inclusive na dimensão conflituosa do *treinar-junto*. Dessa forma, as sociações, produzidas a partir do conflito, são fundamentais para este estudo.

Temos por objetivos, então, compreender a experiência comunicativa na prática do *CrossFit*, a partir dos processos intersubjetivos comungados pelos alunos do *CrossFit Strict*; assim como, especificamente, discutir a dimensão estética presente nas tensões do *box*;

¹⁹ Compreensão súbita.

compreender também as tipificações presentes nas interações entre os participantes do *box*; e descrever as dinâmicas de sociabilidade que a prática do esporte produz no *box CrossFit Strict*.

3 AGUENTANDO A BARRA QUE É GOSTAR DE *CROSSFIT*

Apesar de começar a treinar somente em junho de 2017, o meu primeiro dia de pesquisa de campo foi em maio de 2017, justamente quando acontecera uma competição de dia das mães. O relato deste primeiro dia de pesquisa de campo inicia-se no presente capítulo e estende-se até o final dele; pois aqui narro meus primeiros estranhamentos do presente objeto. Esse relato também será somado a outros, constituídos de impressões e percepções ocorridas ao longo da pesquisa de campo, que aqui dialogarão com o aporte teórico proposto.

Como já citei anteriormente, as compreensões buscadas através desta pesquisa se alicerçam nas noções de Intersubjetividade e Tipificação (SCHUTZ, 2012), e de Estética (MAFFESOLI, 2010), que são conceitos caros às pesquisas realizadas nos trabalhos do Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Cultura e da Comunicação. Inevitavelmente, outras categorias emergiram no curso desta pesquisa, porém não constituem elementos preferenciais do trabalho.

Antes de entrar em campo, Manuela já havia comentado que o *box* costuma criar competições temáticas em algumas datas comemorativas e o dia das mães foi uma delas. Então aproveitei essa competição para iniciar minha pesquisa de campo. Fui sem ter muitas informações além de que a competição começaria às 10h e que haveria três equipes, sendo cada uma liderada por uma aluna que fosse mãe. Essa era a condição para liderar as equipes formadas. Eu ainda não estava matriculada. Ainda não participava, portanto, de forma ativa dos treinos. Dessa forma, ainda não tinha muito entrosamento com os alunos. E naquele dia, fui sozinha ao *box*.

3.1 Aproximações e tensões

Cheguei ao *box* às 9h35, entrei e fiquei parada ao lado de um grupo que formava uma das equipes e se reuniu logo na entrada do *box*. A líder dessa equipe, ao notar meu olhar de interesse e minha postura “fora do meio”, perguntou se eu queria alguma ajuda. Respondi que estava acompanhando Manuela, que compunha a mesma equipe e ainda não havia chegado ali, e desde já aproveitei a oportunidade para dizer que eu estava realizando uma pesquisa de mestrado sobre as relações presentes entre os alunos daquele lugar. Elas me disseram achar legal a proposta e uma delas me disse ainda “É, tem relações boas e ruins aqui”. Logo após isso essa mesma interlocutora abraçou as integrantes de sua equipe, me olhou e falou “A

gente, por exemplo, se ama”, seguido de um “a gente se odeia também, mas se ama”. Todas riram. Então, fui convidada a ficar ao lado delas.

Para compreender esses fluxos dinâmicos que se passam no ambiente do *box*, recorrerei constantemente à noção simmeliana de sociabilidade (SIMMEL, 1983) durante a pesquisa. Compreendendo, primeiramente, a sociação enquanto forma objetiva de interação social entre os indivíduos e a sociabilidade enquanto o prazer em se sociar. A sociação é uma interação que surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Definida por Simmel como sendo a “forma lúdica da sociação”, a sociabilidade, por sua vez, é a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer a seus interesses, em que forma e conteúdo são na experiência concreta processos indissociáveis (SIMMEL, 2006, p. 65). Sociabilidade, então, é feita na necessidade se tornar uma prática cultural. Uma relação, uma sociação, adensada. O puro processo de sociação é, então, um valor estético socialmente apreciado.

Esses processos estão presentes no *box* de várias formas, com conteúdos que se repetem. Essa forma social, representada pela sociação, está presente, por exemplo, na hierarquia existente entre os funcionários do *box*, que determinarão, por sua vez, os conteúdos (sociabilidades) lá presentes. Além de uma hierarquia que estrutura as atividades de cada funcionário que compõe o *staff*, atribuindo-lhe funções, demandas e desdobrando-se na forma com que se relacionam com os alunos, há presente também uma hierarquia menos objetiva. Mas que também demarca de forma clara o adensamento de algumas relações ali presentes.

Um exemplo que trago: houve um dia em que o treino seria em dupla. Eu estava exausta e com muito sono, pois havia ido dormir às 4h e acordei às 7h. Portanto, não gostaria de ir treinar, mas Manuela havia me pedido para ser a dupla dela naquele dia. Pude perceber, pelo meu esforço em ir ao *box* naquele dia, que o compromisso que tinha com ela naquele momento, estava indubitavelmente acima da relação que temos enquanto namoradas. Eu me senti, de alguma forma, responsável por ajudar alguém a fazer seu WOD naquele dia. Senti que poderia ser ela ou qualquer outro aluno. Eu estava ali por um motivo além da minha própria superação (do sono, inclusive; ou da minha preguiça). Eu estava ali por algum tipo de responsabilidade, comprometimento e também pela reciprocidade.

Outro exemplo é que após cada WOD, em todos os dias, os alunos se agrupam e fazem uma foto daquela turma. Essas fotos, logo em seguida, são enviadas ao grupo do *WhatsApp*. A partir daí, podem-se estabelecer diversos tipos de interação, seja no compartilhamento do prazer que foi treinar juntos, seja na jocosidade envolvida na disputa no momento do

treino, seja nos resultados dos treinos. Independentemente do conteúdo que incorporem, essas sociações sempre possuem um valor estético.

Essa compreensão de estética, a partir de Maffesoli (2010), parte do conceito de estética discutido por Aristóteles, que utiliza o termo grego *aesthesis* para se referir à “faculdade do sentir”. Desta maneira, compreende-se a estética como a emoção coletiva presente na vida social.

Maffesoli (2010) compreende a estética como o sentir em comum, uma emoção coletiva, uma afetividade compartilhada, presente na vida cotidiana. Na qual as relações sociais, ao permitirem experiências em comum, geram valores aos seus participantes. Esses valores, por sua vez, estão nas afetividades geradas a partir do “sentir junto”.

A estética, logo, apresenta-se no *box* de diversas maneiras, seja pelas frivolidades geradas pelo esporte, seja por materialidades, como roupas, acessórios, marcas esportivas e hábitos de consumo²⁰.

Esse “sentir junto” se mostrou para mim de modo mais significativo, no meu primeiro dia de treino. Nesse dia, Manuela não estava em Belém, havia viajado para participar de um congresso no Rio Grande do Sul. Portanto, não treinei comigo. Após o treino, enviei a ela o registro do meu primeiro dia treinando *CrossFit*.

Figura 17 - Foto feita no meu primeiro dia de treino

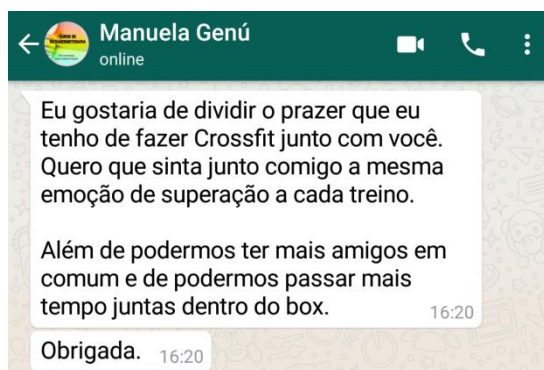


²⁰ Do ponto de vista empírico, toda e qualquer sociedade faz uso do universo material a sua volta para se reproduzir física e socialmente. Entre outras “necessidades” físicas e biológicas, são consumidos e utilizados também para mediar nossas relações sociais, nos conferir “status”, “construir” identidades e estabelecer fronteiras entre grupos e pessoas (BARBOSA, 2004, p. 22). Para além desses aspectos, esses mesmos bens ou serviços, que utilizamos para nos reproduzir física ou socialmente, auxiliam-nos na “descoberta” ou na “constituição” de nossa subjetividade e identidade. Mediante a oportunidade que nos oferecem de expressarmos os nossos desejos e experimentarmos as suas mais diversas materialidades, nossas reações a elas são organizadas, classificadas e memorizadas e nosso autoconhecimento é ampliado. O consumo citado nesta pesquisa tem sua importância colocada nos processos intersubjetivos aqui presentes, abordados pelo viés da tipificação.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Manuela estava contentíssima por eu ter começado a fazer parte de algo que é tão importante para ela. Então, me enviou a seguinte mensagem:

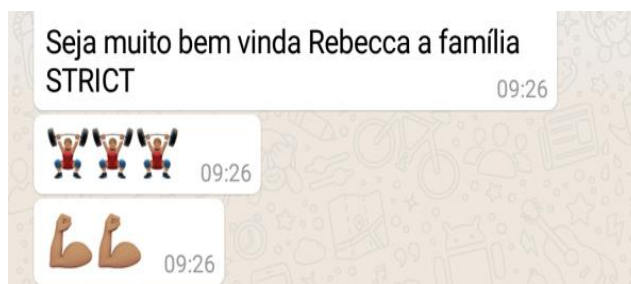
Figura 18 - Resposta de Manuela à fotografia anterior



Fonte: print screen de conversa no *WhatsApp*, 2017.

Nesse mesmo dia, inseriram-me no grupo de mensagens no *WhatsApp*, do qual todos os funcionários e alunos fazem parte. Nele, fui recebida como mais uma integrante da “família”.

Figura 19 - Mensagem de boas-vindas ao grupo do CrossFit Strict



Fonte: print screen de grupo de mensagens no *WhatsApp*, 2017.

Ainda exemplificando essa categoria fundamental para esta pesquisa, a estética, uma vez um aluno que sempre realiza os treinos de bermuda, chegou ao box usando uma calça de lycra; o que atraiu a atenção dos que estavam ali presentes. Imediatamente um outro aluno comentou “Olha aí a calça dele... É Reebok, cara?”, ao que respondeu o outro “É claro!”, passando a mão por cima do nome da marca, estampado no tecido.

O desejo de querer estar junto treinando é capaz de constituir vínculos afetivos e de proximidade, assim como relações de aceitação e pertencimento ao grupo (SCHUTZ, 2012).

A dinâmica dos treinos (WODs) envolve os praticantes na experiência do estar-junto, constituindo uma linguagem que é, ao mesmo tempo, corporal e empática. Dessa forma, quando a experiência os insere no campo do sensível, a presença do outro é fundamental na constituição e manutenção dos vínculos de pertença que mantêm a unidade do grupo, sem, contudo, desconsiderar a diversidade contida em cada um.

Ver o treino na sua dimensão estética, ver a disputa, a competição, a concorrência enquanto fenômeno da ordem de afetividade nos parece uma oportunidade que se apresenta para compreender os afetos para além de suas dimensões empáticas. Aproveito esta abordagem da noção de estética, para inserir o relato de um dia de treino, quando me ficou clara a importância da presença do outro na prática do *CrossFit*.

3.2 O ambiente interativo

Um dia, após meu treino, permaneci para ver a próxima turma que treinaria. Aquela turma foi composta por apenas um aluno, homem, aparentemente mais de 30 anos e nitidamente iniciante. Provavelmente nos seus primeiros dias de treino. O *coach* ficou o WOD inteiro ao lado dele, explicando os movimentos e as técnicas para melhor execução deles. Ao ver isso, Manuela comentou "Coitado, é tão ruim treinar sozinho. Vai lá treinar com ele". Assim fui. Ele estava fazendo um movimento em que era preciso levantar a barra de ferro do chão sobre a cabeça, em um só impulso. De frente para ele, segurando uma barra de apenas 10kg, eu repetia os movimentos conforme as repetições dele. Mas, por exaustão e dor muscular, parei após a sétima repetição. Ele também parou, para descansar. Mas logo voltaria, afinal, o WOD indicava que deveriam ser 12 repetições. Após esse exercício, deveria carregar uma bola com o peso de 4kg e jogá-la contra a parede. Quando recebesse a bola, em queda, se deveria realizar agachamento, segurando-a nas mãos. No retorno do agachamento, devíamos impulsionar a bola novamente para cima e assim completar as 24 repetições que o WOD exigia. Esse exercício (*wall ball*/ na tradução direta do inglês "bola na parede) é um dos mais cansativos do *CrossFit*, por trabalhar conjuntamente músculos das pernas, braços e ainda abdômen. Nesse momento, também fiquei ao lado dele para o acompanhar no exercício, só que eu não estava carregando bola nenhuma. Era apenas simbólico, pois eu somente fazia o agachamento no mesmo momento que ele e ficava de pé no mesmo momento que ele também. Ao me ver ao lado dele, perguntou-me se eu queria a bola emprestada. Eu falei que já havia feito meu WOD e estava ali só para acompanhá-lo. Ele agradeceu brevemente.

Acontece, por vezes, em turmas cheias, de alunos dividirem bolas, barras, pesos e outros equipamentos, pela falta de um maior número dos mesmos.

Ao final do WOD, ele ficou exausto, mas conseguiu realizar tudo dentro do tempo estipulado, diferente de mim, que nem consegui completar o WOD. Jogou-se ao chão fatigado, ao passo em que deu um urro, de dor, cansaço e provavelmente sensações análogas. Após guardar todo seu material, despediu-se das poucas pessoas que estavam ainda no *box*. Manuela, o proprietário R. B., coach e sócio M. L., estagiário D. A. e eu. Apertou minha mão e disse "Obrigado pela força. Foi fundamental".

Retomando o relato do meu primeiro dia de campo, quando eu chegava ao *box* para observar a competição do dia das mães – sendo logo recebida por um grupo de alunas, que compunham a equipe da qual Manuela fazia parte – a perceber, não tive dificuldade alguma para interagir com aquele grupo que me recebera, mas certamente só consegui essa “entrada” fácil por referenciar Manuela, que era integrante da equipe. Apesar de nunca termos conversado abertamente com ninguém daquele *box* sobre nossa relação, talvez tenha ficado clara pela quantidade de vezes que acompanhei Manuela em seus treinos. De qualquer forma, sempre busquei manter razoável distância de Manuela no *box*, pois quis me aproximar dos meus interlocutores espontaneamente, não só por intermédio dela. Eu precisava conquistar a confiança deles, se quisesse obter informações importantes para essa pesquisa. Afinal, a intenção de estar ali era, de alguma forma, tornar-me uma delas, para o qual era indispensável o processo de interação.

Essas relações interativas (SCHUTZ, 2012) são naturais na vida em sociedade. Nós simplesmente nascemos em um mundo com outros homens e nos relacionamos com eles, enquanto nos mantemos no nível da atitude natural. Segundo o autor, o homem toma como evidente a existência corpórea de seus semelhantes, assim como sua vida consciente e a possibilidade de intercomunicação. Produzindo, nesse ambiente, interações.

Enquanto para Simmel (2006), a partir da complexidade de uma rede dessas interações formada entre os indivíduos, é que emerge a sociedade. Essas interações podem ser impulsionadas por vários motivos, como paixão e desejo – que são exemplos que constituem conteúdos da vida social. Da mesma forma, sentimentos como inveja, raiva, competição, também geram coesão social. Assim, essencialmente, a sociedade transcorre de um emaranhado de ações e reações que se desenvolvem de diversos modos nos conteúdos das relações sociais. Os que estão ali, fazem-no por uma paixão em comum: o *CrossFit*. Além do desejo de competir ou torcer pelo outro que compete.

Essa equipe, da qual me aproximei imediatamente ao chegar no *box*, autointitulada “*powerfull mothers*” (mães poderosas), formava um círculo no qual discutia estratégias da competição que logo iria acontecer. Cada equipe possuía uma capitã, que obrigatoriamente devia ser mãe. Pelo que percebi, além desse critério, como havia mais de uma mãe por equipe, a capitã era escolhida por ter os melhores desempenhos durante os treinos. Esse segundo critério de escolha não era uma norma da competição, mas algo subjetivo entre as equipes. Dessa forma, parecia uma boa incentivadora para a equipe e um “forte” exemplo a ser seguido.

Percebi que aquela foi a única equipe que possuía camisa personalizada para aquela competição. Soube depois que a competição havia sido planejada apenas um dia antes de se realizar e, dessa forma, as equipes não tiveram tempo para organizar muitas coisas. Além da camisa rosa, também combinaram em usar calças pretas, conforme a imagem abaixo.

Figura 20 - Blusa confeccionada pela equipe para a competição



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

O barulho da música que tocava na caixa de som do *box* dificultava a escuta das conversas – a música no momento dos treinos também possui uma forma estética. Senti-me constrangida em participar do círculo que elas formavam; por isso me mantive à margem dele. Afinal, era meu primeiro dia ali e estava me apresentando a elas, formalmente, pela primeira vez. Mas pude ouvir uma frase entoada pela capitã da equipe, T. P., que tem aproximadamente 40 anos, “O importante é torcer um pelo outro!”. Durante essa frase,

percebi um olhar tensionado tanto quanto o tom dessa fala; pois indicava que esse objetivo não era comungado pela maioria do *box*.

Ali se colocava um dos primeiros conflitos que eu percebera. Pude notar também que aquela competição, do dia das mães, estava promovendo uma grande atmosfera de disputa entre as equipes femininas. Os murmúrios entre as competidoras pelos cantos do *box* já indicavam isso.

Como já indicado aqui, Simmel não enxerga o conflito de forma negativa, considerando-o enquanto forma social que, inclusive, pode dar possibilidade a momentos de construção. Pela primeira vez, então, questionei a mim mesma sobre um discurso recorrente que muito ouvi no percurso desta pesquisa: de que no *CrossFit* a superação é sobre si e não, necessariamente, sobre o outro. Seria mesmo?

Uma questão fundamental para esta pesquisa não é o objetivo pelo qual o grupo se forma, mas o interesse e o prazer embutido na própria união social dos indivíduos; o sentimento de pertencimento ao grupo. É a dimensão estética da sociabilidade.

Sob a premissa do pensamento *Simmeliano*, as manifestações sociais reciprocamente estabelecidas compreendem a essência de uma sociedade, em um processo de constante construção, desconstrução e reconstrução (PERES et al., 2011, p. 98). Seguindo esse pensamento, o termo *sociação* é estabelecido por Simmel para definir um processo que inicia sua existência a partir do momento em que os indivíduos interagem e adotam sistemas de cooperação e colaboração.

A *sociação* é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. (SIMMEL, 2006, p. 60).

O adensamento dessa *sociação*, conduzirá então à *sociabilidade*:

O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da *sociabilidade*. (SIMMEL, 2006, p. 64).

Porém, é importante salientar, no que tange à sociabilidade, que os afetos não se manifestam apenas em consensos. A afetividade pode estar presente em muitos lugares, inclusive naquilo que, aparentemente, não é afetivo. Aqui se põe um dos problemas desta pesquisa: enxergar o treinar-junto na sua dimensão conflituosa. O ambiente do *box* pode apresentar características de interação diversas e diferentes daquelas apresentadas pela sociabilidade convencional, tornando possível o desenvolvimento de uma outra forma de sociação: o conflito.

Simmel (1983) problematiza a relevância do conflito, enquanto admite que os conflitos alterem ou até consolidem grupos de interesse. O autor questiona se o conflito, independentemente do fenômeno que resulte ou o acompanhe, é, em si, uma forma de sociação. Essa é uma questão muito cara a esta pesquisa. Portanto, apesar de os conflitos serem motivados por fatores de dissociação, é possível, a partir deles, alcançar algum modo de unidade.

Segundo relato de uma integrante dessa equipe, elas foram instruídas pela capitã a escolher os movimentos que mais gostassem para executar durante a competição. Sem se importar, prioritariamente, em superar a outra equipe, mas em aproveitar o momento das provas da competição. Dessa forma, a capitã estava de posse de um papel, em que constavam os nomes de todos os exercícios que compunham o WOD da competição e, ao lado de cada exercício, o nome da integrante que o executaria.

Figura 21 - Equipe discutindo estratégia de competição



Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Logo o *coach* M. L. chamou todas as participantes para explicar-lhes os movimentos de todos os exercícios que compunham o WOD daquela competição. Antes de fazê-lo, agradeceu à M. B., praticante-competidora de *CrossFit* e esposa do proprietário do *box*, por ter pensado na proposta da competição. Lembrou que anteriormente já haviam contado com um membro feminino no *staff* do *box CrossFit Strict* e que, após a saída dessa pessoa, que era a *head coach* E. L., a “rapaziada ficava mais desligada dessas ‘coisas de mulher’”. Terminou dizendo que a própria M. B. havia providenciado a confecção dos brindes e pensado nos “toques femininos” das premiações. Esses “toques femininos”, aos quais se referiu, eram os brindes que seriam dados a todas as competidoras daquele dia, sendo vencedoras ou não. Eram caixas contendo trufas e algumas embalagens de flores que continham chocolate dentro.

A partir disso, o *coach* começou então a explicar o WOD, tendo sido interrompido diversas vezes enquanto falava. Pude perceber um desconforto enorme de M. L. nessas interrupções. Enquanto ele esperava para retomar sua fala, esboçava um sorriso sem jeito no rosto, de constrangimento e razoável aborrecimento. Até que, depois de inúmeras interrupções de conversas e brincadeiras paralelas dos alunos, ele falou em tom sério “Se vocês deixarem eu continuar, vai ser melhor”. Assim prosseguiu na explicação, exemplificando todos os movimentos que deveriam ser executados. Inicialmente, apenas de modo verbal. Então uma aluna pegou um pedaço de cano de plástico, que serve no *box* para simular uma barra de ferro, e entregou a M. L.. Esses canos são usados nas explicações de movimentos, por serem mais leves que as barras (que pesam 10kg, 15kg ou 20kg), sendo também utilizados para alongamento dos braços. De posse deste cano, o *coach* prosseguiu a explicação, desta vez gestualmente; executando os movimentos para que elas vissem.

Figura 22 - Coach M. L. explicando os movimentos do WOD



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Durante a explicação, M. B. pediu licença a todas as alunas para fotografar os meninos ao final da competição deles. Eu fiquei sem entender o que estava acontecendo no momento, pois vi três meninos em cima do pódio, que era formado de caixas de madeira postas uma ao lado da outra. Procurando entender o que acontecia, perguntei a uma das meninas o que significava aquilo. Fui informada então que, ao saberem que haveria uma competição feminina, os meninos do *box* articularam-se para criar uma competição masculina, a qual chamaram de “*Men’s Challenge*” (desafio dos homens).

Essa competição, em menor proporção, ocorreu naquele mesmo dia da competição feminina, bem cedo, antes que a competição feminina iniciasse. Fiquei surpresa com aquilo. Mais surpresa ainda pela interrupção nos processos da competição que viria a acontecer, para que todas as atenções se voltassem para os meninos que estavam no pódio. Eram os três meninos “mais preparados” do *box*; os RX²¹. Apesar de aquilo me parecer abusivo de alguma

²¹ Há 3 níveis de competidores no *CrossFit*: os iniciantes ou *beginners*; os *scale*, que carregam cargas maiores do que os iniciantes e conseguem executar movimentos mais difíceis, que exigem aprimoramento de técnicas; e os *RX*, que executam os treinos de acordo com o padrão mundial de competidores de *CrossFit*. Os *RX*, portanto, representam dentro do *box* os alunos mais preparados para levantamento das cargas mais pesadas e execução dos movimentos com a maior precisão de técnicas. Os *RX* são os que conseguem subir na corda com facilidade, andar de cabeça para baixo/ponta cabeça, suspender-se por argolas e os demais movimentos provenientes, principalmente, da ginástica.

forma, notei que ninguém ali pareceu se incomodar. Nem mesmo as meninas. De forma que todas pararam para assistir à premiação dos meninos, que se deu na forma de entrega de medalhas; também foram fotografados e aplaudidos, como podemos observar na Figura 23.

Figura 23 - Premiação masculina no pódio



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Dedico aqui um tempo a explicar o que tratei como “abusivo”. Talvez não seja a melhor palavra para descrever meu incômodo, que se aproximou de uma indignação. Como poderiam, em uma competição estritamente feminina, marcada pelo dia das mães, um dos maiores símbolos da feminilidade, no senso comum, os meninos organizarem uma competição sem contexto algum? Competição que, inclusive, atrapalharia o curso da competição feminina.

Ainda era cedo para que eu pudesse fazer qualquer afirmação acerca da aceitação por parte das mulheres daquela competição, mas por já ter frequentado o *box* anteriormente vezes o suficiente para saber quem eram as pessoas que estavam em cima do *box*, pude esboçar uma interpretação. Em cima do pódio estavam os três alunos mais prestigiados do *box*. Os três que sempre tinham o maior desempenho nos treinos e que representavam o *CrossFit Strict* em competições externas. Eles eram as maiores referências do *box*, tanto em performance quanto em desempenho. Por isso percebi que em vez de indignação, as meninas que os aplaudiram pareciam sentir orgulho e inspiração.

Aqui se põe uma questão de gênero observada nas relações existentes no *box CrossFit Strict*. A de que, independentemente dos incentivos e apoios mútuos entre os alunos de ambos

os sexos durante os treinos, para que o outro alcance sempre um melhor desempenho a cada treino, os destaques de desempenho quase sempre eram masculinos – pela questão biológica, que torna os homens fisicamente mais fortes do que as mulheres. Por esse mesmo motivo, uma grande chacota nos momentos dos treinos, era quando uma aluna obtinha melhor desempenho do que um aluno; conseguindo aguentar uma carga mais pesada ou fazendo um número maior de repetições de determinado movimento.

Essa chacota replica um estereótipo no que se refere à expectativa social sobre a força física de um homem em relação a uma mulher. Os estereótipos (NEWMAN, 1975) seriam categorias simplificadoras ou atalhos cognitivos que facilitam o acesso a novas situações e informações. São simplificações que permitem a previsibilidade. Isso corresponde à definição do outro e do contexto em que as relações se travam em termos de expectativas sociais padronizadas que, por sua vez, pressupõem valores.

Um exercício importante para esta pesquisa foi investigar de que forma a intersubjetividade se apresenta nas sociabilidades dentro do *box*, assim como observar de que maneira as tipificações estão presentes nessas relações.

Após a premiação dos alunos, o *coach* retomou as explicações dos exercícios, que duraram aproximadamente cinco minutos. Terminada essa etapa, algumas equipes se dispersaram e duas se reuniram. Provavelmente acordando os últimos detalhes antes de iniciarem a competição, conforme a imagem a seguir.

Figura 24 - Minutos antes do início da competição



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A competição iniciou às 10h25 e, pela limitação do espaço, que foi cercado de forma improvisada com caixas de madeira, tonéis e fita plástica, não ocorria com todas as equipes ao mesmo tempo. O primeiro WOD iniciou com 2 equipes. Sendo um dos exercícios a subida de corda. Durante essa prova, uma das integrantes da equipe que me recebeu, deslizou sua perna na corda e acabou “abrindo” uma ferida que havia sido causada anteriormente pelo mesmo motivo: subida de corda. Por esse motivo, é uma prática dos *crossfitters* usar meias de cano longo, que vão até o joelho. Ou simplesmente calças de lycra, pois elas previnem essas lesões.

Figura 25 - Ferimento causado pela subida de corda



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

3.3 Questões do corpo

A subida na corda costuma causar lesões nas pernas e nas mãos dos praticantes. A isso eles chamam de “abrir”. Conforme a Figura 25, em que a corda “abriu a canela” da competidora. A ferida sangrava bastante, mas parecia não haver muita importância, nem mesmo dor. Percebi que parecia ser um fato banal, muito corriqueiro no cotidiano dos praticantes. Um fato tipificado entre eles. Uma das tipificações de um *crossfitter* é andar com mãos e pernas constantemente machucadas, pela agressividade dos exercícios que compõem o treino. É um modo de um *crossfitter* reconhecer o outro em ambientes fora do *box*, havendo, inclusive, certo orgulho em ter essas marcas no corpo, que os caracterizam como tal, e que os fazem pertencer àquele grupo.

Esse sentimento de inclusão possui uma dimensão sensível valiosa para a investigação proposta. Tais experiências comunicativas perpassam a ideia de estética, proposta por Maffesoli (2010), ao passo que também atentam para os sistemas sociais de relevância,

abordados por Schutz (2012), quanto às relevâncias que fazem parte da herança social de qualquer comunidade cultural.

Qualquer grupo social e cultural estabelece, então, seus próprios valores de relevância e se orienta por eles intersubjetivamente. Isso caracteriza o que o autor trata enquanto tipificação.

Tipificamos quando tendemos a classificar fenômenos semelhantes como iguais, chamamo-los pelos mesmos nomes e consideramos suas características mais importantes como as mesmas. É uma espécie de generalização. O simples fato de nomear constitui tipificação. Tipificamos, portanto, o mundo à nossa volta para entendê-lo. Nesse processo, a linguagem desempenha um papel: tipificar para compreender.

A tipificação conforma, nessa perspectiva, uma experiência básica e estruturante da vida social (Schutz, 1967). Em nossa pesquisa procuramos compreender a dimensão comunicacional do processo intersubjetivo da tipificação, com foco na dimensão sensível da interação social, ou seja, como o afeto, o gosto, o *ethos*, o prazer, a empatia, a curiosidade, o medo, a nostalgia, etc são tipificados e se fazem presentes na vida social cotidiana. Procuramos fazer um esforço de aproximação do referencial fenomenológico e hermenêutico à pesquisa das ciências sociais, usando centralmente a prática etnográfica (CASTRO et al., 2016: p. 100).

Tipificar, portanto, é um impulso subjetivo da ação humana no mundo da vida. Schutz (2012) trata a tipificação enquanto uma categoria de compreensão. Um dispositivo natural e socialmente inerente ao indivíduo, que serve como forma intersubjetiva de reconhecimento e identificação, a partir do acionamento do nosso estoque de conhecimento – adquirido através de interações sociais anteriores. Em nível de senso comum, as tipificações emergem na experiência cotidiana do mundo como algo evidente, sem qualquer formulação de juízos ou de proposições claras. São generalizações sociais.

A presença dessas tipificações no *box*, por sua vez, gera diretamente interações que constituem afetividades, gerando, dessa forma, um pressuposto ratificado nesta pesquisa: o de que as tipificações produzem estética. Embora vivenciado de pontos de vista subjetivos, diferentes, esse ambiente (interativo) é carregado de objetos e eventos que são percebidos por todos que o compõem.

Naquele momento, em que vi a perna da competidora sangrando me senti à vontade para fotografar, afinal, apesar de não estar ainda entrosada ao grupo, ela já sabia da minha condição de pesquisadora ali. Nesse momento, também notei que ela usava um tênis que possuía a marca *CrossFit*. Outro elemento tipificado entre eles.

O *box* apresenta um campo muito rico em tipificações, em classificações carregadas de sentidos produzidos a partir dos valores compartilhados pelos praticantes de *CrossFit*. Podemos encontrá-los nas roupas usadas, nos tênis, nos acessórios, que sempre têm uma marca esportiva preferencial – a *Reebok*²². Uma marca que os destacam em relação aos praticantes de outros esportes e os legitima enquanto *crossfitters*. Isso acontece porque a *Reebok* comprou direitos sobre a marca *CrossFit*, permitindo que somente ela, dentre as multinacionais esportivas, venda produtos específicos para o esporte. Ainda que outras empresas vendam produtos com a mesma função e para o mesmo público, não podem usar a marca “*CrossFit*”. Dessa forma, o próprio grupo se re-classifica constantemente, a partir, não somente da aderência às práticas de um *crossfitter*, mas também pela adesão aos produtos específicos para a o esporte. Neste caso, o investimento financeiro com a marca faz parecer maior o engajamento e o envolvimento com a própria modalidade.

A competição seguia e, durante o WOD, uma das competidoras fazia uma transmissão ao vivo (*live*) da competição através do seu celular, pela mídia social *Instagram*. De forma que todos seus seguidores nessa plataforma digital pudessem acompanhar a competição que ela filmava. Em determinado momento, ela se posicionou em frente ao celular e disse “Por favor, você que está aí do outro lado, nos assista”. Percebi haver muito uso e até mesmo apelo dos alunos e funcionários do *CrossFit Strict* para as mídiad digitais. A análise das publicações nessas mídias, entretanto, não serão objeto de análise nesta pesquisa. Pensamos essa possibilidade para estudos futuros. Porém, por perceber que essas plataformas também fazem parte da construção da imagem e narrativa de um *crossfitter*, nos interessa interpretar a dimensão performática dessa prática, publicada nessas mídias.

²² Reebok é uma empresa americana, originalmente inglesa, de equipamentos esportivos. Ela foi vendida recentemente para a Adidas, porém sua marca e tecnologia continuaram sendo desenvolvidas sem alterações.

Figura 26 - Posicionamento do celular para a transmissão ao vivo da competição



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Várias outras competidoras se posicionavam em frente ao celular para interagir também, principalmente por gestos. Sorriam, acenavam e se divertiam com aquilo. Os alunos do *CrossFit Strict* costumam registrar seus treinos diariamente, ao final de cada WOD. Há muita vaidade no que praticam, no esforço físico empenhado nos treinos e até mesmo nas marcas deixadas no corpo. Parece demonstrar que a superação não se alcança sem dor e sem sofrimento. Isso caracteriza-se enquanto performance, que se refere às ações e comportamentos, “marcados por contexto, convenção, uso e tradição” (SCHECHNER, 2003, p. 25) e pela tensão entre eficácia e entretenimento (SCHECHNER, 2012). O ato de performance pode ser apreendido na relação entre ser, fazer e mostrar-se fazendo. Desta forma, “afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias” (SCHECHNER, 2003, p. 27).

Figura 27 - Interação das alunas com os espectadores ao vivo



Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Além dessa aluna, que posicionou seu celular para a transmissão, vários espectadores filmavam e fotografavam a competição, em meio a gritos de incentivo e de orientações aos colegas competidores. Ao final do primeiro WOD, as equipes se reuniram brevemente durante os minutos de intervalo para avaliar os erros das integrantes e se auxiliarem quanto à

execução dos movimentos. Nesses intervalos, também aproveitam para fazer *selfies* (autorretratos) em seus celulares, fotos em equipe e mais transmissões ao vivo.

Ao iniciar o segundo WOD, uma das espectadoras, que estava amamentando seu bebê, sentada próximo à equipe de blusa rosa, as *Powerfull Mothers*, ao presenciar diversas tentativas falhas de levantamento de barra, entoou um “Acreditem em vocês! Acreditem na barra! Vocês estão com medo dela! Ela não é mais forte que vocês!”. Ela era aluna também, mas havia interrompido os treinos durante a evolução de sua gestação. Estava ali como espectadora e aparentava não ter equipe preferida, pois incentivava todas. Ela é, inclusive, a esposa do *head coach* M. K. Após esses gritos de incentivo, as competidoras continuavam tentando, exaustivamente, emplacar algum levantamento da barra acima dos ombros, mesmo com os braços doloridos e com as barras caindo ao chão antes mesmo de alcançarem uma altura significativa. Não desistir pareceu ser tão honroso quanto obter sucesso na execução.

Durante o segundo WOD, o proprietário do *box*, R. B., também iniciou uma transmissão ao vivo no aplicativo *Instagram*. Ele percorria todo o espaço do *box*, filmando a competição e permaneceu o fazendo até o término do WOD.

Figura 28 - Administrador do *box* transmitindo a competição ao vivo



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

No intervalo da competição, enquanto eu fazia minhas anotações em meu diário de campo, sentada em um banco, distante de todos, R. B. sentou ao meu lado e disse “Não estás anotando aí que o João Victor fala muita besteira, né?”. Riu e completou “Várias vezes, antes mesmo de entrar no *box*, eu escuto só a voz do J. V. gritando. Ele não tem jeito, já foi até motivo de reclamação dos vizinhos”.

J. V. é um dos primeiros alunos do *box*; um dos que estavam no pódio. Um aluno muito efusivo e tão brincalhão que, por vezes, chega a ser inconveniente.

R. B. continuou a conversar comigo enquanto manuseava o celular, relatando a diferença em número de seguidores nas duas mídias sociais que o *box* possui (*Facebook* e *Instagram*). Os perfis do *box* nessas plataformas são suas maiores formas de divulgação.

R. B. me contava que preferia fazer transmissão ao vivo pelo *Facebook* do que pelo *Instagram*, pois no primeiro possuía um número maior de seguidores e visualizações. Ele constantemente retomava o assunto das plataformas digitais comigo, pois, anteriormente, ao saber que sou comunicóloga, Relações Públicas, e por já ter administrado páginas empresariais na internet, pediu-me para assumir o gerenciamento das páginas do *box*. Eu recusei o convite. Tive receio de que a assessoria pudesse atrapalhar minha pesquisa. Mas R. B., sempre que podia, tentava “arrancar” alguma dica minha.

J. V. realmente se mostrava inconveniente. Apesar de a área de competição ser isolada para a circulação estrita dos competidores e juízes (*judges*), e a competição ser exclusivamente feminina. Ainda assim J. V. permaneceu lá, dentro da área, em constante interação com as competidoras. Dando incentivos e fazendo piadas. Nesse momento percebi que a disciplina no *box* parecia estar suspensa. Ou que seu prestígio dentro do *box* lhe era um passaporte para transitar onde lhe conviesse – mais uma coisa que me deixou incomodada. Mas ninguém mais parecia se incomodar ali, além de mim.

Figura 29 – J. V. dentro da área de competição



Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Curioso notar que as demais participantes das equipes foram proibidas de adentrar a área da competição; enquanto J. V. parecia não ser notado ali. Ao me levantar da cadeira em que estava sentada para ir fotografar J. V., me aproximei de duas alunas que assistiam à competição e pude escutar uma delas falar “Pode entrar? Pode invadir?”, pois estavam querendo entrar na área da competição para levar água à sua amiga e dar-lhe algum auxílio sobre a execução dos movimentos que fazia. Mas comentou “Melhor não, ela pode perder ponto”. Dessa forma, as duas permaneceram do lado de fora, enquanto J. V., dentro.

Foi então que uma das equipes terminou o WOD, que consistia em pedalar na bicicleta, chamada simplesmente de “*bike*”. A contagem poderia ser medida em milhas, mas naquele momento, estava sendo medida em calorias. Dessa forma, era necessário “pedalar” 650 calorias. As alunas revezaram até conseguirem terminar, exaustas.

Quando essa primeira equipe terminou o WOD, houve grande comemoração entre elas e com algumas pessoas que assistiram. Então a outra equipe competidora, ficou desassistida e

desmotivada. Ao perceber isso, o *head coach* M. L. chamou a atenção das pessoas para torcerem pela equipe que ainda não havia concluído a prova. Ele gritou “Gente, dá uma força aqui!”. Nesse momento, todas as meninas que estavam no espaço de competição permaneceram apoiando, com gritos que só cessaram ao final do tempo estipulado para a conclusão do WOD.

O *head coach* no *box* é responsável por mais do que o ensinamento de técnicas de execução de movimentos. Ele tem o papel de incentivar também o respeito, a torcida e a própria disputa entre os alunos, “sempre de forma respeitosa”, como me disse M. L. O *head coach* também possui o papel de promover a disciplina, utilizando-se da sua posição de autoridade no *box*. Porém, percebo que ele, M. L., não faz proveito dessa posição. Parece desconfortável em ser rígido com alunos, mesmo quando precisa. Percebo nele uma posição um pouco passiva, com razoável indiferença ou receio de se indispor com os alunos.

No momento da competição, os administradores do *box* pareceram neutros em suas preferências, auxiliando e incentivando as competidoras independentemente de suas equipes, sempre indicando a melhor forma de poupar suas forças para se manterem por mais tempo na competição. Já que muitas não conseguem chegar até o final, por exaustão.

Ao final desse último WOD, M. L. foi ao quadro e anotou a somatória de pontos para anunciar a equipe vencedora. Para a surpresa de todos, houve um empate entre duas equipes que possuíam 7 pontos cada; conforme ilustra a imagem.

Figura 30 - Pontuação das equipes ao final da competição

Equipe	1	2	3	4	5	Pontos
M. GISELE	2	4	3	3		7
M. TALITA	3	2	1	1		7
W. JOFURIA	1	2	2	2		7

Ranking List (from top to bottom):

1. Elias
2. Rodrigo
3. Thiago
4. Pedro
5. Fábio
6. Lucas
7. Cristiano

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Aqui se põe uma distinção entre o *CrossFit* e os demais esportes que costumamos acompanhar. No *CrossFit*, a equipe vencedora é sempre aquela que soma o menor número de pontos; não o maior número. Pois a lógica de pontos se aplica à colocação no ranking. A equipe que fica em primeiro lugar em cada WOD, recebe um ponto. A que fica em segundo lugar, recebe dois pontos e assim correspondentemente. Dessa forma, quanto mais pontos uma equipe tem, mais abaixo é sua colocação no ranking. Diferente da maioria dos demais esportes, nos quais quem recebe mais pontos alcança os primeiros lugares do ranking.

A decisão do desempate teve que ser improvisada naquele momento, entre M. L., R. B. e M. B., que decidiram fazer uma única prova. A prova do remo.

O remo é um equipamento temido pelos praticantes de *CrossFit*, tanto quanto o *burpee*, já mencionado anteriormente. O aparelho faz a contagem de metros “remados”. O movimento de remar se dá quando a pessoa fica sentada, com os pés fixos e puxando um bastão contra si. Esse bastão é preso por uma corrente que faz pressão para que ele seja puxado contra a força de quem o puxa. É um exercício que envolve muito preparo físico, pois movimenta todos os membros do corpo nesse “vai e vem”, mas, sobretudo, exige muita força nos braços e abdômen.

Quando foi anunciada a prova de desempate, houve lamentação por parte das competidoras, que àquela altura já possuíam pouca força para continuar. Era preciso que a equipe remasse 2 km. Esse momento decisivo foi então o mais emocionante de toda competição, havia notoriamente grande expectativa nas equipes e nos expectadores. Percebi que, quanto mais difícil for realizar algum movimento, mais excitação isso causa nos praticantes. Talvez por ser maior o desafio e a possibilidade de superação. Sobre si e também sobre o outro.

A superação é um dos valores mais apreciados pelos alunos do *box CrossFit Strict*. Um valor compartilhado intersubjetivamente, tal como são compartilhadas algumas formas de conhecimento também. Consideramos aqui a intersubjetividade enquanto característica inerente e indissociável da comunicação. Por isso será um dos conceitos eixos desta pesquisa. Uma vez que dentro do *box* são percebidas falas, gestos, modos de pensar o social, que caracterizam valores intersubjetivos específicos compartilhados entre aquele grupo.

Nessa perspectiva, a intersubjetividade (SCHUTZ, 2012) orienta o indivíduo no mundo da vida, onde é incitado e guiado por instruções e interpretações que lhe são dadas por outros, que são compartilhadas. O indivíduo então constrói suas próprias orientações do mundo à sua volta com o auxílio de interpretações outras, que lhe são continuamente

oferecidas por meio da exposição aos seus semelhantes, através de seleção, interpretação e aceitação. Defendendo a ideia de Schutz (2012), de que o mundo da nossa vida cotidiana não é nosso mundo “privado”, mas um mundo intersubjetivo, o qual compartilhamos com nossos semelhantes.

Em suma, é um mundo comum a todos nós. A intersubjetividade, portanto, é a forma de comunicação básica entre as pessoas e se apresenta justamente nessas relações interativas, das quais tratou Schutz (2012) - daquilo que é alcançado através das interações, do que é compartilhado desinteressadamente. A questão é, portanto, como as múltiplas interpretações particulares dos indivíduos, em qualquer comunidade cultural, convergem para uma visão comum de mundo.

Durante toda a competição, havia música sendo tocada na caixa de som do *box*; porém, em volume quase despercebido. Antes da prova de desempate, o *coach* aumentou o volume. Aquilo pareceu animar as competidoras, que juntavam seus últimos esforços para buscar a vitória. Percebi ali a música como um objeto estético também.

Foi colocado no meio do local de competição o único remo que o *box* possui. Uma equipe de cada vez fazia a prova, de forma que suas integrantes se revezariam a remar até que os dois quilômetros fossem alcançados. Venceria a equipe que alcançasse a meta em menor tempo.

A prova iniciou, com todas as competidoras ao redor do remo. Também estavam lá os administradores do *box* e, como não podia faltar, J. V. também. M. B. gritava “puxa com raiva!” e J. V., sempre brincando, gritava “Puxa e grita o nome do teu ex-namorado!”. Foi o momento mais emocionante que presenciei naquele *box*. As competidoras pareciam não escutar ninguém, olhando fixamente para o relógio no equipamento que marcava a distância “remada”.

Figura 31 - Realização da prova de remo para desempate entre equipes



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Cada competidora que saía do remo para que outra entrasse, saía sem forças nas pernas e braços, mas permanecia ao lado da equipe para incentivá-la. Cada competidora que

subia ao remo dava o máximo de si. Ao mesmo tempo em que olhavam incessantemente o relógio marcador do equipamento para ver a progressão de metros, também fechavam os olhos a cada “remada”, parecendo trazer à tona seus últimos esforços, seus sacrifícios.

Neles, as bocas abertas, a respiração ofegante, os rostos molhados de suor, os corpos que já não correspondiam à intenção, as posturas físicas já desajeitadas, desconstruindo os movimentos. As remadas eram acompanhadas de urros, berros de dor, de entrega, havendo uma dimensão performática naquela situação. Quando alguma não estava mais sendo suficientemente “produtiva”, logo era substituída por outra que estava mais descansada, que subia no remo e remava com toda força que conseguia. Cada uma que saía era comemorada, abraçada e agradecida. Algumas pareciam até fazer algum tipo de prece durante a prova, conforme imagens a seguir.

Nesses minutos finais, a área de competição já havia sido adentrada por alguns namorados e maridos de competidoras, que torciam e as incentivavam bastante.

Figura 32 -Minutos finais da competição



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Ao final da prova, a equipe vencedora se abraçou e entoou em coro: “São as novatas! São as novatas!”. Notoriamente aquela era a equipe mais competitiva do *box*. Serem “novatas” no *box* poderia aparentar maior fragilidade diante das demais equipes, supostamente mais “preparadas” para uma competição. Então o fato de terem vencido a competição deixou claro o orgulho que tinham em terem superado as expectativas alheias.

Figura 33 - Comemoração da equipe vencedora



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A equipe que ficou em segundo lugar foi aquela que me recebeu nesse dia, a “*powerfull mothers*”. Elas pareciam não acreditar na perda, causada por apenas 2 segundos de diferença, porém festejaram por terem alcançado o segundo lugar e abraçaram “as novatas” durante a comemoração, formando um círculo com todas juntas, enquanto pulavam e sorriam.

Figura 34 - Equipes do 1º e 2º lugar comemorando juntas



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Naquele momento, a dimensão conflituosa da competição se sobressaiu aos meus olhos. Ao passo em que me surpreendeu a harmonia que esse conflito possuía com a frivolidade que a comemoração trazia. É um conflito que separa, mas também agrega. Parece haver espaço para todas as emoções coletivas na busca pela superação individual. Não parecia haver perdedoras ali, posto que cada uma aparentou superar seus próprios limites. Uma integrante da equipe que ficou em terceiro lugar falou “Eu torci por todo mundo aqui! Até pelas minhas inimigas”.

Os momentos de comemoração foram incessantemente registrados por fotos de todos os presentes. Eram fotos individuais, em duplas, trios, equipes. R. B. registrava tudo e pediu para todas as mulheres presentes se posicionarem para uma foto. Nesse momento fui convidada a me juntar a elas. Com certa timidez, juntei-me.

Após isso, o *coach* M. L. pediu a atenção de todos, subiu em uma caixa e parabenizou todas as competidoras pelos seus desempenhos em equipe e enfatizou que a intenção do evento era promover uma “competição saudável”, sem “desejar o mal do outro” e que a diferença entre as equipes foi de pouquíssimos segundos. Falou também da importância de cada segundo em uma competição de *CrossFit*.

O pódio foi formado por várias caixas de madeira e nele foram entregues rosas de chocolate às competidoras, e caixas de trufas às líderes de equipes, que eram todas mães. Além disso, foram entregues também medalhas douradas às competidoras da equipe vencedora.

Figura 35 - Momento de homenagem a todas competidoras



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Enquanto assistia à premiação, J. V. falou a R. B. e M. L.: “Essa competição foi emocionante, olha. A dos homens foi sem graça. Nem gritar eles gritavam.” Demonstrando a importância da performance para o momento da competição. No pódio, várias alunas pediram o microfone para fazer uma fala. Os depoimentos eram em tom de agradecimento pelo incentivo à superação, ao apoio das demais colegas e do *coach*.

Aqui observaremos a formação de um grupo com uma ação coletiva organizada e sustentada em gostos e práticas compartilhadas em um ambiente metropolitano. Interessa-nos olhar para aspectos dessa agregação cultural de indivíduos que congregam identificações e produzem interesses em torno de uma prática esportiva. Parece-nos relevante buscar compreender os consensos presentes nas identificações e também os conflitos produzidos a

partir dessas relações. As técnicas do corpo e a performance constituem um tipo de linguagem comum, conhecida pelos que ali se reúnem.

Sobre isso, Gilberto Velho (1994) assinala a densidade de uma situação social de indivíduos de diferentes situações sociais, que estão juntos, participando do mesmo interesse, operando na mesma *província de significados*, nos termos de Alfred Schutz (2012)

4 *CROSSFIT*: FORTALECENDO BRAÇOS E LAÇOS

Nesta parte final e interpretativa da presente pesquisa, busco relacionar as categorias centrais do aporte teórico que sustentam este trabalho aos elementos observados em campo, que os ilustram e justificam. Neste capítulo, portanto, proponho-me a descrever e evidenciar como as categorias propostas se manifestam no campo observado, não para buscar compreendê-las individual e separadamente, mas a partir de sua relação. A fim de observar como se estabelecem diálogos entre tais categorias, como elas se auxiliam e como se confrontam.

4.1 Elementos intersubjetivos, estéticos e tipificados

Interessada pela experiência estética produzida nas relações existentes entre os praticantes de *CrossFit* do *box CrossFit Strict*, enquanto tecido intersubjetivo, busquei compreensões das práticas desse grupo e suas categorizações. Essa prática é abordada aqui enquanto experiência estética, que compartilha elementos intersubjetivos e tipificados.

Deste modo, as noções de tipificação e intersubjetividade, pensadas por Schutz (2012), e de Estética²³, sob a perspectiva de Maffesoli (2010), apresenta-se enquanto um referencial teórico propício para interpretar os fenômenos comunicativos percebidos durante a pesquisa de campo deste estudo.

Para começarmos a pensar no que seria uma experiência estética produzida a partir da prática desse esporte, é necessário delimitar o que tratamos aqui por experiência. Neste sentido, Schutz (2012, p. 72-74) evoca a distinção de Bergson entre viver dentro do fluxo da experiência e viver dentro do mundo espaçotemporal. Nessa concepção, o fluxo da duração interna, a *durée*, é “um contínuo vir a ser e deixar de existir de qualidades heterogêneas”, onde não há divisibilidade, mas apenas uma continuidade do fluxo, “uma torrente de estados de consciência” (SCHUTZ, 2012, p. 72). Entretanto, Schutz nos alerta que

O termo “estados de consciência” pode ser enganador, pois evoca fenômenos do mundo espaçotemporal com suas entidades fixas, como imagens, percepções e objetos físicos. Aquilo que nós de fato experienciamos na duração não é um ser que é discreto e bem definido, mas uma constante transição de um aqui e agora para um novo aqui e agora. O fluxo da

²³ Para Maffesoli, estética é a faculdade de “sentir em comum” (MAFFESOLI, 2010, p. 28). É porque se sente em comum, ou seja, com atenção para o outro, que essa estética também se torna uma ética. Assim, Maffesoli fala em ética da estética. Isso significa a vontade (cheia de prazer) de se estar junto - sem que para isso se precise ter um motivo, ou um objetivo específico,

consciência, em virtude de sua própria natureza, ainda não foi capturado pela rede da reflexão (SCHUTZ, 2012, p. 72-73)

Portanto, a reflexão como sendo uma tomada de consciência, produzida pelo intelecto, não assimila a essência desse movimento, que é contínuo vir a ser e deixar de existir.

Segundo Schutz, ao emergirmos em nossos próprios fluxos de consciência, em nossas durações próprias, não conseguimos encontrar tipos de experiências bem definidas ou que se diferenciem, pois “em um dado momento a experiência se acende, e logo em seguida desvanece” (SCHUTZ, 2012, p. 74). Nesse decorrer, vindo do que era antigo e dando vez a algo ainda mais novo, emergem novas experiências, nas quais

Eu não consigo distinguir entre o Agora e o Antes, entre o Agora mais antigo e o que acabou de acontecer, a não ser quando consigo perceber que aquilo que acabou de ser diferente daquilo que Agora é. Isso porque eu experiencio minha duração como um fluxo unidirecional e irreversível, e percebo que entre o momento que acabou de passar e o Agora-Assim, *eu envelheci*. Mas eu não posso me tornar consciente disso enquanto estou imerso nesse fluxo (Schutz, 2012, p. 74).

Tudo isso se passa no nosso mundo da vida cotidiana, que não é privado, mas “é um mundo intersubjetivo, compartilhado com meus semelhantes, experienciado e interpretado por outros” (SCHUTZ, 2012, p. 179). Em suma, é um mundo comum a todos nós; um ambiente comunicativo onde ocorre o processo social da partilha da experiência.

A esse respeito, Maffesoli lança a hipótese de que “há um hedonismo do cotidiano irreprimível e poderoso que subentende e sustenta toda a vida em sociedade” (MAFFESOLI, 2010, p 11). Uma estrutura antropológica, de certo modo.

Nesses momentos, o que chamamos de relações sociais, as da vida corrente, das instituições, do trabalho, do lazer, não são mais regidas unicamente por instâncias transcendentais, a priori e mecânicas; do mesmo modo não são mais orientadas por um objetivo a atingir [...]. Ao contrário, essas relações de tornam-se relações animadas por e a partir do que é intrínseco, vivido no dia a dia, de um modo orgânico; além disso, elas tornam a centrar-se sobre o que é da ordem da proximidade. Em suma, o laço social torna-se emocional. Assim, elabora-se um modo de ser (*ethos*) onde o que é experimentado com outros, será primordial. É isso que designarei pela expressão: “ética da estética” (MAFFESOLI, 2010, p. 11)

Estar relacionado a Outro em um ambiente comum e unir-se a ele em uma comunidade de pessoas são duas preposições inseparáveis para Schutz, já que “não poderíamos ser pessoas para outros, nem mesmo para nós mesmos, se não pudéssemos encontrar um ambiente comum como contrapartida da interconexão intencional de nossas vidas conscientes” (SCHUTZ, 2012, p. 181). Esse ambiente comum se estabelece pela compreensão que, por sua

vez, funda-se sobre o fato de que os sujeitos se motivam reciprocamente em suas atividades “espirituais”²⁴. Assim, surgem relações de entendimento mútuo (*Wechselverständnis*) e consenso (*Einverständnis*) e, com isso, um *ambiente comunicativo compartilhado*.

Por sua vez, os sujeitos participantes desse ambiente comunicativo são dados uns aos outros não como objetos, mas como contrassujeitos, em uma comunidade societária de pessoas. Decididamente, a estética²⁵ (*aisthesis*), o sentir comum, parece ser o melhor meio de denominar o "consenso" que se elabora, o dos sentimentos partilhados. Parece, de fato, que uma estética descompartmentada permite compreender esse estar junto desordenado, e versátil.

Para Maffesoli, a vida cotidiana constrói-se em torno da produção e da partilha de objetos simples.

O objeto cotidiano só nos interessa aqui porque é uma modulação da forma. Ora, sabe-se que a forma partilhada funda sociedade, que tem uma função erótica, se entendemos essa palavra no seu sentido mais simples: o que leva à agregação. [...] É assim que se pode compreender Nietzsche quando declara: ‘É só enquanto fenômeno estético que a existência e o mundo eternamente justificam-se’ (2010, p. 131).

Indo um pouco além, o autor emite a hipótese de que a sensibilidade coletiva é, de um certo modo, o lençol freático de toda vida social. Essa abordagem compreende a comunicação como o fenômeno estruturante das mediações culturais da vida social, por esse motivo a necessidade desta pesquisa se fez investigá-lo a partir de experiências comunicativas que lidam com saberes e sensibilidades compartilhadas, a fim de buscar interpretá-las.

Através dessas experiências relacionais é possível investigar as dimensões sensíveis e intersubjetivas de práticas sociais e de seus desdobramentos na vida em sociedade. Esse querer estar junto, sem finalidade, apresenta-se no *box* de inúmeras maneiras, tomando diversas formas. Além do próprio momento do treino, quando o esforço individual e coletivo constitui uma dimensão estética, o próprio corpo, as roupas, as marcas, os códigos de sociabilidade são meios de comunicação que produzem esse sentir coletivo.

Durante a pesquisa de campo, era muito comum os alunos frequentarem o *box* para *não* treinar. Com frequência, eu notava que alguns alunos iam ao *box* após o trabalho ou estudo, apenas para estar ali, fosse conversando ou assistindo a outros alunos realizarem seus treinos. Muitas vezes, o único tempo que possuíam para ir ao *box*, era já ao final da noite, em horário próximo ao fechamento do *box*. Mesmo assim iam. Havia também alguns que estavam

²⁴ De seus interesses.

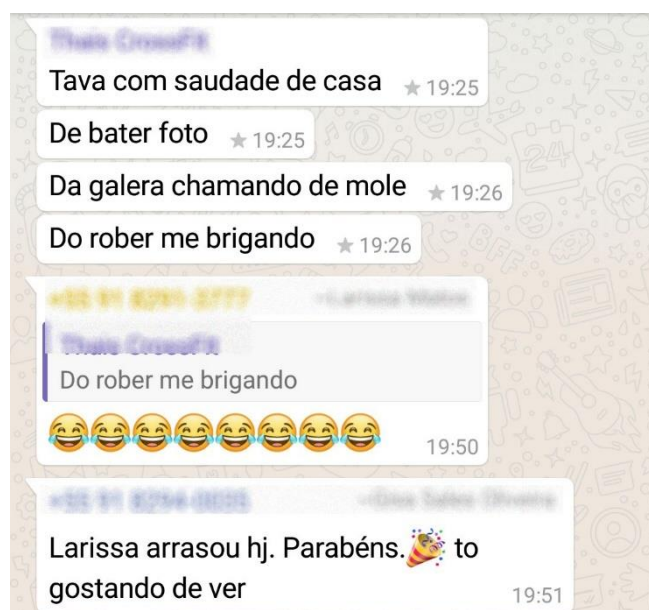
²⁵ “Uma moral sem outra obrigação que a de unir-se, de ser membro do corpo coletivo, sem outra sanção que a de ser excluído, se cessa o interesse que me liga ao grupo”. (MAFFESOLI, 2010, p. 37-38).

temporariamente suspensos dos treinos, geralmente por lesões ou algum tipo de recuperação física.

Nessas percepções, notei que o prazer em “viver o *CrossFit*” estava para além de realizar os treinos, mas se encontrava também no prazer em saber qual WOD estava sendo realizado aquele dia, qual técnica estava sendo ensinada, em saber quais colegas estavam treinando e em saber quais os resultados (que ficam anotados no quadro) que os outros alunos haviam obtido naquele dia.

Frequentar o *box* não significa, para aquele grupo, apenas realizar um treino. Mas comungar de várias práticas que, exaustivas, sacrificantes ou conflituosas, são prazerosas. Um exemplo disso está no relato ilustrado na próxima imagem, de uma aluna que estava afastada dos treinos e voltou ao *box*, ao qual chama de “casa”.

Figura 36 - Aluna demonstrando prazer no conflito



Fonte: print screen de grupo do WhatsApp do *CrossFit Strict*

A aluna relata sua alegria em estar ali de volta, mesmo sofrendo as brincadeiras dos outros alunos. No que concorda outra aluna, ao me relatar, posteriormente, que “Momentos com os amigos é assim: todos sofrendo juntos. Só viciado em *CrossFit*”. Foi a partir disso que se originou o título desse capítulo: *CrossFit*, fortalecendo braços e laços.

Nas relações estabelecidas a partir da prática do *CrossFit*, pude perceber o poder da emoção na constituição social. O que, segundo Maffesoli, agrega os indivíduos em uma “nebulosa afetiva” cuja “paixão operante” faz reviver a graça do sentir em comum.

Essa paixão operante e sua nebulosa afetiva se compõem atuando no jogo das formas sociais: o estético, o religioso, o ético, a paixão, o trabalho, etc. Representações da cultura que são alimentadas por um vitalismo²⁶, que é próprio da vida comunal. No qual o corpo é envolvido por uma dimensão estético-afetiva capaz de criar novas formas de sociabilidade e de subjetividades. O que abre a oportunidade para avançar a discussão, explicitando a conceituação de formas e conteúdos sociais, tratados por Simmel (2006). Afinal, essa ética da estética constitui, justamente, o que Simmel (2006) chama de sociação, processo por meio do qual experimentar algo junto constitui um fator de socialização.

Experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas fazer sentido. (MAFFESOLI, 1999, p. 163).

Segundo Simmel, é possível diferenciar, em cada sociedade, forma e conteúdo. Para o autor, a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades.

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros (SIMMEL, 2006, p. 59).

Dessa forma, Simmel conceitua como sociação como

A forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados-, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideias, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p. 60-61).

Trata-se simultaneamente de conteúdo e matéria da sociação, tudo o que existe nos indivíduos como impulso, interesse e finalidade: a sociabilidade. Sendo a sociabilidade sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado.

²⁶ Deve ser compreendido como expressão do movimento dinâmico de um sistema que dispõem em relação múltiplas forças sociais.

Essas formam adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 63).

Pois a forma é a mútua determinação e interação dos elementos pelos quais se constrói uma unidade. Posto que, para a sociabilidade, colocam-se de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidades da vida.

Logo, o *box* é um espaço que agrega pessoas em torno de uma prática (sociação) e onde, em seguida, essas pessoas se envolvem de maneira mais direta e pessoal (a sociabilidade), mesmo que através de relações baseadas na concorrência ou em dinâmicas intersubjetivas. Portanto, compreender a estética se mostra completamente inalcançável sem a sociação.

Num ambiente onde o prazer comungado e o jogo das formas conformam uma microssociedade, isso faz apelo a um conhecimento mais aberto, ao qual Maffesoli denomina de razão sensível. É assim que, num movimento circular sem fim, a ética, o que agrega o grupo, torna-se estética, emoção, comum, e vice-versa.

Insiro aqui um relato, como o melhor exemplo que posso trazer de campo para ilustrar o que tenho discutido até aqui:

O *CrossFit* é loucura sim, aliás, ousou dizer que *CrossFit* é insanidade total. É suor e, também sangue, mas no *CrossFit* diferente do que a maioria imagina, você não precisa ser forte, muito menos o mais sarado, e existe respeito ao seu limite, e respeito em quem você é...

No *CrossFit* temos baques, tem mão aberta (que exibimos com orgulho) só para nos lembrar que da próxima vez devemos continuar tentando... *CrossFit* é insistência, persistência, exaustão e amor. Sim, porque sem amor o que um bando de malucos estaria fazendo ali? Um *box* de *CrossFit* pode ser apenas um *box* ou pode ser o ponto de encontro de pessoas que se conhecem na confusão do WOD, na superação de medos, e nas vitórias, e assim unidas pela vontade de ali estar, melhorar e se superar... *CrossFit* é ajuda, incentivo, mão amiga, sangue nos olhos, e muita interação! *CrossFit* também é respeito por você e pelo outro! (Adriana S.)

Para compreender as formas de vida social, através de manifestações estéticas, faz-se necessário uma visão do mundo que privilegie perceber a sociedade envolvida por parâmetros “afetivos”, portanto. Alicerçados, por exemplo, pelos sentimentos de comunidade e solidariedade, de acordo com o exemplo acima. Essa vitalidade faz emergir o social através do fazer e/ou sentir em comum, que “impela em direção ao outro” envolvendo a todos em um fluxo afetivo que se representa pela ideia da “solidariedade de base”, nos termos de Maffesoli, ou seja, por um sentido de agregação que valoriza a comunidade. Ficando entendido, com

isso, que para além das atitudes individuais, através das quais se exprime essa estética, também está em jogo o conjunto dos indivíduos.

De acordo com o autor, a solidariedade de base reafirma o *ethos* do viver comum, agregando os indivíduos pela vontade de “ligação” instaurada pelo simples fato de estarem-juntos. Esse sentimento de agregação, esse compartilhar, acentua o caráter ético da emoção estética, como assinala Maffesoli. Ele faz com que o pertencimento aos grupos, ou às “tribos”, se transformem no “cimento”, uma “argamassa” que sustenta a vida social. Portanto, essa argamassa que fundamenta a comunidade também está apoiada por elementos objetivos. Os principais elementos objetivos, percebidos em campo, que legitimam a relação com o outro, se encontram na disputa (que será abordada por um viés estético e conflituoso no próximo tópico) e nas tipificações, que também possuem uma dimensão intersubjetiva.

Essa dimensão, a intersubjetividade, seria,

[...] uma dimensão temporal, marcada pela experiência coletiva, que permite, aos sujeitos, o acesso a uma reserva de vivências, pressupostos e dúvidas, um tecido social que vai sendo *tipificado*, conformando reservas de tipos ideais acessados na vida quotidiana (CASTRO et al., 2016, p.100).

Ou seja, um processo social de partilha da experiência – justamente aquilo que procurei compreender, em relação à prática do *CrossFit*: a maneira como se produzem tipificações socialmente partilhadas e a forma que essas tipificações tomam durante o momento dos treinos. Com efeito, a noção de tipificação é fundamental para a pesquisa realizada.

Em Schutz,

Aquilo que é vivenciado como novo já é conhecido no sentido de que remete a coisas iguais ou parecidas que já foram percebidas antes. Aquilo que já foi apreendido uma vez traz consigo um horizonte de experiências possíveis, com referências de familiaridade correspondentes, isto é, uma série de características típicas que ainda não foram vivenciadas, mas que o podem ser potencialmente (SCHUTZ, 2012, p. 139).

Em outros termos, o que foi experienciado na percepção de um objeto é transferido para qualquer outro objeto similar, percebido apenas enquanto seu tipo. Assinala o autor que a linguagem utilizada na vida cotidiana é primariamente uma linguagem de coisas e eventos nomeados. Ele defende que qualquer nome inclui uma tipificação.

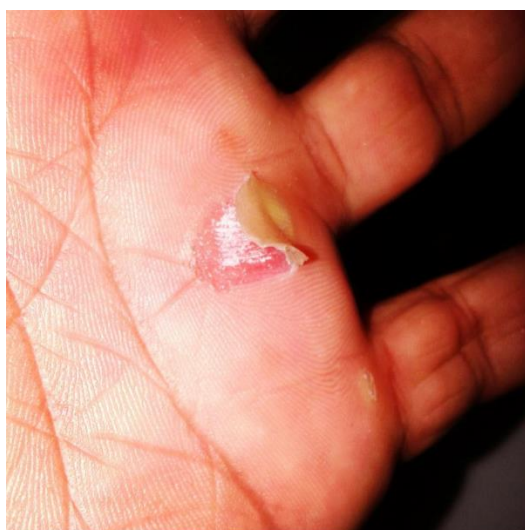
De forma que, ao nomear um objeto experienciado, nós o estamos vinculando, em virtude de seu “caráter típico”, a coisas já vivenciadas que possuem uma estrutura típica

similar, “e aceitamos esse horizonte aberto que se refere a experiências futuras do mesmo tipo, as quais pode ser atribuído o mesmo nome” (SCHUTZ, 2012, p. 131).

Mas há também o que o autor trata como “autotipificações”, que ocorre quando tipificamos, em alguma extensão, nossa própria situação dentro do mundo social, tal como as relações que temos com nossos semelhantes e com os objetos culturais.

As tipificações, no espaço do *box*, se apresentam, sobretudo, nas materialidades que envolvem o treino. Nas roupas, nas marcas, nos acessórios que caracterizam um *crossfitter*. Uma das maiores tipificações de um praticante de *CrossFit*, indubitavelmente, está nos calos adquiridos nas mãos, exibidos com orgulho, conforme imagem a seguir.

Figura 37 - Calos nas mãos: uma tipificação de ser *crossfitter*



22 curtidas

fabio_alves_tecseg pequenos detalhes de um estilo de vida....! #open2016 #crossfitgames #crossfit #strict

Fonte: print screen de post de aluno do *CrossFit Strict*

Esses calos, adquiridos pela fricção da mão nas barras de ferro, possuem um valor simbólico para os praticantes. Além de uma caracterização desse “estilo de vida” adotado, também simboliza o esforço, o sacrifício envolvido no momento do treino e a insistência para alcançar o melhor desempenho de uma técnica.

Junto a esses esforços físicos, a maioria dos praticantes demonstrou que alguns acessórios são essenciais para o melhor desempenho nos treinos e em suas performances. Esses acessórios, roupas e tênis, possuem uma marca preferida: a Reebok. Que possui os direitos autorais sobre os produtos para a prática do *CrossFit*. Por esse motivo, também se faz

orgulho dos praticantes usar roupas e acessórios dessa marca, ainda que hajam outras, que oferecem o mesmo tipo de produtos.

Um desses elementos tipificados de maior prestígio pelos alunos do *box*, é o tênis da *Reebok* próprio para a prática do *CrossFit*: o *Reebok Nano*. A cada ano, o modelo desse tênis é modificado, possuindo melhorias anatômicas, funcionais e também novas cores, além de um novo design. A imagem a seguir explicita o orgulho de alunos que se reuniram em uma turma, para treinar em um dia, intitulada “turma do Nano”, em que todos estavam com o mesmo modelo de tênis. O *Reebok Nano 7*.

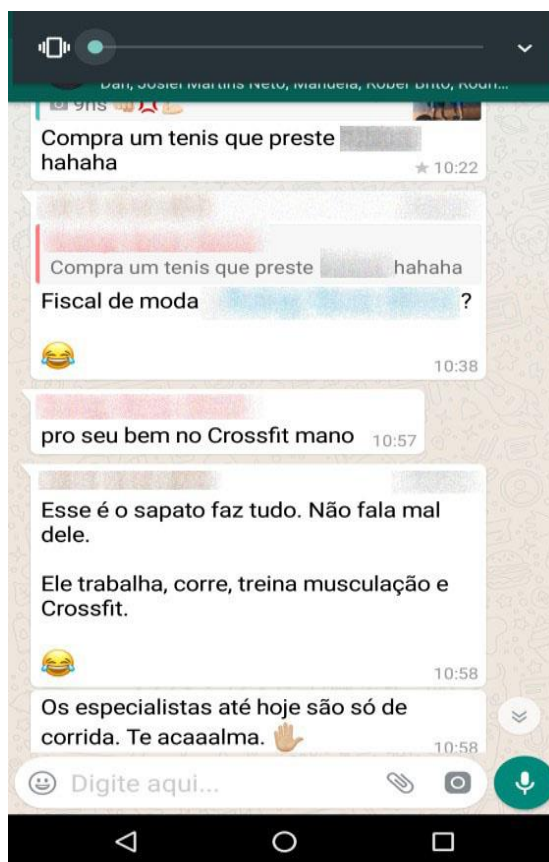
Figura 38 - Tênis *Reebok*: outra tipificação de ser *crossfitter*



Fonte: print screen de grupo do WhatsApp do *CrossFit Strict*

Os tênis, mais do que as roupas, parecem definir um praticante de *CrossFit* naquele *box*, pois percebi que nem todos treinam, necessariamente, com roupas esportivas. Porém, a maioria faz questão de ter um tênis *Reebok*. Quando um aluno já possui alguns meses de treino e ainda não comprou o seu, chega a ser questionado; como retrata a imagem a seguir, com o imperativo “compra um tênis que preste D. M!”.

Figura 39 - Aluno sendo pressionado a comprar um “Nano”



Fonte: print screen de grupo do WhatsApp do *CrossFit Strict*

Acontece que o aluno acima indagado, além de praticar *CrossFit*, também pratica outras atividades físicas, sendo sua preferida a corrida. Por esse motivo, como acusa o diálogo exposto, o aluno D. M. possui um sistema de relevância diferente da maioria dos outros alunos do *box*. Essa questão é discutida por Schutz enquanto um aspecto da definição privada de pertencimento ao grupo.

Um corolário disso é a atitude individual que um indivíduo escolhe adotar em relação ao papel social que ele deve desempenhar no grupo. Uma coisa é o significado do papel social e a expectativa com relação a ele tal como definidos pelo padrão institucionalizado; outra coisa é o modo particular e subjetivo com que aquele que é incumbido desse papel define sua situação em relação a ele (SCHUTZ, 2012, p.96)

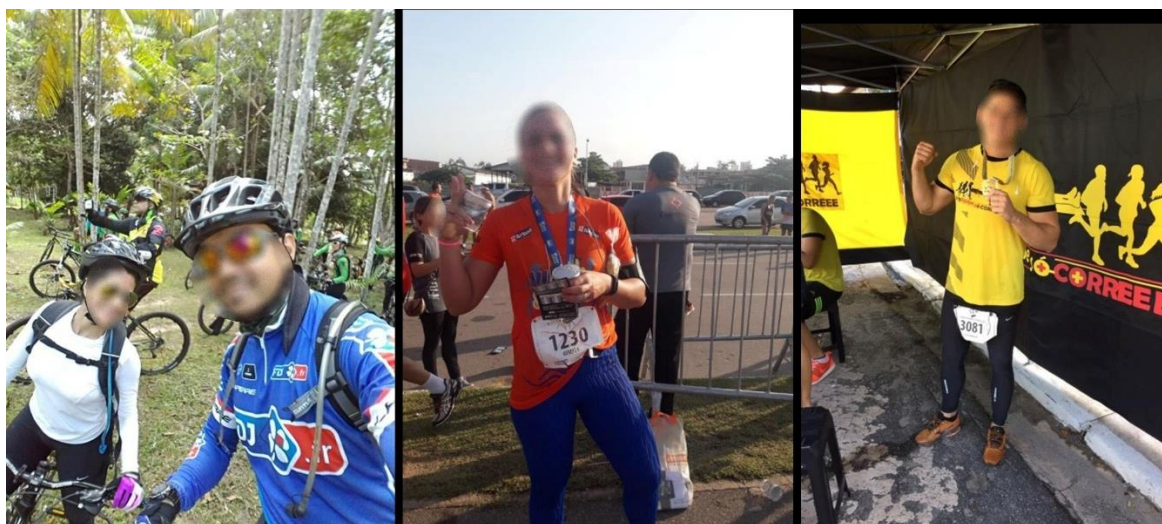
O autor assinala que o elemento mais importante na “definição da situação privada” é, no entanto, o fato de o indivíduo ser sempre simultaneamente um membro de numerosos grupos sociais. Tal como demonstrou Simmel, cada indivíduo está situado na intersecção de diversos círculos sociais, e o número destes será tanto maior quanto mais diferenciada for sua

personalidade individual. Isso ocorre porque aquilo que torna uma personalidade única é justamente aquilo que não pode ser partilhado com outros.

Na definição que o próprio indivíduo faz de sua situação privada, os vários papéis sociais que resultam de sua múltipla participação em diferentes grupos são experienciados como um conjunto de autotipificações que, por sua vez, são organizadas segundo uma ordem particular de domínios de relevância que, evidentemente, estão em um fluxo contínuo. É possível que essas características da personalidade do indivíduo, que para ele possuem um grau de relevância mais elevado, sejam irrelevantes do ponto de vista de qualquer sistema de relevâncias que é dado no grupo ao qual ele pertence (Schutz, 2012, p. 97).

A esse respeito, é fato que muitos alunos do *box* investigado também praticam outras atividades físicas, como pilates, musculação, ciclismo e corrida.

Figura 40 - Alunos do *box* praticando outros esportes



Fonte: Grupo do *WhatsApp* do *CrossFit Strict*

Entretanto, ainda que realizem paralelamente outras atividades físicas, é no *CrossFit* que demonstram encontrar maior prazer. Sobre esses sistemas de relevância, Schutz nos diz que os membros de um grupo externo não compartilham as mesmas “verdades autoevidentes” partilhadas pelo grupo interno. Certamente por isso o investimento financeiro de alguns não se dá da mesma forma que para a maioria.

Aquele que é de fora avalia os padrões predominantes no grupo que está sob consideração de acordo com o sistema de relevâncias que prevalece como aspecto natural no mundo ao qual ele pertence. Enquanto não existir uma fórmula que traduza os sistemas de relevâncias e tipificações predominantes no grupo considerado para os sistemas ao qual pertence o avaliador, aqueles permanecerão incompreendidos; mas frequentemente eles são considerados

como inferiores e de menor valor. Esse princípio se mantém válido, mesmo que em menor grau, inclusive nas relações entre dois grupos que possuem muitas coisas em comum, isto é, em que os dois sistemas coincidem em uma extensão considerável (SCHUTZ, 2012, p. 98).

Eu também comprei um tênis *Reebok*, antes mesmo de começar a treinar. Posto que já havia percebido a importância da marca para os alunos. Então o fiz como estratégia de entrada em campo, para que me enxergassem como um deles. Na verdade, devo dizer que não foi uma atitude tão racional assim. Àquela altura, eu já comungava de alguns sistemas de relevância daquele grupo. Influenciada pela convivência com a Manuela e com os outros interlocutores dos quais me aproximei antes de iniciar os treinos.

Figura 41 - Tênis *Reebok* que comprei para treinar



Fonte: Rebecca dos Santos Lima, acervo pessoal, 2017.

Essa atitude, que se inclina no sentido de pertencimento ao grupo, considera seus sistemas de relevância, tal como aconteceu comigo. Ainda que eu tenha comprado o tênis antes de iniciar os treinos, em junho de 2017, não o utilizei inicialmente, pois senti que eu deveria primeiro me sentir, de fato, uma *crossfitter*; e não mera pesquisadora que se camufla entre seus interlocutores. Por isso, inicialmente, me envolvi nos treinos na intenção de também desenvolver minhas técnicas (de agachamento, levantamento de peso, entre outras), para também poder compreender a importância dos acessórios no desenvolvimento das técnicas exercidas no treino.

Neste quadro interativo, Vera França (2003) afirma que “a intervenção dos sujeitos faz emergir seus mundos – partilhados ou distintos. É nos aspectos concretos da experiência da interação que se torna manifesto o mundo que cada um constrói como base de inferência e ação; por último, a compreensão comum é encarnada” (FRANÇA, 2003, p. 44). Essa compreensão é mediatizada pela construção do mundo de objetos, de um campo de

visibilidade partilhado, no qual eu só posso compreender o outro – atribuir-lhe intenções – a partir da mediação de um ambiente (do mundo onde a ação se passa).

O que concorda com Quéré, quando afirma que

É pela mediação deste ambiente ou deste mundo o qual a ação se dota para se completar, que a intencionalidade que estrutura a ação se torna manifesta, e que a ação pode ser relacionada a intenções e motivações de sujeitos. É assim que uma subjetividade-origem da ação pode ser construída interativamente pela mediação da construção intersubjetiva de um mundo objetivo e vice-versa (QUÉRÉ, 1991, p. 79).

Essa compreensão da comunicação enquanto atividade organizante, de construção de um mundo comum, é o viés que nos permite apreender em que medida as interações comunicativas constroem esses sujeitos – e os constroem no mundo.

É preciso enfatizar que, tal como alega Schutz, a interpretação do mundo em termos de “tipos”, tal como entendida aqui, “não é o resultado de um processo de racionalização de uma conceituação científica isolada. O mundo tanto físico quando sociocultural, é experimentado desde o princípio em termos de tipos” (SCHUTZ, 2012, p. 133). Portanto, no nível do senso comum, as tipificações emergem na experiência cotidiana do mundo como algo evidente, sem qualquer formulação de juízos ou de preposições claras.

Ao perceber esses tipos e tipificações, os *crossfitters* daquele *box* se reconhecem em torno dos mesmos valores e se unem de modo a adensar suas relações de acordo com seus interesses e gostos compartilhados. Isso faz com que a sociação tenha sua função estética, no sentido de atração de sensibilidades.

Para Maffesoli, essa função de reconhecimento, esse efeito estético de um dado signo é um outro modo de falar do simbolismo.

Um simbolismo generalizado: num movimento sem fim de ações/retroações, reconheço um signo reconhecendo com outros, e assim reconheço o que me une a outros. [...] Essa função signo, ou a emoção coletiva em relação a um signo, pode-se exprimir graças a uma vestimenta, um hábito, um gosto... (MAFFESOLI, 2010, p. 34)

Ou seja, na base de toda representação ou de toda ação, há uma “sensibilidade coletiva” e uma “reunião extralógica” que servem de fundamento à existência social. Nesse sentido, o *Lebenswelt*, o mundo da vida é o que – os/nos – une de um modo não consciente. “É uma ética no sentido forte do termo: isto é, o que permite que a partir de algo que é exterior a mim possa se operar um reconhecimento de mim mesmo” (MAFFESOLI, 2010, p. 33).

4.2 Sociação, conflito e estética

Expostos os conceitos que dão base à discussão que se projeta sobre esse objeto, no horizonte de pesquisa que se faz no Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Cultura e da Comunicação, ao discutirmos o conceito de intersubjetividade na obra de Alfred Schütz (2012), observamos a proximidade com o conceito de *aesthesis*, presente na obra de Michel Maffesoli (2010). A presente pesquisa se interessa por essa experiência, produzida ao longo dos treinos, enquanto tecido intersubjetivo, que transcende o imediatamente vivido e que também produz e comunga elementos típicos.

Este tópico dá prosseguimento às correlações que se fazem a outros conceitos também caros a essa pesquisa, que se misturam, dialogam e se auxiliam, enquanto formas e conteúdos sociais percebidos durante a observação participante. Desse modo, revelou-se indispensável abordar a questão das sociações, que caminham no sentido de uma estética, se não pelo viés do conflito também; que se faz uma ideia central no pensamento de Simmel (1964).

A obra do sociólogo nos diz que o conflito é uma das principais formas de sociação da vida social, ou seja: por meio dos conflitos, a vida social ganha densidade. Porém, o autor não faz julgamento de valor sobre a vida social, ele não está interessado em saber se o conflito é bom ou é ruim. O que lhe interessa é mostrar que, por meio da competição, da luta, da disputa, do conflito e até da briga, as pessoas adensam suas relações sociais. É dessa forma que o conflito presente nas disputas dentro do *box* evidencia um querer estar junto competindo.

Deste modo, o que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. De acordo com o autor,

Tanto no momento em que o estar junto se apoia em um conteúdo e em uma finalidade objetiva, como no momento em que o fator absolutamente pessoal e subjetivo do indivíduo aparece sem qualquer reserva, a sociabilidade não é mais o elemento central e formador, mas, no máximo, continua a ser o princípio mais formalista superficial e mediador (SIMMEL, 2006, p. 68)

Após percebida a afetividade na experiência estética de treinar junto e até em não treinar, mas estar junto no *box CrossFit Strict*, é irrefutável o ambiente de constante disputa presente na busca da superação de si mesmo, ou do outro – como forma, inclusive, de perceber a própria superação sobre si. Portanto, quais as experiências produzidas nessas tensões percebidas, na agressividade dos treinos, na disputa, na própria superação? Há uma

ordem de afetividade presente na subjetividade de alguém que está buscando romper os próprios limites por meio de um treinamento. O que a estética tem a ver com isso?

É para descrever a continuidade dessa complexidade que Maffesoli muitas vezes utiliza o termo “organicidade” para descrever o que mantém juntos os elementos contrários e até opostos. É nesse sentido que a estética pode ter uma função de agregação, fortalecendo o que o autor chama de sociabilidade, na qual “é preciso compreendê-la [...] como a expressão de um poderoso querer viver, que tende a se afirmar por meio das diferentes expressões de uma afetividade partilhada (MAFFESOLI, 2010, p. 72).

George Simmel parte da premissa de que o conflito se reproduz nas ações interativas e relações sociais, ou seja, em todas aquelas produzidas no interior da sociedade. Nessa perspectiva, Simmel (1983, p. 122) pondera que “se admite que conflito produza ou modifique grupos de interesse, uniões, organizações [...] é uma forma de sociação”.

Quando considerado enquanto forma social, o conflito pode dar possibilidade a momentos de construções e destruições, que podem ocorrer sobre as instituições, estruturas, arranjos, processos, relações e interações sociais. Nessa perspectiva, os conflitos sociais se destacam como socialmente importantes, pois “se toda interação entre homens é uma sociação, o conflito, afinal, é uma das mais vívidas interações” (SIMMEL, 1983, p. 122). O autor aponta como uma das virtudes do conflito a criação de um patamar social, que se assemelha a um palco teatral, onde os envolvidos podem se encontrar num mesmo plano situacional.

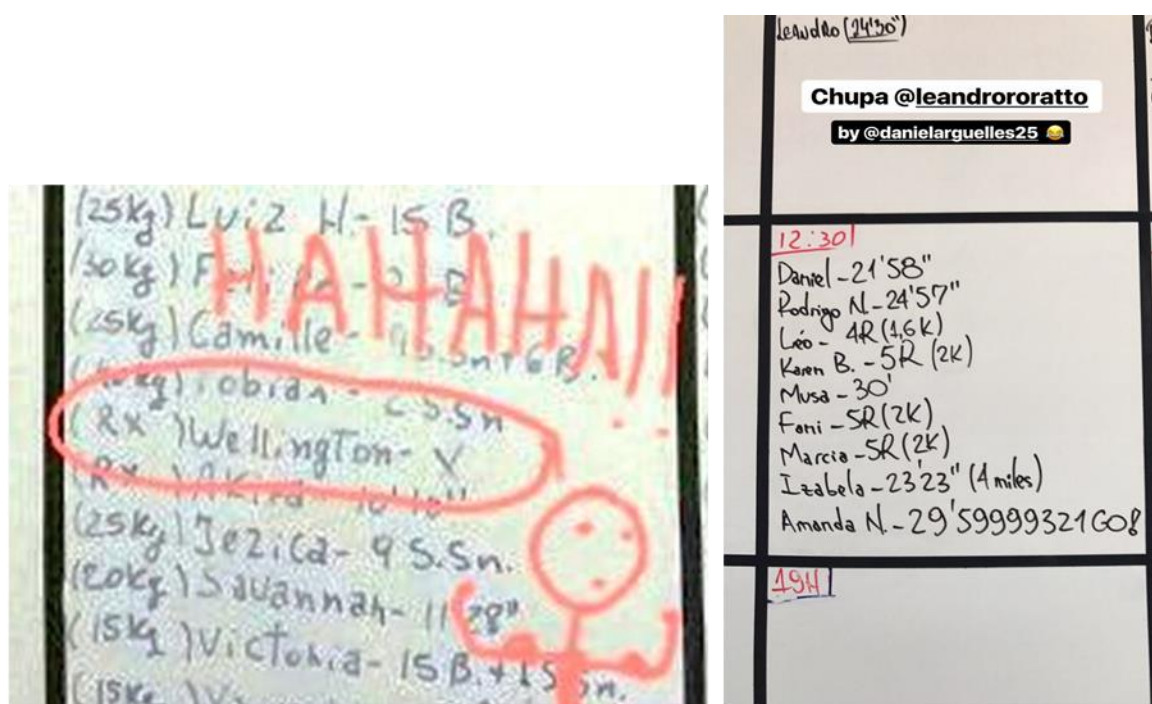
Portanto, o conflito tem a capacidade de se constituir num espaço social em que o próprio embate é um ato de reconhecimento. Sobre essa identificação, Maffesoli assinala que

A lógica da identificação põe em cena pessoas de máscaras variáveis, que são tributárias do ou dos sistemas emblemáticos com que se identificam. Este poderá ser um herói, uma estrela, um santo, um jornal, um guru, um fantasma ou um território, o objeto tem pouca importância, o que é essencial é o ambiente mágico que ele segrega, a adesão que suscita (MAFFESOLI, 2010, p. 18).

De fato, e estamos bem no ambiente estético, a identificação e o grupo que ele impulsiona favorecem o jogo. Do momento em que há multiplicidade de “pequenos clãs”, há competição, concorrência e “torneios de diversas ordens”. Assim, “o jogo, no centro da atividade esportiva, cujo crescimento constitui um índice interessante, está igualmente onipresente na eflorescência e na diversificação dos jogos de sociedade” (MAFFESOLI, 2010, p. 18).

No cotidiano do *box*, essas interações e formas conflituosas emergem de diversas formas, sob mensagens deixadas no quadro branco existente no *box*, por exemplo, que registra o “rendimento” de cada aluno no WOD realizado naquele dia, em fotos enviadas pelo aplicativo de troca de mensagens e na própria disputa no momento do treino, quando a competição pode estar em quem consegue fazer o maior número de repetições ou suportar a carga de maior peso. Sem dúvida, destes, o quadro é a mídia de interação mais utilizada para suscitar essa questão do conflito. Como destaque nas imagens abaixo.

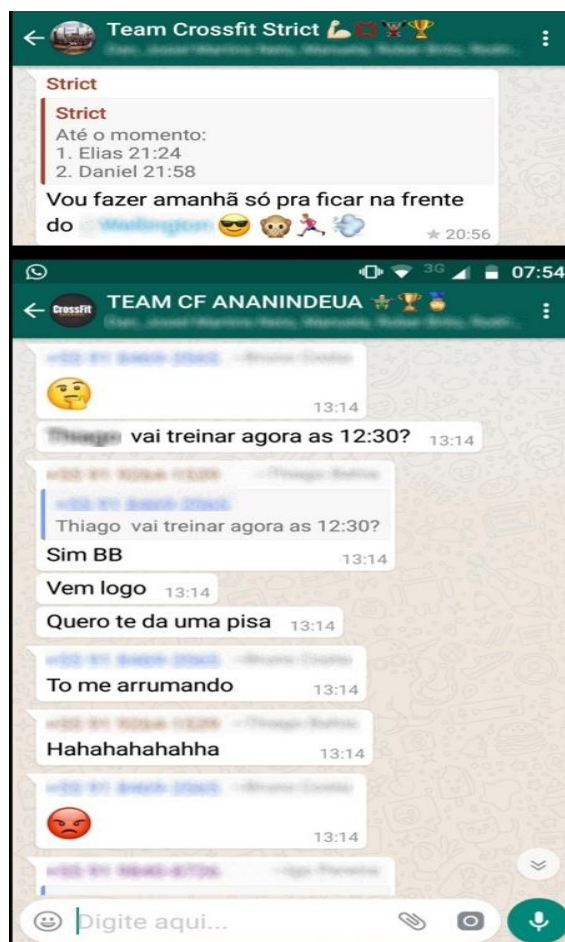
Figura 42 - Alunos comparando os resultados de seus treinos



Fonte: Grupo do WhatsApp do *CrossFit Strict*

Essas fotos são constantemente enviadas no aplicativo de mensagens (*WhatsApp*) que os alunos e funcionários usam, no qual as interações provocadas a partir dessas fotos fazem crescer ainda mais o espírito de disputa entre os alunos. Nas imagens a seguir, por exemplo, nota-se os alunos fazendo convites para treinarem juntos, na intenção de superar o outro, para mais tarde sofrer as consequências da “perda” exposta aos demais.

Figura 43 - Exemplo do treinar junto enquanto conflito



Fonte: Grupo do WhatsApp do CrossFit Strict

Essa superação sobre o outro se mostrou nesta pesquisa, tão importante quanto a superação sobre si, pois ao perceber que superaram seus colegas, os alunos têm escancaradas as possibilidades de superar seus próprios limites, antes desconhecidos. No entanto, não só a vitória importa nessas disputas. A disputa em si já gera um valor estético apreciado pelos praticantes, pois os envolvem numa emoção coletiva que transcende aquilo que se vive imediatamente. Agindo, segundo Maffesoli (2010, p. 26) “[...] com um verdadeiro impulso instintivo [...], que incita a se reunir por tudo e por qualquer coisa, importando apenas, afinal, o ambiente afetivo no qual cada um está imerso [...]”.

Sobre esses valores suscitados no experimentar em comum, uma interlocutora relata a importância da competição para si:

Uma das coisas que descobri que amo é competir! Amo *CrossFit* e mais ainda amo competir, mesmo que só de brincadeira, mesmo que só por

diversão, até mesmo ficando em último, é muito mais do que ganhar ou perder. (Eva A.)²⁷

Essa dimensão afetiva envolvida na disputa, que por vezes se desinteressa pela vitória, para alguns, importando mesmo apenas o sentimento, a “potência coletiva” existente no momento dessa emoção, não se estende a todos os praticantes no *box*. Pude perceber que alguns “níveis de desempenho”, chegam a ser determinantes para a importância da vitória na disputa. Esses “níveis de desempenho”, categoria criada por mim mesma, explico agora, se concentram nas categorias de atletas na prática do *CrossFit*. Explico mais: há três categorias, definidas nesse esporte, que classificam os atletas em três desses níveis, que resultam no aprimoramento de suas técnicas.

Já mencionados antes, em nota de rodapé, esses três níveis: o atleta iniciante (*beginner*); o intermediário (*scale*); e os RX, tidos como competidores profissionais; não necessariamente por se envolverem em competições externas ao *box*, mas por, dentro do *box*, conseguirem executar os treinos com desempenhos similares aos atletas profissionais. Aqui, se replicam também as tipificações, que competem aos iniciantes a aceitação de suas “fraquezas” – definidas por ainda não conseguirem aguentar cargas muito pesadas no momento dos treinos e até mesmo, muitas vezes, nem conseguirem concluir o treino, tomados pela exaustão.

Entretanto, para os RX, há “obrigações” subjetivas, no sentido de estarem sempre à frente dos demais, quanto ao desempenho. São eles quem levantam as barras de ferro com a maior quantidade de peso, são eles que concluem os treinos em menor tempo ou com o maior número de repetições de algum movimento. Portanto, para esses, mais do que o momento afetivo gerado através da disputa, enquanto atitude também desinteressada e sem propósito, importa a superação sobre os demais, completamente objetiva, pois parece conceder-lhes uma consagração (que será discutida no próximo tópico, acerca de suas performances).

Um exemplo claro que tive do descrito acima e que me foi muito impactante durante a pesquisa de campo, foi uma disputa que envolveu dois irmãos que treinavam juntos, ocorrida em uma disputa maior, denominada de “*Strict Games*”. O *Strict Games* é a disputa anual que o *box* promove para comemorar mais um ano de existência²⁸.

²⁷ Nas citações de relatos deste capítulo, os sobrenomes dos interlocutores foram reduzidos à sua inicial.

²⁸ No ano de 2017, quando observei essa disputa durante a pesquisa de campo, o *box* completou dois anos de existência.

Figura 44 -Competição em comemoração do aniversário do *box*



Fonte: STRICTANANINDEUA, 2017.

Durante minha pesquisa de campo, pude participar, como espectadora, desse campeonato interno. Aproveitei para lançar descrições dele aqui.

No dia que antecedeu a competição, ocorrida em 23 de junho de 2017, o *box* encontrava-se quase vazio, pois os competidores, em maioria, optaram por não treinar e descansar, preparando-se para o dia seguinte.

Neste dia, entretanto, o WOD foi maçante. Na turma que treinei, havia apenas 6 pessoas. Formamos dois trios. Eu, iniciante, ficava facilmente fatigada. Porém, não podia parar o exercício, já que aquele treino estava sendo em equipes e a minha equipe também dependia de mim para continuar. Houve um momento em que não aguentei mais e desisti, o estímulo a continuar até terminar o WOD veio justamente da equipe oposta. Seu M. T., um aluno RX, de mais de 50 anos, ficou ao meu lado até que acabasse o último minuto, entoando palavras de incentivo até o último segundo do WOD. Naquele dia, graças a esse incentivo, consegui concluir o treino.

Nosso treino terminou às 20h, horário marcado para a explanação sobre o que ocorreria no dia seguinte. Nesse horário, todos os alunos que participariam da competição já estavam no *box*, sem suas roupas de treino, mas de chinelos e bermudas, bem à vontade.

O *coach* M. L. explicou tudo que seria permitido e o que não seria permitido na competição e todos os alunos tiraram suas dúvidas durante as explicações. Afinal, no momento da competição, não haveria tempo para tirar tais dúvidas. Ali eu fui questionada quanto à minha participação na competição.

Expliquei que não participaria, pois estava treinando havia poucas semanas. Escutei de um aluno um “E daí? Tem a escala de iniciantes”. Esse estímulo à participação na disputa sempre foi incentivado, tanto pelo *coach*, quanto pelos alunos.

Naquele dia, após explicar os WODs que comporiam a competição, o *coach* se despediu dizendo “Que vença o mais preparado! Pois no *CrossFit*, não existe um melhor que o outro”. Havia pouco tempo que eu tinha-me integrado a eles nos treinos, então ainda não era muito clara a objetividade da disputa entre os alunos. Mas logo, no dia posterior, eu teria uma visão mais explícita disso.

No dia seguinte, cheguei ao *box* antes do horário previsto para iniciar a competição. Encontrei uma aluna com a qual fiquei conversando e pude contar sobre a intenção dessa pesquisa. Assim como aconteceu com outros interlocutores, ela, J. S. também me indicou que logo eu perceberia os grupos adensados no *box* e que também perceberia o quanto são competitivos. Nesse momento, ela me falou do quanto os homens, principalmente os RX, se instigavam através dos seus PRs²⁹.

Prestes a iniciar a competição, um dos alunos disse “Eu não posso perder pro A. T., pois é muita humilhação”. Essa fala se deu pelo motivo de o aluno mencionado, A. T, ser “gordinho”. O que, intersubjetivamente, representa nos esportes um possível menor rendimento no que tange à força ou resistência física. Aqui também se reproduzem estereótipos, que são, para Schutz, a interpretação pelo grupo interno e a interpretação da concepção deste por parte de grupos externos frequentemente inter-relacionados em um duplo sentido:

a) De um lado, o grupo interno sente-se malcompreendido pelo grupo exterior; esse fracasso em compreender seu modo de vida, assim pensa o grupo interno, deve estar enraizado em preconceitos hostis ou em má-fé, dado que as verdades sustentadas pelo grupo interno são “coisas óbvias”, autoevidentes, e portanto, compreensíveis por qualquer ser humano. Esse sentimento pode levar a uma mudança parcial do sistema de relevâncias predominante no grupo interno, na medida em que pode originar uma solidariedade baseada na resistência as críticas externas.

²⁹ PR ou *personal record*, são os recordes pessoais daqueles que praticam o *CrossFit*. É uma demarcação da superação sobre um movimento no *CrossFit*. Seja esse movimento envolvido pelo levantamento de uma carga ou mesmo de uma técnica, que antes não conseguia ser executada.

b) Por outro lado, um círculo vicioso é iniciado porque o grupo exterior, em virtude de reação do grupo interior, reforça sua interpretação sobre os traços no grupo interior, considerados altamente destetáveis. Em termos mais gerais: ao aspecto natural do mundo para o grupo A corresponde não apenas uma ideia estereotipada do aspecto que esse mundo possui para o grupo B, mas inclui também um estereótipo a respeito do modo como o grupo B supostamente olha para o grupo A (SCHUTZ, 2012, p. 99).

Enquanto categoria tipificada no senso comum, os estereótipos de um “gordinho” também eram partilhados por aquele grupo. O que não me deixou surpresa, posto que a construção do corpo de um *crossfitter*, é um valor estético muito privilegiado pelos alunos daquele *box*. Esse corpo que comunica e que nos socia também a um outro, é, em Simmel, um componente, um elemento da rotina, que irá se expressar sob graduações que vão das relações sociais “ásperas” até mesmo um confronto físico. Diante disso, produzindo múltiplos arranjos coletivos e sociais, derivados dessa substância social.

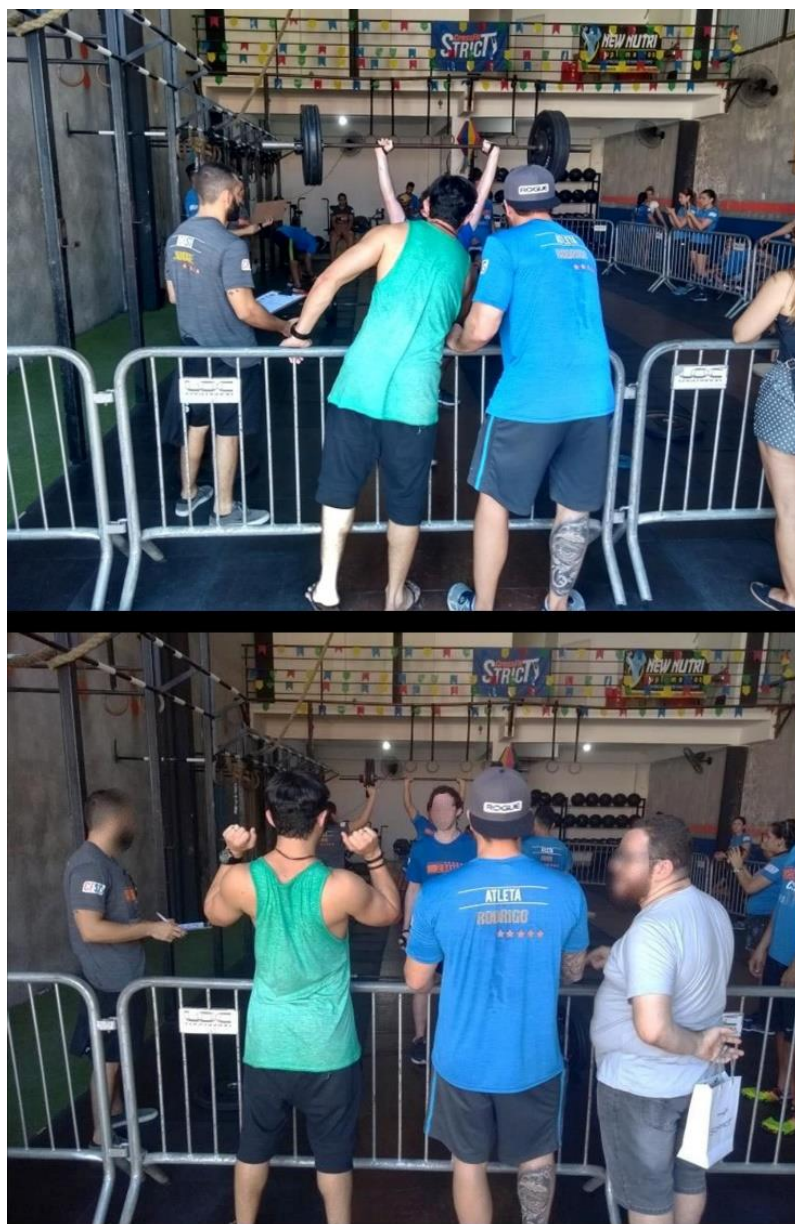
No conflito, também se destaca uma outra dimensão: a de ser um encontro social que possui a capacidade de produção de significados. Portanto, concordando com Simmel, o conflito é algo socialmente construtivo.

Retomo o exemplo que eu me dispus a citar – pelo qual falei brevemente desta competição de aniversário do *box*, o *Crossfit Strict Games*. Em dado momento, quando ocorria o WOD no qual competiam os RX, dois irmãos participavam, competindo entre si. Esse WOD consistia, basicamente, no maior número de repetições de levantamento de peso, no tempo indicado para aquela prova, que era de dez minutos.

Esse WOD foi o momento ápice da competição, pois, por envolver os RX do *box*, participavam dela os alunos mais preparados para uma competição de *CrossFit*. O que gerou êxtase aos expectadores, muita torcida e a imprecisão quanto a quem venceria. Essa animação não se aplicava aos WODs em que competiam os alunos iniciantes; que logo ficavam fatigados. O que faz retificar e consolidar ainda mais a questão do conflito entre os alunos da escala RX.

Este era o ambiente onde estava acontecendo a disputa. O *box* foi cercado por uma estrutura de ferro, que impedia os não competidores de entrar no espaço onde ocorria o WOD. Alguns alunos ficavam, de fora, auxiliando e dando dicas aos colegas que competiam, como a imagem 45 ilustra:

Figura 45 - Alunos auxiliando colegas na competição



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Nos minutos finais daquele WOD, os competidores já demonstravam exaustão e faziam vários intervalos de descanso entre as repetições. Inclusive os dois irmãos dos quais falei, que eram assistidos por sua mãe, que também é aluna do *box*. Naquele momento, ela falava frases de incentivo aos dois; o que me fazia parecer que realmente não importaria quem vencesse a prova. Cada repetição, era validada por um juiz (judge), que as anotava em uma ficha criada para a competição, que segue o modelo de fichas de competição de *CrossFit* a nível mundial.

Figura 46 - Ficha de avaliação dos competidores

SCORECARD SCALED

WOD 1
 1 MINUTE
 100 WALK HANDS POWER CLEAN (100/120 KG)
 SQUATTO A BARRA, 5 BURPPLES

WOD 2
 3' RUN SHOTGUN
 3' RUN CLEAN & JERK
 1 TIME CAP: 0

WOD 3
 FOR TIME
 10 OVERHEAD SQUAT (40/25 KG)
 10 RICE SHIMP
 10 TRUSTERS (40/25 KG)
 10 PUSH-UPS
 10 POWER CLEAN (40/25 KG)
 10 PULL-UP

TIME CAP: 7

ATHLETE NAME: DAVID JAMAÇENO

APPELLATE: _____ JUDGE NAME: _____

I confirm the information above accurately represents my performance for the workout.

ATHLETE SIGNATURE: _____ JUDGE SIGNATURE: _____

ATHLETE NAME: _____

APPELLATE: _____ JUDGE NAME: _____

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Havia um juiz para cada competidor e ao final de cada WOD, os juizes se reuniam para contabilizar a quantidade de repetições feitas por cada competidor. Ao final daquele WOD, que era o último da competição, foi anunciado o vencedor. Entre os irmãos T. B. e J. V., T. B. ficou em primeiro lugar.

Aquilo, que me parecia absolutamente normal, pois eu percebi haver um favorito, causou um mal-estar na família: a mãe e dos dois irmãos. T. B., ao saber que havia sido o vencedor, comemorou, ainda que exausto, e se jogou no chão para descansar. Com os braços muito doloridos, colocou um saco de gelo sobre cada antebraço para aliviar a dor que sentia. Enquanto J. V., o irmão que obteve o segundo lugar, sentou ao seu lado e permaneceu reflexivo, com expressão de decepção, conforme a imagem que segue.

Figura 47 - Irmãos T. B. e J. V. após a competição



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A competição havia acabado e competidores e expectadores se dispersavam e se reuniam em grupos, na parte de dentro e de fora do *box*. Nesse momento de dispersão, aproveitei para ir ao banheiro, que fica no segundo andar, tendo seu acesso pelos fundos do *box*, através de uma escada. Ao sair do banheiro e descer a escada, notei que J. V. estava ali próximo, reservadamente conversando com uma outra aluna. Ao passar por eles, escutei “Eu não acredito que o T. ganhou de mim. Isso não podia acontecer!”. Aquilo, de imediato, me chamou a atenção, porém, só havia eles dois ali e eu não podia, simplesmente, parar próximo a eles para continuar a escutar a conversa. De modo que também não me senti à vontade para perguntar a nenhuma outra pessoa o motivo pelo qual J. V. parecia estar tão decepcionado, pois me pareceu haver uma tensão muito grande envolvida nessa situação.

Dirigindo-me para a parte de fora do *box*, onde já se concentrava a maior parte das pessoas, que comentavam sobre seus desempenhos e de outros competidores, pude estar próximo à mãe desses dois competidores, que relatou à sua amiga “O T. não podia ganhar essa prova. Não do J. V.”. Aquilo, definitivamente me deixou atônita; de tudo que houve na competição, era a única coisa cujos motivos me interessava compreender, pois, de todo o

percurso que envolveu a pesquisa de campo, aquele exemplo de conflito me foi o mais nítido e perturbador.

Logo fui embora para minha casa, na intenção de ligar para Manuela e explicar o que aconteceu. Ela estava estudando naquele dia e não pôde participar da competição. Ao relatar o que percebi, logo lhe indaguei sobre os motivos de haver, nitidamente, um preferido para aquela prova. Manuela então me explicou que cada irmão se destaca no *box* pelas habilidades. Sendo T. B., um dos alunos que possui maior resistência física nos WODs envolvidos no *box*; e J. V., é um competidor regional de LPO (levantamento de peso olímpico), conseguindo levantar barras de ferro com cargas que se aproximam dos 150kg. Dessa forma, em uma disputa que envolvia, basicamente, levantamento de cargas em uma barra de ferro, parecia vergonhoso J. V. perder para o seu irmão.

Nessas disputas da vida social, que agem também como formas de afirmação de seu papel social dentro de um grupo e até como categorias de poder, a superação sobre o outro mostrou-se uma objetividade de forte demarcação conflituosa naquele grupo. Por isso, o conflito percebido ao longo dessa pesquisa possui esse valor estético inerente.

Por fim, trago um relato de um outro aluno, do qual me aproximei fora dos momentos de treino. Apesar de nunca ter treinado com ele, sempre conversávamos pelo *box*, enquanto eu assistia a outros alunos treinando, ou enquanto ele descansava de seu treino, ou enquanto aguardava para iniciar seu treino. Havendo também a opção de nenhum de nós ter ido treinar o WOD que seria praticado naquele dia, nem assistir os treinos alheios, mas “treinar” sozinho, no fundo do *box*, o desenvolvimento de algumas técnicas, como pular corda fazendo saltos duplos ou desenvolvendo técnicas de levantamento de peso. Para esses fins também, o *box* permanece aberto e livre aos alunos que desejam ir em horários diferentes de seus horários de treinos, para ficarem sozinhos, utilizando equipamentos para treinar os movimentos nos quais ainda não possuem muito domínio ou ainda mesmo indo praticar treinos individuais como forma de preparação para competições externas.

Nesses vários momentos, quando esse aluno constantemente estava presente, pudemos conversar. Em uma dessas conversas, ele me indagou o motivo de eu não estar treinando. Respondi-lhe que havia sentido fortes dores no joelho e na coluna e, por recomendação médica, interrompi os treinos para praticar fisioterapia. Ele, que passou por diversos tratamentos, nos ombros e joelhos, contou-me que também havia sido aconselhado a parar de treinar, mas que não conseguia se afastar dali. Que já havia praticado outras atividades, como natação e musculação, porém encontrava no *CrossFit* uma paixão. Nesse momento, aproveitei para lhe perguntar “mas por que o *CrossFit* é teu preferido?” e tive como resposta

Eu não largo nada por isso aqui! E a resposta tá ali no quadro³⁰. Todo dia é um desafio diferente, todo dia eu me desafio aqui. Todo dia eu posso desafiar o outro também. Numa academia de musculação eu não posso desafiar um outro. Em uma academia tem o treino A, B e C, toda semana. Aqui não, todo dia é uma expectativa pelo WOD, todo dia a gente desenvolve um domínio diferente. Por exemplo, só de levantar a barra do chão, eu aprendo a postura que deve estar a minha coluna, a posição que deve estar meus braços, eu forço o ombro, as costas, o abdômen e tem um propósito. Serve pra levantar qualquer coisa no meu dia a dia. A gente não exercita só o braço. O fim de tudo não é só ficar musculoso. Eu treino todo dia antes de ir trabalhar, chega eu vou relaxado. Eu não largo mais isso aqui não! **(Fábio A.)**

Continuando a conversa, ele comentou que mora em um apartamento e tinha o desejo de morar em uma casa, para poder comprar equipamentos maiores para treinar *CrossFit* em casa, junto aos amigos.

Eu quero até vender meu apartamento pra poder comprar uma casa e montar uma mini estrutura pra treinar em casa. Pra chamar o pessoal pra treinar nos domingos, já que o box fecha. O pessoal vai mesmo, não tem frescura. Tô te falando que aqui é só viciado. Pra treinar não tem hora. *CrossFit* não tem hora! **(Fábio A.)**

Esse relato responde a uma das perguntas que norteou esta pesquisa. Afinal, o que une as pessoas na prática do *CrossFit*? As pessoas que o praticam se unem a fim de quê? Meu interlocutor me deu uma dessas respostas, ainda que eu não tenha feito a ele exatamente essa pergunta. Mas foi o suficiente para desenvolver compreensões que objetivamos ao propor esta pesquisa. Nesse sentido, este trabalho não necessariamente responde, mas coloca questões que merecem ser mais investigadas neste campo que se desenvolve sob esta perspectiva, comunicacional.

4.3 Corpos tipificados e performáticos

Sob o ideal do *carpe diem* (aproveite o dia), Maffesoli aborda a ideia de que tudo deve ser vivido e aproveitado imediatamente, o que é produzido segundo uma consciência do momento presente. É por isso que as sociedades atuais privilegiam o corpo, na verdade, como diz Maffesoli, o “corporeísmo”. Para o autor, a vida urbana é uma vida de “aparências”, é no mundo das aparências que a cultura contemporânea é marcada por um hedonismo coletivo.

³⁰ Se referiu ao quadro branco, onde são anotados o WOD que será executado no dia.

Dada essa ênfase na aparência e no querer se ligar ao outro, algumas coisas, então, só se compreendem na presença do outro. Aqui discorro sobre a importância da construção dos corpos de um *crossfitter* e, conseqüentemente, das performances observadas em campo.

Para começar a tratar desse assunto, relato um desses meus dias de treino durante a pesquisa de campo. Ali, por eu ser iniciante, sempre carregava cargas mais leves, principalmente na barra de ferro. Desde o primeiro dia, eu executava os treinos carregando uma barra que pesa 10kg. Quando completei duas semanas de treino, seu M. T., aquele aluno RX, incentivou-me a treinar com a barra de 15kg, junto ao incentivo de sua esposa, M. T. e da Manuela, que treinava naquele dia junto comigo.

Naquele momento, o incentivo me deixou confusa. Ao mesmo tempo em que me conduzia a uma superação dos nossos limites, também agia como uma “pressão social”, para não cedermos às nossas fraquezas físicas, que estão sendo avaliadas por muitos. Após a insistência deles, eu consegui levantar a barra de 15kg, mas ainda me sentia mais segura com a barra de 10kg mesmo. Porém percebi que, uma vez que consegui realizar o treino carregando 15kg, se eu retornasse à barra de 10kg, pareceria um fracasso, de alguma forma, para aqueles que me assistiam. O que me mostrou que a superação sobre mim mesma, nem sempre é individual, mas social e performática. No *box*, é preciso mostrar aos outros também que você se supera, que supera seus limites, sendo aplaudido, elogiado, impulsionado.

Essa superação, no *box*, acontece, principalmente, na execução de técnicas. Pois algumas posições e movimentos, demandam desenvolvimento de técnicas e resistência física já um pouco mais avançadas. Como nos movimentos a seguir.

Figura 48 - Alunos praticando o movimento *handstand walking*³¹



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Por isso é muito comum, vez ou outra, alguém se assustar com gritos dentro do *box*. Acontecem, principalmente, quando algum aluno consegue realizar algum movimento que não realizava antes. Muitos desses movimentos, inclusive, são fatores típicos que caracterizam um *crossfitter*, pois são movimentos próprios do esporte. Conseguir “andar de cabeça para baixo”, por exemplo, é um movimento que requer algumas daquelas técnicas citadas no início desse trabalho: força e equilíbrio.

Mauss (1974), em seu texto sobre as técnicas corporais, articula uma reflexão antropológica em torno do corpo. Aborda não só o corpo como um objeto possível para reflexão antropológica e sociológica, como também as dimensões sociais do corpo, da sua construção e as variedades de representações sociais ligadas a ele.

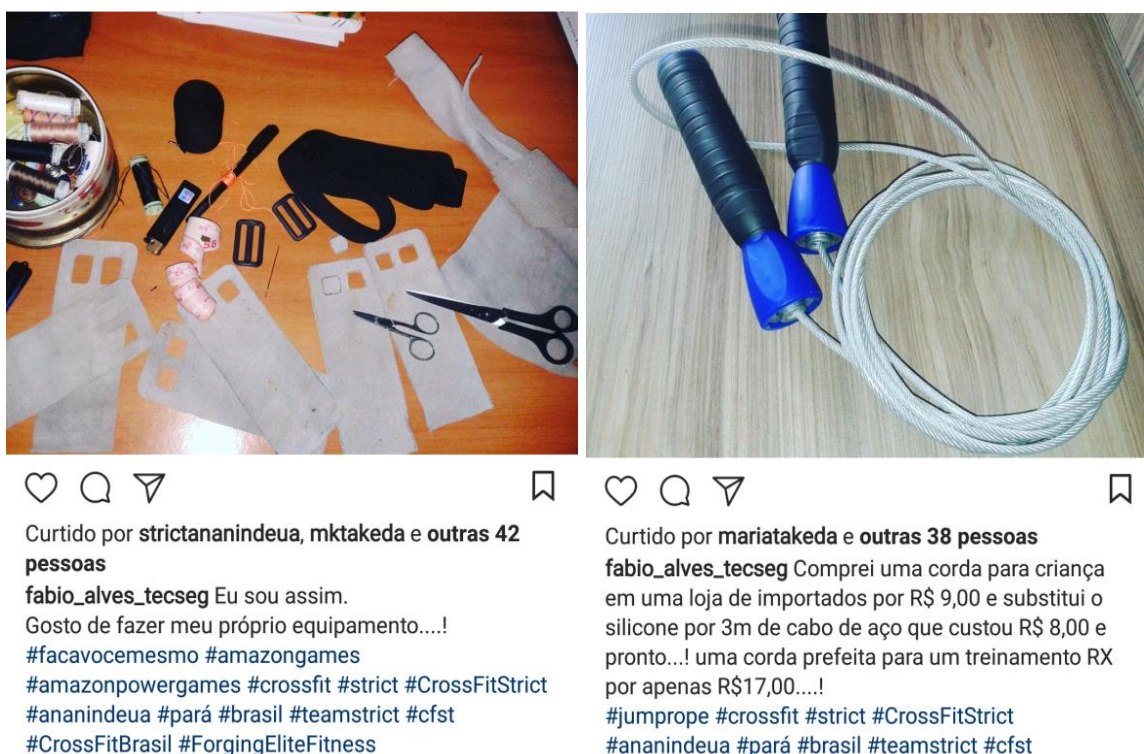
Sobre as técnicas corporais, segundo Mauss (1974, p. 211), “a maneira como os homens sabem servir-se de seus corpos” faz parte das representações coletivas. São formas pelas quais a vida social se inscreve em e se utiliza desse “mais natural instrumento” (MAUSS, 1974, p. 217) do qual dispomos.

É fato que para o desenvolvimento de algumas técnicas no *CrossFit*, alguns acessórios são indispensáveis. Isso também explica o envolvimento que os praticantes possuem com as

³¹ Movimento do *CrossFit* em que se anda de ponta-cabeça. Corresponde ao que conhecemos no Brasil como “plantar bananeira”.

marcas esportivas, as quais eles têm o prazer de exibir com seus materiais de treino. Entretanto, pude perceber, durante a pesquisa de campo, que há uma performance que se construiu num outro sentido, quando um próprio aluno produzia seu material de treino. O que me atraiu bastante a atenção.

Figura 49 - Material de treino produzido pelo próprio aluno



Curtido por strictananindeua, mktakeda e outras 42 pessoas
fabio_alves_tecseg Eu sou assim.
 Gosto de fazer meu próprio equipamento....!
 #facavocesmo #amazongames
 #amazonpowergames #crossfit #strict #CrossFitStrict
 #ananindeua #pará #brasil #teamstrict #cfst
 #CrossFitBrasil #ForgingEliteFitness



Curtido por mariatakeda e outras 38 pessoas
fabio_alves_tecseg Comprei uma corda para criança em uma loja de importados por R\$ 9,00 e substitui o silicone por 3m de cabo de aço que custou R\$ 8,00 e pronto...! uma corda perfeita para um treinamento RX por apenas R\$17,00....!
 #jumprope #crossfit #strict #CrossFitStrict
 #ananindeua #pará #brasil #teamstrict #cfst



Fonte: ALVES, 2017.

Ao produzir seu próprio equipamento de treino, esse aluno demonstra não somente um desapego às marcas prestigiadas pelos demais alunos, mas faz parecer que, para melhor execução dos exercícios e das técnicas, o que importa mesmo, é o próprio corpo. De acordo com Mauss, mesmo um objeto visto como o mais natural, o corpo, é moldado e construído pela vida social, sendo os atos e as atitudes corporais um reflexo das representações sociais. Esses “atos e atitudes corporais” conduzem, então, a uma performance.

Uma tradução possível para *performance* é desempenho, referindo-se à execução de uma ação. Assim, se pensarmos que um atleta tem uma boa *performance*, entendemos que seus desempenhos são eficientes. No meio artístico, se textos ou falas estrangeiras referem-se a uma *performance* de um grupo teatral ou musical, sabemos logo que se trata também de seu desempenho ou de uma ação, como um espetáculo.

Há dois usos bastante específicos da palavra através dos termos *Estudos da Performance* e *Performance Art*. O campo *Estudos da Performance* tem, como um de seus pensadores mais representativos, o teórico Richard Schechner, que se aproximou do antropólogo Victor Turner, realizando uma série de colaborações, a partir daí formando-se esse campo de investigação.

A colaboração entre Schechner e Victor Turner propiciou a expansão do uso do termo *performance*. Turner desenvolveu o conceito de “drama social” a partir de estruturas tradicionais da ação dramática aplicadas à análise de manifestações culturais. Turner não considerava a *performance* como algo à parte da vida social, fora do cotidiano, mas sim, enfatizava seu aspecto de transitoriedade, de estar “entre”, como um lugar de negociação.

Para Schechner,

Performance deve ser analisada como um “largo espectro” ou “continuum” de ações humanas variando do ritual, jogo, esportes, entretenimentos populares, artes performáticas (teatro, dança, música) e performances da vida cotidiana para a representação de papéis sociais, profissionais, de gênero, raça e de classe e para a cura (do xamanismo à cirurgia), para a mídia e Internet. (SCHECHNER, 2002, p. 2)

Quando isso acontece numa *performance* é produzido no público e nos atores um “breve estado de êxtase e senso de união (geralmente durando poucos segundos apenas)” (TURNER apud SCHECHNER, 1990, p. 13).

Aqui faço a aproximação dessa noção na intenção de relacioná-la ao que Norbert Elias trata como “processo civilizador”, próprio desse ambiente esportivo, em relação ao qual descreverei adiante formas que essas performances tomam no *box*.

Para Norbert Elias (1994), a esfera do lazer desempenha um papel, ou função, de gerar uma tensão-excitação agradável, que ao mesmo tempo permite às pessoas darem vazão às suas emoções e servem de exercício para o autocontrole. Nesses casos, quanto maior o período de antecedência para o desfecho, maior é o clímax.

Em uma competição ou WOD, por exemplo, os primeiros minutos envolvem menos interesse que os minutos finais, quando os resultados estão na iminência de se revelar. É nesse momento final, quando se empenham os últimos esforços, que pode ocorrer a superação – sobre si³² ou mesmo sobre o outro. Nesse processo, não é somente a vitória que importa, e sim o que Elias chama de “excitação mimética”: na qual se criam tensões em situações em que não há o perigo real.

³² Em forma de PR (recorde pessoal), por exemplo.

Para o autor, a sociedade contemporânea seria caracterizada por uma enorme pressão psíquica sobre os indivíduos, obrigados a um “controle estável dos seus impulsos libidinais, afetivos e emocionais mais espontâneos, assim como dos seus estados de espírito flutuantes”. Nelas haveria “um campo de ação muito limitado para a demonstração de sentimentos fortes” (ELIAS, 1994, p. 69). Aí se insere a importância do lazer, na qual os esportes estão incluídos. No caso de uma competição de *CrossFit*, da mesma forma que na tragédia antiga estudada por Aristóteles, assinalam Elias e Dunning que

Os espectadores podem saborear [...] a excitação mimética de um confronto entre duas equipas, evoluindo de um lado para o outro no terreno do jogo, sabendo que nenhum mal ocorrerá aos jogadores nem a si mesmos. Tal como na vida real, podem agitar-se entre as esperanças de sucesso e medos de derrota; e nesse caso, activam-se sentimentos muito fortes, num quadro imaginário, e a sua manifestação aberta na companhia de muitas pessoas pode ser a mais agradável e libertadora de todas, porque na sociedade, de um modo geral, as pessoas estão mais isoladas e têm poucas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos intensos. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 71-72).

Nesse conjunto de exercícios e práticas que envolvem a construção do corpo no *CrossFit*, o esporte ocupa um lugar importante, num certo “apaziguamento dos ânimos”, do qual já tratamos aqui, sob o conceito de Elias, como “processo civilizador”, para resolver o conflito pela via do enfrentamento regrado, dentro de um quadro específico, marcado pelo jogo ou esporte.

Esse clímax e, de certa forma, descarrego de tensões, que se produzem no *CrossFit*, tomam suas formas mais dramáticas quando há expectativa e audiência, conforme expus quando iniciei este tópico, ao relatar minha própria experiência. Para ilustrar mais ainda, insiro aqui o depoimento de Manuela, quando me relatou sobre sua experiência no Open³³.

A gente pensa que torcida não faz diferença, né? Mas faz toda! Eu tava lá, fazendo meu WOD do Open, mas eu ando meio parada, né? Então eu cansei logo, me joguei no chão e falei que eu não ia mais continuar. O Rober, na mesma hora, me disse “Tu vais continuar sim. Tu vais até o final.” Nessa hora, a Karen, que já tava lá na porta do box, saindo, voltou e disse “Ei, tu vais conseguir, Manu!” e ficou ao meu lado. Nessa hora todo mundo ficou ao meu redor. Teve uma hora que eu não aguentava mais de novo. Mas eles estavam esperando algo de mim, sabe? Então eu sabia que eu tinha que dar o meu máximo, pois não era mais só pra mim, era pra eles também. (Manuela G.)

³³ Aquela competição mundial de *CrossFit*, que agrega praticantes de todos os níveis, no mundo inteiro. Onde a grande maioria dos praticantes não se insere na intenção de se tornar um atleta profissional, mas de estar seus desempenhos e buscar seus recordes pessoais (PRs)

Percebi que essa performance também é muito presente como um rito de passagem à “consagração”, marcada pela superação individual dos alunos no momento de seus esforços máximos, como sinalizou o relato da Manuela.

Turner baseou-se na obra de Arnold Van Gennep, particularmente no livro *Ritos de passagem* (1908), para defender a ideia de que esses ritos incluíam uma cerimônia que marca uma mudança individual ou social.

Van Gennep estava interessado em desenvolver um modelo para analisar como a organização do ritual governa a transição de indivíduos ou de sociedades como um todo, de uma situação social para outra. Ele se concentrou em cerimônias nas quais indivíduos passavam de um papel dentro da sociedade para outro e, o termo “ritos de passagem” passou a ser comumente associado a esse processo, especialmente aos ritos de puberdade marcando a mudança da infância para a fase adulta. (CARLSON, 2004, p. 16).

Esse caráter transitório, demarcado no *box* pelas superações, que são muito caras aos praticantes desse esporte, envolve inerentemente sacrifícios constantes. Nessa busca pela superação, esses sacrifícios³⁴ também vão sendo tipificados; evidenciados aos demais como processos da construção do corpo de um *crossfitter*. Como espécies de “marcas de guerras”.

Sobre a importância da superação para eles:

³⁴ Em sua obra, Mauss e Hubert (2005) falam dos ritos e momentos em uma ocasião de sacrifício, que possui dos tipos: o de entrada e o de saída. Aqui tratamos do sacrifício de entrada, que é abordado enquanto “passagem” de um estado a outro, marcado no crossfit pela superação.

Figura 50 - Relatos dos alunos sobre suas superações

Rodrigo Neves
27 DE JUN ÀS 11:17 · ANANINDEUA · 🌐

Crossfit é o esporte da superação. Se não há o desejo de ir além, os resultados não aparecem. Ninguém nasceu com um corpo perfeito, ou com habilidades incontestáveis em uma atividade específica. É tudo fruto de muito treino e determinação. Nesse esporte, você é o seu maior adversário, supere-se todos os dias. Não posso deixar de agradecer aos profissionais que estão envolvidos também, Coach **Mayk Lucanda**, **Ruber Brito**, **Maylan França**, seus ensinamentos diários me ajudaram muito. Obrigado, a família Strict agradece!!! 🗨️ 🍷 🏆 📄

#crossfit #teamStrict #CSFT

+55 91 8290-5992 Foto

Pessoal obrigada por cada grito de incentivo. Parabéns família Strict pelo evento maravilhoso deste fds, **Maylan Brito**, **Ruber Brito** @Dan (Strict) @Strict **Rafaela** vcs foram sensacionais. Obrigada por me fazerem acreditar em mim mesma. Vamos q a evolução é diária e o topo é sempre o limite. Rumo ao scale 🤔

16:18

+55 91 8294-2655 -Karen Ferreira

aaaa...qq evolução é significativa! fazer algo que ontem voce nao fazia, vale muito a pena! Parabens, meninos! Isso é crossfit 💪

★ 15:55

+55 91 9146-4191 -Karen Rodrigues 🌟

Dan (Strict)
Parabéns Karen, Jaelson, Renata

Com medo mas virei!!! 😊

15:57

+55 91 8264-1529 -Thiago @FRANCIÃO 202...

👏👏👏👏

15:58

Dan (Strict)

Galera Crossfit é isso, se superar a cada dia

16:01

+55 91 8294-2655

Gente, tava olhando algumas fotos e me emocionei demais com essa!! Essas duas pessoas ali atrás em todas as minhas fotos do wod 2 estão torcendo por mim, e quando consegui levantar esse peso a surpresa deles foi a concretização da minha superação. Obrigada a todos que torceram por mim, isso faz uma enorme diferença pra quem está competindo!!!

19:52

Fonte: Grupo do WhatsApp do *CrossFit Strict*

Turner assinala que há uma mudança de um papel social ou mesmo uma mudança na identidade que provoca transformações em todo o grupo ao redor daqueles que passam por esse ritual de passagem, anunciando uma nova fase, um novo *status* para o indivíduo. Esses processos se aproximam da noção de sacrifício, abordada por Mauss e Hubert, especificamente, do processo de sacralização, que é um rito de entrada. Essas “entradas”, no *CrossFit*, referem-se à ascensão das categorias (de iniciante a *scale*, de *scale* a *RX*, principalmente), à superação da dor, do cansaço, das lesões, “Já que o sacrifício tem por

finalidade afetar o estado do sacrificado ou do objeto do sacrifício” (MAUSS; HUBERT, 2005, p. 56).

Nesses processos, os corpos vão ficando marcados, sinalizando as evoluções e os próprios atravessamentos dessas fases, nas quais, em uma linguagem metafórica, “um certo grau de parentesco com o deus é inicialmente exigido dos que querem ser admitidos ao sacrifício” (MAUSS; HUBERT, 2005, p. 28).

As imagens a seguir, ilustram a ideia do sacrifício, no qual as mãos chegam a ficar feridas pela fricção com as barras de ferro ou subidas na corda, e as pernas também feridas, pelo movimento de ficar saltando sobre as caixas de madeira. Pela grande quantidade de repetições, que deve ser executada no menor tempo possível, as forças nas pernas chegam a falhar, devido à exaustão muscular. Nesses momentos, muitos tropeçam nas caixas e machucam suas pernas, ou no exercício de subir na corda, por onde se desce deslizando com os pés. Os alunos que ainda não dominam essa técnica – de subida de corda, por exemplo – acabam por deslizar a corda nas pernas, fazendo com que ocorram ferimentos.

Figura 51 - Alunos exibindo os corpos tipificados através do sacrifício



Fonte: Grupo do WhatsApp do *CrossFit Strict*

Nessas ocasiões, quando os alunos machucam suas pernas nas caixas, eles assinam seus nomes e, às vezes, a data em que aquilo aconteceu. Seus sacrifícios ficam, então, expostos³⁵ aos demais, sinalizando seus esforços e suas transições, conforme as imagens abaixo.

Figura 52 – Registros dos nomes e datas dos alunos que se machucaram nas caixas



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

É nesse sentido que Mauss e Hubert caracterizam o rito do sacrifício de entrada:

A coroa que o sacrificante punha na cabeça, ao mesmo tempo que o afastava as más influências, mascarava-o com um caráter sagrado. Todas essas purificações e consagrações preparam o profano para o ato sagrado, eliminando de seu corpo os vícios da laicidade, retirando-o da vida comum e introduzindo-o passo a passo no mundo sagrado dos deuses (MAUSS; HUBERT, 2005, p. 28-29).

³⁵ Esse modo de tipificar o sofrimento e transição e expô-las ao grupo, parece ilustrar o que disse Mauss e Hubert: “Mas ele não se santificava para si mesmo: santificava-se também para a pessoa ou sociedade em nome do qual agia” (MAUSS; HUBERT, 2005, p.29).

Dessa forma, todos esses ferimentos representam a “coroa” (superação) que os retira do “profano” (que aqui faço analogia ao pouco domínio das técnicas do corpo) ao “sagrado” (que faço analogia ao êxito do domínio das técnicas desse corpo).

Assim, em relação ao que constrói a performance de um *crossfitter*, encontram-se também várias tipificações, como essas mencionadas anteriormente: o corpo, as marcas e ferimentos. Nisso há um significado subjetivo, abordado por Schutz, de acordo com as relevâncias eleitas pelo grupo:

O significado subjetivo que o grupo possui para seus membros consiste em seu conhecimento de uma situação comum com o decorrente sistema de tipificações e relevâncias. Essa situação possui sua própria história, na qual as biografias dos membros também tomam parte; e o sistema de tipificação e relevâncias que determinam a situação formam uma concepção relativamente natural do mundo que é compartilhado. Aqui os membros individuais estão “em casa”[...] guiados por um conjunto de hábitos mais ou menos institucionalizados, costumes, normas, etc., que o ajudam interagir com os semelhantes que pertencem à mesma situação. O sistema de tipificações e relevâncias compartilhado com os outros membros do grupo define os papéis sociais, as posições e o *status* de cada um. Essa aceitação de um sistema comum de relevâncias leva a uma autotipificação homogênea por parte de todos os membros do grupo (SCHUTZ, 2012, p. 95).

Essas autotipificações, no *box CrossFit Strict*, por sua vez, apontam as “relevâncias” dos próprios alunos, de forma individual ou grupal, sobretudo, através das categorias em que se encontram – iniciante, intermediário ou RX. Agregando a eles benefícios desses ritos de passagem, como status e prestígio dentro do grupo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A postura metodológica utilizada nesta pesquisa foi muito adequada para tentar compreender possíveis respostas a vários questionamentos que me pareciam mais difíceis de ser alcançados caso não os abordasse por meio de uma relação mais próxima aos interlocutores, buscando ser vista não como pesquisadora, mas como própria praticante dos processos pesquisados. Os percursos adotados e as possibilidades de interpretação me fizeram perceber a pertinência do método etnográfico para o escopo da pesquisa em Comunicação, já que me debrucei sobre as relações cotidianas de um grupo urbano, para compreender simbolismos subjetivos e significados objetivos.

O aporte teórico, por sua vez, também me permitiu dar conta do objeto pesquisado, ajudando a problematizá-lo e evidenciando a necessidade de a comunicação buscar também em outros campos os saberes que ajudam a compreender essas dimensões intersubjetivas do social e seus desdobramentos na vida em sociedade.

Realizar uma pesquisa nessa microssociedade remete a uma dimensão macro a importância dessas formas de socialização, seus conteúdos, suas finalidades, interesses, os afetos produzidos nos e a partir dos elementos categorizados de acordo com os sistemas de relevância de cada grupo social que se forma. Também evidencia e ressalta um hedonismo coletivo, próprio das sociedades contemporâneas, em seu “querer viver o agora”, o “momento já”. Buscando nos outros aquilo que os identifica individualmente e que os consolida como grupo. O *CrossFit* aqui foi um ótimo domínio para buscar compreensões desse querer viver coletivo, nesse mundo decorrente da nossa necessidade de prazer, em razão da qual buscamos no outro – e nos ligamos a ele por – aquilo com o que nos identificamos individualmente, a fim de nos consolidarmos enquanto grupo.

Nessa pesquisa de campo, eu pude experienciar também a lamentação de ter que interromper os treinos por conta de uma “lesão”, tal como outros alunos – o que enriqueceu ainda mais as minhas percepções dessa experiência de campo. Quando isso aconteceu comigo, foram muitos que me viam pelo *box* sem treinar e me questionavam por que eu não estava mais participando ativamente dos treinos. Os alunos que também precisaram passar por tratamentos fisioterapêuticos me relatavam que encaravam as lesões como oportunidade de superação, para a qual muitos usavam o próprio *box*, fora de seus momentos de treino, a fim de fortalecer suas articulações (de joelhos, coluna e ombros). Relatos como “Foi aqui que eu superei a própria lesão que o *CrossFit* me causou”, possibilitaram-me enxergar o treino e as relações a partir dele como elemento que extravasa o racional e incorpora essa experiência

estética presente no *CrossFit*. Essa experiência suspende as diferenças individuais para formar um corpo coletivo, ainda que com suas inúmeras diferenciações.

Muitas também são algumas “certezas” de grupos externos, ao caracterizarem o *CrossFit*. Um grande exemplo veio de um profissional da saúde, no momento em que fui a uma clínica realizar os exames requeridos pelo ortopedista. Nesse dia, fui à uma clínica realizar exames de radiografia e ressonância magnética, para descobrir a causa das fortes dores na coluna e no joelho direito, que senti após começar a praticar *CrossFit*. Ao entrar na sala em que fiz a radiografia, o profissional técnico me perguntou o motivo de eu estar fazendo aquele exame. Comentei que havia iniciado a prática de um esporte há cerca de um mês e que, desde então, estava sentindo dores nos joelhos. Surpreendi-me quando, de imediato, ele me perguntou “É *CrossFit* que estás fazendo?”. Respondi que sim. Ele sorriu, de certa forma irônica, e completou dizendo “Se eu aprendi alguma coisa nesse pouco tempo de profissão, é que eu nunca devo fazer esse tal de *CrossFit*. Todo mundo aparece aqui reclamando”. Acontece que há uma grande discussão a respeito das lesões no *CrossFit*. Principalmente por fisioterapeutas. São muitos os que criticam as consequências da intensidade dos treinos.

Essas tantas críticas que o esporte sofre, são rebatidas pelos seus praticantes, que, inclusive, utilizam as afiliações dos *boxes* em seus discursos como necessidade que legitima a prática e garante a segurança da realização dos treinos, legitimando-os ainda mais como grupo que se distingue dos outros. Essas distinções assumem variadas formas, presentes em vestimentas, acessórios e também em seus corpos – definidos, machucados, exaustos – que narram suas trajetórias dentro do esporte, por meio, principalmente, da superação. Essas superações parecem ter uma dimensão gloriosa, mas não sem antes passar pelo purgatório do sacrifício, no qual, sobretudo, as performances têm papel central. Elas se encontram naquele jogo de aparências (MAFFESOLI, 2010), que são repetitivos na vida corrente, em seus rituais e gestos, que se constroem na produção e partilha desses objetos.

Nessa pesquisa, não tive informantes, mas interlocutores, pois não busquei naquele grupo respostas às hipóteses previamente formuladas. Eu sequer as formulei de forma estrita, permitindo que o próprio campo me induzisse-as. Mas busquei viver com eles aquilo mesmo que eles vivem dentro do *box*, para então poder descrever essas relações a partir de uma compreensão que possa ser calcada na aproximação da compreensão que eles têm sobre o mesmo objeto, através de percepções e sensações.

De fato, saio desta pesquisa encantada e afetada por vários conhecimentos – a partir da convivência com eles. Não compartilho, contudo, de uma afetividade tão elevada, a ponto de

ignorar os riscos que percebi no esporte. Posto que sequer uma avaliação física é realizada ou requerida no momento de matrícula no *box*. As pessoas lá só conhecem suas limitações físicas testando-as, pondo-as à prova do limite. O que impera, sem dúvidas, é esse querer estar junto, treinando, não treinando, assistindo, torcendo, machucando-se, incentivando, sendo incentivado, expondo-se, sendo desafiado, superando-se ou superando o outro. Tudo isso reitera a noção de estética e dessas sensibilidades coletivas enquanto fenômeno que fundamenta e justifica-se na vida social.

No *CrossFit*, as relações sociais, que servem para incentivar a vitória, servem também para consolar as derrotas. Da mesma forma que as afetividades compartilhadas atuam na busca pelo mesmo objetivo, também travam conflitos, demarcados pelas disputas, diante das quais mesmo a superação que se busca e se atinge é inalcançável sem a presença do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Fábio. fabio_alves_tecseg. **Instagram**, [on-line], 2017. Perfil no Instagram. Disponível em: <<https://goo.gl/HgW27e>>. Acesso: 12 jul. 2017.
- ANANINDEUA. Município. Prefeitura de Ananindeua, [on-line], [20--]. Disponível em: <<https://goo.gl/YJSm2g>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BELÉM (PARÁ). In: WIKIPÉDIA. [on-line], [20--]. Disponível em: <<https://goo.gl/Ps8uF2>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- BIO WELLNESS. **Bio Wellness**, [on-line], [20--]. Disponível em: <<https://goo.gl/jDN5d6>>. Acesso: 12 jul. 2017.
- CARLSON, M. **Performance: a critical introduction**. London: Routledge, 2004.
- CASTRO, F. F. et al. Intersubjetividade, sensibilidade e comunicação. In: MENDONÇA, C. M. C.; DUARTE, E.; CARDOSO FILHO, J. (Org.). **Comunicação e sensibilidades: pistas metodológicas**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2016. p. 99-116.
- CROSSFIT INC. Affiliate List. **CrossFit Inc.**, [on-line], [20--]a. Disponível em: <<https://goo.gl/RVBfS2>>. Acesso: 12 jul. 2017.
- _____. Affiliate Map. **CrossFit Inc.**, [on-line], [20--]b. Disponível em: <<https://goo.gl/cvdprh>>. Acesso: 12 jul. 2017.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.
- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.
- FRANÇA, V. L. Quéré: dos modelos da comunicação. **Fronteiras**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 37-51, 2003.
- GLASSMAN, G. O Guia de treinamento *CrossFit*. **CrossFit Journal**, [on-line], 13 jul. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/7B1wew>>. Acesso em: 20 abr. 2017
- GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46 n. 2, p. 445-476, 2003.
- _____. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.13, n. 13, p. 149-153, 2005.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, dez. 2009.
- MATEUS, S. A etnografia da comunicação. **ANTROPOLógicas**, Porto, v. 13, p. 84-89, 2015.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- MAUSS, M.; HUBERT, H. Sobre o sacrifício. São Paulo: Cosac Naif, 2005.
- NEWMAN, G. R. A theory of deviance removal. **The British Journal of Sociology**, v. 26, n. 2, p. 203-217, jun. 1975.
- PERES, F. F. et al. A 'sensibilidade' de Simmel: notas e contribuições ao estudo das emoções. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 28, p. 93-120, abr. 2011.

- PERUZZO, C. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p. 125-145.
- QUÉRÉ, L. **Des miroirs equivoques**: aux origines de la communication modern. Paris: Aubier, 1982.
- _____. D'um modele épistemologique de la communication à um modele praxeologique. **Réseaux**. Paris, n. 46/47, mar./abr. 1991.
- RODRIGUES, A. D. Arte e experiência. **Revista de comunicação e linguagem**, Lisboa, n. 12/13, p. 25-33, jan. 1991.
- SCHUTZ, A. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes 2012.
- SIMMEL, G. **Conflict and the web of group affiliations**. New York: The Free Press, 1964.
- _____. A metrópole e a vida mental. In: Velho, O. G. (org.), O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar. 1967. p.13-28.
- _____. **Georg Simmel**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. **Questões fundamentais de sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SCHECHNER, R. **Performance studies**: an introduction. London: Routledge, 2002.
- _____. O que é performance? **O percevejo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 12, p. 25-50, 2003.
- _____. **Antropologia e Performance**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- SODRÉ, M. **O Dono do Corpo**. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.
- _____. **O Monopólio da Fala**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
- _____. **A Comunicação do Grotesco**: introdução à Cultura de Massa no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- _____. **O Bicho que chegou à Feira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991b.
- _____. **O Brasil Simulado e o Real**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991a.
- _____. **O Social Irradiado!** violência urbana, neogrotesco e mídia. Rio de Janeiro: Cortez, 1992a.
- _____. **A Máquina de Narciso**. Rio de Janeiro: Cortez, 1992b.
- _____. **Bola da Vez**. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.
- _____. **Rio, Rio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- STRICTANANINDEUA. Croffit Strict. **Instagram**, [on-line], 2017. Perfil no Instagram. Disponível em: <<https://goo.gl/M9Rxn>>. Acesso: 12 jul. 2017.
- TRAVANCAS, I. S. A experiência etnográfica no campo da comunicação. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 27., 2010, Belém. **Anais...** Brasília: ABA, 2010. p. 1-16.
- VELHO, G. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- _____. Cotidiano e política num prédio de conjugados. In: ALBUQUERQUE, J. A. G. (Org.). **Classes médias e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.145-152.

_____. **O desafio da cidade:** novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. **Mana**, Rio de Janeiro, 17(1): 161-185, 2011.

VELHO, O. G. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

APÊNDICE A - GLOSSÁRIO DO *CROSSFIT*

<i>ABS</i>	Treino que visa ao fortalecimento da região denominada “core”, que corresponde ao abdômen e costas
<i>Beginner</i>	Praticante de <i>CrossFit</i> iniciante
<i>Box</i>	Espaço onde ocorrem os treinos
<i>Coach</i>	Treinador
<i>CrossFit Inc.</i>	Empresa fundadora e patenteadora do esporte <i>CrossFit</i>
<i>Head coach</i>	Treinador que monta os treinos (WODs)
<i>Judges</i>	Juízes em uma competição de <i>CrossFit</i>
<i>PR</i>	Recorde pessoal / <i>Personal Record</i>
<i>RX</i>	Praticante de <i>CrossFit</i> que alcançou o estágio mais avançado, preparado para competições.
<i>Scale</i>	Praticante de <i>CrossFit</i> em estágio intermediário
<i>Strict</i>	Nome do box, significando “rígido” em português
<i>Score</i>	Pontuação de rendimento com base nas repetições de cada movimento do exercício (WOD)
<i>WOD</i>	Treino do dia / <i>Workout Of the Day</i>